

CASO DE POLÍCIA

O ASSASSINATO DO CASAL RICHTHOFEN

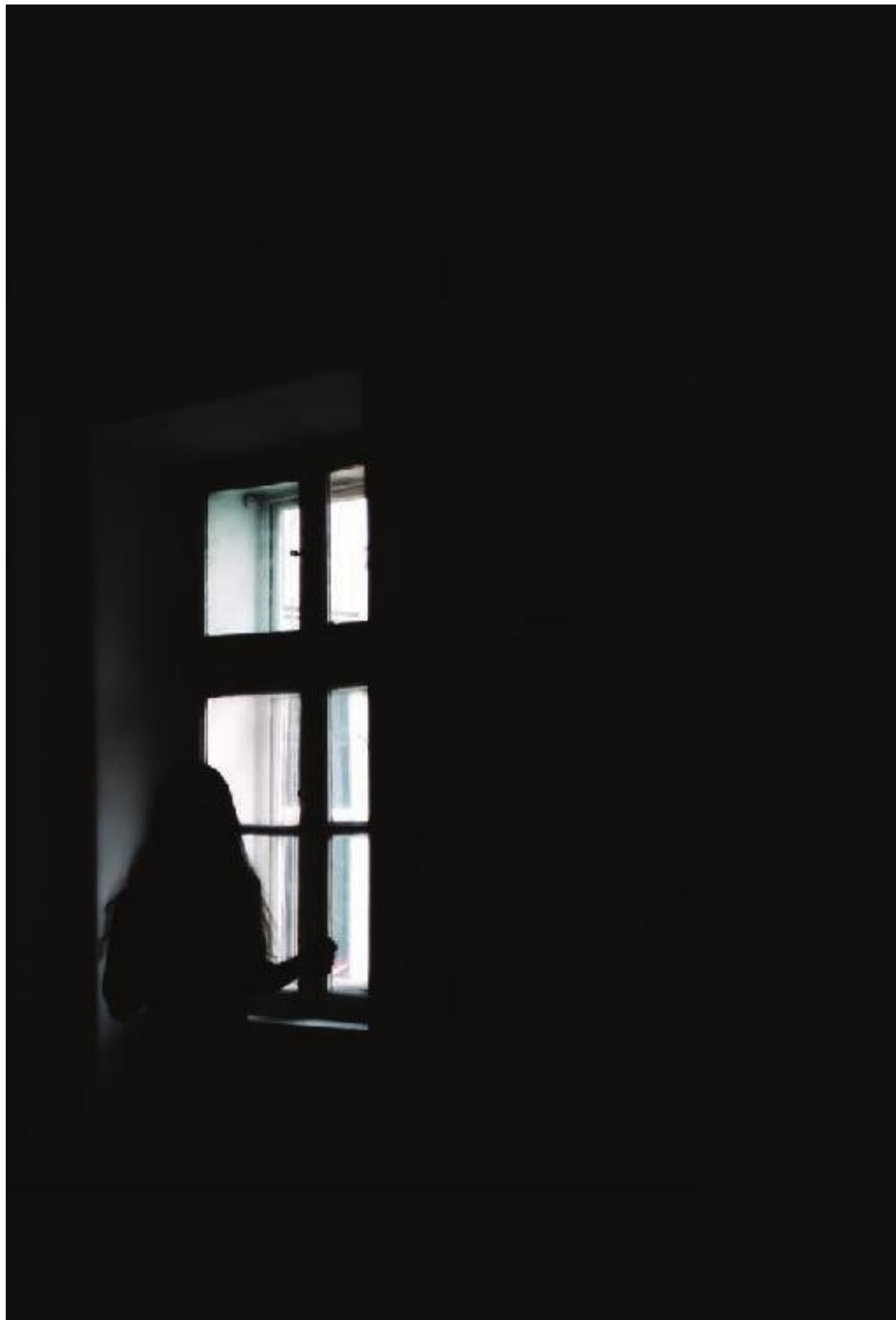
ILANA CASOY

O QUINTO MANDAMENTO



Ediouro





CASO DE POLÍCIA

O ASSASSINATO DO CASAL RICHTHOFEN

ILANA CASOY

O QUINTO MANDAMENTO

ILANA CASOY

O QUINTO MANDAMENTO



Índice

- [Capa](#)
- [Sobrecapa](#)
- [Rosto](#)
- [Créditos](#)
- [Dedicatória](#)
- [Agradecimentos](#)
- [Prefácio](#)
- [Prólogo](#)
- [O Crime](#)
- [Caso de Polícia](#)
- [A Perícia](#)
- [O Exame de Manfred](#)
- [O Exame de Marísia](#)
- [O Exame da Arma](#)
- [31 de outubro de 2002](#)
- [1º de novembro de 2002](#)
- [2 de novembro de 2002](#)
- [3 de novembro de 2002](#)
- [4 de novembro de 2002](#)
- [5 de novembro de 2002](#)
- [6 de novembro de 2002](#)
- [7 de novembro de 2002](#)
- [8 de novembro de 2002](#)
- [Fotos da Reconstituição](#)
- [Fotos Especiais](#)

ILANA CASOY

O QUINTO MANDAMENTO

CASO DE POLÍCIA



Ediouro

© 2006 by Ilana Casoy

Todos os direitos reservados à Ediouro Publicações Ltda., 2009.



Diretor executivo: Edaury Cruz

Editora: Cristina Fernandes

Assistente editorial: Marcus Assunção Coordenadora de produção: Adriane Gozzo Assistente de produção: Juliana Campoi Revisão: Vanessa Rodrigues

Editora de arte: Ana Dobón

Projeto gráfico: Dany Editora Ltda.

Fotografias: Edson Wailemann e José Carlos Aloe Capa: Ana Dobón

Imagem de capa: Stock Photos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Casoy, Ilana

O Quinto Mandamento: caso de polícia / Ilana Casoy. — São Paulo : Ediouro, 2009.

ISBN 978-85-0002370-5

1. Assassinatos - Brasil 2. Assassinatos - Estudo de casos 3. Jornalismo 4. Literatura de não-ficção
5. Reportagem em forma literária 6. Reportagens investigativas I. Título.

08-11923 CDD-364.15240981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Assassinatos : Casos de polícia : Criminologia : Problemas sociais 364.15240981

7a edição, fevereiro de 2009.

Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso

Rio de Janeiro - RJ - CEP 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212/3882-8313

www.ediouro.com.br

Aos meus pais, Julio e Estella Casoy, a quem honro hoje e sempre, dedico este livro.

Amo vocês... “Nasdarovi!”

Agradecimentos

Muitos dizem que eu tenho sorte. Eu acredito que tenho bons amigos. Sem eles, nada seria possível.

Na Superintendência da Polícia Técnico-Científica, que engloba Instituto de Criminalística e Instituto Médico-Legal, contei sempre com Celso Perioli, José Domingos Moreira das Eiras, Jane M.P. Belucci, Agostinho Pereira Salgueiro, Ricardo Salada, Edson Wailermann, Flávio Teixeira Jr., José Carlos Aloe, Marcos Rogério dos Santos Boy e os médicos-legistas André Ribeiro Morrone e Antonio Carlos G. Ferro.

Na Polícia Civil, meus colaboradores foram Marco Antonio Desgualdo, Domingos Paulo Neto, Armando de Oliveira Costa Filho, José Masi, Cíntia P.C. Tucunduva Gomes, Alvim Spinola Castro, Carlos Eduardo Montez, Robson Feitosa da Silva e Sérgio de Oliveira Pereira. Agradeço também todos os que participaram da investigação, fazendo história.

No Ministério Público, ajudaram-me incansavelmente Ivana David Boriero, Alberto Anderson Filho, Roberto Tardelli, Virgílio Antonio Ferraz do Amaral, Divanira de Fátima Moraes e Gessilda Gallardi.

Os amigos de todas as horas, para o bem e para o “mal”

e por ordem alfabética (é claro!): Adriana Monteiro, Christian Dunker, Claudia M.S. Bernasconi, Maria Adelaide de Freitas Caíres, Rodrigo Cardoso e Rosangela Sanchez.

Janice Florido e Carla Fortino, sua expertise foi fundamental, seu carinho, imprescindível.

Eduardo Morales, meu assistente querido, meu amigo in-condicional. Sua dedicação me comove e faz toda a diferença.

Fernando e Marcelo, filhos amados, sempre conto com vocês ao longo do caminho. A vida é melhor porque vocês estão sempre presentes.

Jacques, meu marido e meu amigo, ombro de todas as crises, companheiro de todas as horas, paciente, incentivador, aquele que sempre acredita e nunca desiste nem me deixa esmorecer. Obrigada por estar sempre perto e por me proporcionar esta vida linda!

Prefácio

O crime foi cruel e covarde. E, geralmente, esses crimes, nós os ligamos às favelas. À gente que saiu de lares quebrados, de lares rompidos, abandonada na rua ou, seja como for, aos oriundos da camada dos excluídos, que encontram na criminalidade uma forma, perversa, de acesso ao mundo do consumo. No assassinato de Marísia e Manfred von richthofen é diferente. Nós vemos aqui pessoas de lares aparentemente bem estruturados. Suzane, a filha, teve o privilégio de nascer no berço de uma família de classe média alta, falava várias línguas e estudou num dos melhores colégios de São Paulo. Fazia direito na PUC-SP e foi retratada por um de seus professores como uma menina interessada, inteligente e aplicada. Tinha pais que a amavam, que a levavam para a escola e, dando o melhor de si, educaram-na, cuidavam dela. Não eram omissos.

E esses pais, que foram vitimados da forma mais brutal que se possa imaginar, dormiam de portas abertas. Como boa parte dos pais o faz, para ouvir o choro dos seus filhos ou, quando mais velhos, para ouvir os passos de sua chegada das baladas.

Que horas vai chegar minha filha, minha pedra preciosa?

Quem sabe Marísia, a mãe, em sua agonia final, quando recebia as últimas *porretadas*, não pensou: Será que não vão pegar minha filha? E, no grito final, ela ainda foi asfixiada sem dó nem piedade. Os laudos do Instituto Médico Legal diziam que as vítimas tiveram uma morte agônica, sofrida.

Esse caso, diferenciando-se de tantos outros crimes violentos, causou tanta repugnância na sociedade, porque ele, antes de mais nada, representa uma traição àquela confiança básica que se estabelece na relação entre pais e filhos. “Honra teu pai e tua mãe” é o subtítulo do livro *O Quinto Mandamento*.

Ilana Casoy, mulher de fina sensibilidade, cuja formação acadêmica se deu na área da administração de empresas, no melhor estilo dos grandes autores de tramas policiais, com uma redação impecável, de forma instigante, nos dá o passo-a-passo do crime e a investigação que se seguiu. Um entrelaçamento equilibrado, sem tirar a força dos fatos. Pelo contrário, desnudando a trama assassina, o livro tem cor, cheiro e dor. Bem escrito, a leitura se faz “numa sentada”.

Prende-nos do começo ao fim. É de leitura obrigatória não apenas para os profissionais atuantes na área penal ou para os estudantes de direito que pensam em fazê-lo futuramente, mas para todos os que quiserem penetrar nas entranhas de um crime perverso e nos fatos circundantes que vão da cobiça ao relacionamento familiar. Em meio à narrativa dos fatos, vamos encontrar dados sobre criminalística e criminologia, além de aspectos relacionados às técnicas de investigação.

Aliás, vale o registro de que a atuação da Polícia Civil de São Paulo e, muito particularmente, a do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) foi impecável, exemplar. Não houve tortura ou mesmo ameaças. As confissões dos criminosos se deram à luz do dia, na presença de advogados e promotores. Mais: os acusados a reiteraram diante do juiz e dos jurados, livres de quaisquer coações e cercados de todas as garantias.

Atuei no rumoroso caso representando a assistência de acusação na pessoa do médico Dr. Miguel Abdalla, irmão de Marísia, cunhado de Manfred e, portanto, tio de Suzane. Quando fui procurado, ainda não se sabia quem eram os autores do crime. Miguel queria a verdade, nunca quis proteger a sobrinha. Queria justiça. Apesar disso, num primeiro momento, fui constituído apenas para autuar em auxílio à acusação dos irmãos Cravinhos. Pouca gente soube entender o angustiante dilema do tio, que ficava imaginando se sua irmã, a vítima, gostaria que ele engrossasse a acusação contra a própria filha. Olhando

de fora, a questão pode parecer simples, mas não era para Miguel, pois só à s vésperas do júri, dando-se conta de que poderia haver um tipo de defesa que procurasse infamar as vítimas, matando-as pela segunda vez, só que agora de um ponto de vista moral, foi que ele, finalmente, se decidiu por atuar também contra a sobrinha. E fez bem.

A verdade é que as defesas dos acusados, conduzidas por profissionais competentes e experientes, mantiveram-se, de um ponto de vista ético, dentro do que o material do processo oferecia, sem nenhuma elucubração desonrosa às vítimas. A acusação, por outro lado, realizada com esmero pelos promotores de justiça Roberto Tardelli e Nadir de Campos, foi firme e certa. Não deixou espaço a dúvidas. O júri foi longo, havia começado numa segunda-feira e acabado na madrugada do sábado. Os quatro homens e três mulheres que compuseram o conselho de sentença condenaram todos os réus por todos os crimes.

O mais é a história que o leitor não pode deixar de ler.

O caso retratado neste livro, para além da crueldade dos assassinos, nos remete ao tipo de sociedade que estamos construindo. Se honrar o pai e a mãe é um dos mandamentos bíblicos, respeitá-los é algo que está impresso na memória coletiva da humanidade em diferentes épocas e latitudes. O livro que o público tem em mãos é um precioso documento de memória de fatos que abalaram o Brasil, mas que ao mesmo tempo (e por isso mesmo) nos obrigam, permanentemente, a pensar e repensar nossas relações com nossos filhos. *suzane*, numa palavra, poderia ser nossa filha!

alberto zacharias toron, advogado criminalista que atuou representando a assistência de acusação no julgamento de Suzane Richthofen, é diretor do Conselho Federal da OAB, professor licenciado de direito penal da PUC, ex-presidente do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais e ex-presidente do Conselho Estadual de Entorpecentes de São Paulo (Gov. Covas).

Prólogo

Nos últimos anos, minha vida tem sido estudar crimes violentos. É uma busca incessante pelo entendimento das mentes criminosas, de como elas funcionam, dos diagnósticos e tratamentos pesquisados, da possibilidade de recuperação e ressocialização do preso, das variadas motivações dos intermináveis tipos de perfis psicológicos. Atrás dessas respostas, escrevi *Serial Killer: Louco ou Cruel?* e *Serial Killers: Made in Brasil*.

Tenho de confessar que o parricídio e matricídio sempre me confundem e espantam. As culturas dos países são diversificadas, os valores éticos e morais, também, mas a inatingibilidade de pai e mãe é universal. Não existe lugar no mundo em que eles não sejam sagrados.

Comecei a acompanhar o caso Von Richthofen quase por acaso. Coincidentemente havia acabado de adquirir um livro sobre crimes de família e pensei que fosse uma ótima oportunidade de estudar o assunto observando de perto o desenrolar dos fatos. Jamais imaginei que seria tão pressionada por meus leitores para publicar esta história em meio a tantas outras que acompanho.

O circo da mídia mitificou esses assassinos, muito mais a figura “principal” da filha que matou os pais. Por que esse crime específico ganhou essa proporção de divulgação? Não pode ser apenas por se tratar de parricídio/matricídio, que acontece vez por outra o ano inteiro. A resposta provavelmente envolve o fato de Suzane ter, aparentemente ao menos, o perfil clássico da filha que todos gostaríamos de ter. Loira, bonita, estudante de Direito, boa aluna, culta, trilingüe, filha de pais bem-sucedidos. A mãe era psiquiatra e psicanalista, portanto médica especializada em mentes humanas. O que aconteceu então para que esse crime brutal fosse cometido?

O que leva a tanto desamor, tanto desafeto, a essa enorme in-diferença pelo ato cometido? Quem ama mata? Ela odiava os pais? Quais eram seus motivos? Pode o mal ser tão banal que a motivação seja apenas dinheiro? O que ainda não sabemos?

Há algo ainda para ser dito?

Suzane jamais foi avaliada mentalmente. Já vi profissionais dando seu diagnóstico pelos meios de comunicação a tor-to e a direito, mas nunca um diagnóstico foi feito por alguém que a tenha examinado psicológica ou psiquiatricamente.

Para a acusação, não interessa que ela seja semi-imputável.

Para a defesa, não interessa que ela seja “normal”. Para a família, ela já não interessa mais, depois da tragédia e dor que causou a seus próximos.

A história me causa calafrios. Manfred e Marísia von Richthofen eram pais que queriam dar do bom e do melhor para os filhos, que faziam as mesmas intervenções que nós, que aplicavam os mesmos limites que a maioria, que foram contra um namoro adolescente, como é tão comum acontecer vida afora.

Daniel e Cristian também me desconcertaram. Igualmente alegam que mataram por amor. O primeiro, pela namorada; o segundo, pelo irmão. São meninos tão comuns, com vidas tão triviais, com pais tão normais, com histórias tão banais.

Quando entrevisto criminosos violentos, em geral, existe uma coerência entre seu histórico e os atos que cometeram.

Na vida desses indivíduos em questão nada encontrei de objetivo que tivesse reles parentesco com atitude tão desalmada. Quis muito entrevistar os três assassinos, mas nenhum deles concordou em falar

comigo, ou assim foram orientados por seus advogados. Talvez esse ainda não seja o momento.

Talvez a verdade surja quando ninguém mais tiver nada a ganhar ou a perder, exceto encontrar a verdade.

Comecei a acompanhar o caso com visão absolutamente técnica, mas acabei tragada pela história e pelos personagens: os peritos, verdadeiros detetives médicos como aqueles que vemos nos seriados de televisão, mas tão pouco valorizados em nossas terras; gênios que desvendam crimes através da ciência. Os policiais da “Homicídios”, onde “cliente morto não paga”, impulsionados por uma questão de fé e de coragem, explorando cada milímetro de verdade a ser encontrada. Os médicos-legistas, especialidade quase esquecida da Medicina, que enfrentam os poucos recursos para fazerem realmente o morto “falar”, contar sua história. Os promotores, que defendem as vítimas como o fariam com seus irmãos de sangue, com sede de justiça correndo nas veias. Os defensores, que buscam a melhor parte do pior ser humano e por ela lutam incansavelmente, defendendo seus direitos como se fossem os seus próprios. O juiz, que com sabedoria e serenidade ouve, considera e decide o destino dos envolvidos.

Sempre relutei em publicar esta história, mas quando assisti ao filme *Capote*, que conta a vida daquele que inventaria o gênero “romance de não-ficção”, fiz críticas a ele que caberiam a mim mesma. Por que o escritor Truman Capote ficou preso a esse crime? Por que demorou longos seis anos para finalizar sua obra? Por que era tão importante que os assassinos fossem executados para que ele terminasse o livro? Era justo se envolver na história a ponto de interferir no processo?

Humildemente me comparo a Truman Capote nesse aspecto: não queria ser mais uma vítima, como ele tinha sido, do livro que escrevia. Eu já estava presa aos acontecimentos fazia quase quatro anos e achava imprescindível que o julgamento acontecesse antes de publicar este livro, achando que então teria o final da história; puro engano. Temia interferir no processo; pura pretensão. Por fim, concluí que histórias assim nunca terminam, elas seguem como marcas indeléveis de geração em geração. Quem tinha de terminar este capítulo de minha vida era eu mesma, e não há nada como começar — mesmo que seja em duas etapas: *O Quinto Mandamento: Caso de Polícia* e *O Quinto Mandamento: Justiça Seja Feita*.

Ilana Casoy

10 de maio de 2006

O Crime

Quarta-feira, 30 de outubro de 2002. O vigia da rua Zacarias de Góis, no bairro paulistano de Campo Belo, Francisco Ge-nivaldo Modesto Diniz, assistia ao final do jogo Corinthians e Flamengo, direto do Maracanã, de dentro da guarita. Finalmente seu time superava o tabu de onze anos sem vencer no Rio de Janeiro: o placar estava Corinthians 1, Flamengo 0.

Francisco então ouviu um carro entrando na rua. Era o Gol da moradora do número 232, onde vivia a família Von Richthofen, nome complicado que ele sempre esquecia. Todos da casa eram quietos, reservados, e Francisco não sabia muito sobre eles. A mulher era mais simpática, sempre o cumprimentava quando entrava ou saía. O homem nem olhava para os lados.

Do casal de filhos, nada sabia. Viu quando o portão da garagem se abriu e o carro da menina Suzane, com ela na direção, entrou na residência, mas no escuro não conseguiu enxergar quem mais estava dentro. Também não se preocupou com isso; tudo parecia em ordem.

Dentro da casa aquele não seria um dia normal. Os atos que se seguiriam selariam o destino de muitos e mudariam radicalmente as histórias de tantas vidas.

Depois de fechar as portas da garagem com o controle remoto, Suzane von Richthofen, Daniel Cravinhos de Paula e Silva e Cristian Cravinhos de Paula e Silva, ainda dentro do “cavalo de tróia”, repassaram as etapas planejadas meses antes, com cuidado. Suzane retirou da bolsa as meias de nylon e as luvas cirúrgicas (que a mãe usava para tingir os cabelos) e as distribuiu aos dois irmãos: “Vistam isso para não deixar nenhuma prova da passagem de vocês aqui. Não podemos deixar nenhum vestígio”. Daniel emendou: “Fica tranqüila, tudo vai ser como combinamos. Vamos entrar e verificar se os ‘velhos’ estão mesmo dormindo”.

Cristian retirou do porta-malas os bastões que Daniel havia construído com a habilidade de quem passou a vida montando aeromodelos complicados. Os bastões foram feitos com perfilados de obra de ferro, aqueles com furinhos, parecidos com prateleiras reguláveis na altura, daquelas que ocupam as paredes de centenas e centenas de escritórios por aí. São barras em formato de “u” com as bordas retas, de forma que duas delas se encaixam perfeitamente quando colocadas de frente. Daniel ainda teve o cuidado de preencher o meio das barras com madeira, para que elas ficassem mais pesadas e eficientes. Na ponta da madeira foi feito um punho, na base do bastão, para que os assassinos executas-sem suas vítimas de forma competente, sem barulho e sem machucar as mãos.

Os três entraram na casa. O grupo cruzou a área da piscina, que fica entre a garagem e a porta da frente. Entraram pela porta já aberta e acompanharam a garota até o pé da escada.

Cristian não estava muito feliz com o acordo. Caberia a ele matar a mulher do casal, o que o deixava desconfortável.

Também não acreditava muito que Daniel e Suzane realmente fossem levar aquele plano adiante. Enfim, assim que a execução começou, limpou a cabeça de todos os pensamentos que pudessem atrapalhá-lo e esperou o comando.

Suzane subiu em silêncio e verificou que seus pais dormiam tranqüilamente, a sono solto. Voltou para o patamar intermediário, onde fez sinal para que os rapazes subissem.

Conforme o previamente combinado, Daniel ficou do lado esquerdo da porta do quarto; Cristian, do lado direito, e Suzane, ao lado do interruptor de luz do hall, um pouco mais atrás.

Tudo estava muito escuro e o silêncio era absoluto. A filha do casal deu a voz de comando: “Vai”, disse ela, enquanto acendeu a luz que guiaria o caminho dos algozes de seus pais e desceu as escadas para não assistir à carnificina.

Daniel entrou no quarto primeiro, seguido de perto por seu cúmplice. Com passadas largas, em segundos estavam cada um ao lado de sua vítima. Como num filme, as vítimas intuíram seus destinos, acordaram e abriram os olhos simul-taneamente, como se ouvissem a voz da filha ou adivinhassem o que estava por vir, mas não houve tempo suficiente para lutarem por suas vidas. Se enxergaram alguma coisa na penumbra que se instalava, foi o vulto de Cristian erguendo o bastão que os atacaria. No momento em que foram atingi-dos, os dois estavam deitados de lado, virados para a janela.

Jamais viram o namorado da filha de arma em riste, pronto para matá-los.

O primeiro golpe foi desferido por Daniel em Manfred Albert von Richthofen. Cristian entendeu o recado e desceu seu bastão sobre a cabeça de Marísia von Richthofen. Ninguém sabe quantas vezes o movimento foi repetido, quantos foram os açoites, as pancadas que foram desferidas. A mãe de Suzane ainda teve tempo de tentar se proteger com a mão direita, ato reflexo que só quebraria seus dedos e jamais impediria os ferimentos letais que sofreria. Enquanto os bastões desciam ininterruptamente, sangue e pedaços de massa encefálica se espalhavam pela cabeceira da cama, a cada osso esfacelado, a cada corte aberto. Respingos vermelhos manchavam o teto sempre que a arma era novamente erguida. O som das pancadas preenchia o enorme silêncio que envolvia a casa naquele momento.

Daniel e Cristian finalmente pararam de bater, mas em vez da calma começou ali o que seria o pesadelo de dois jovens assassinos sem nenhum conhecimento de anatomia e funcionamento do corpo humano.

Quando uma pessoa sofre um traumatismo craniano grave, imediatamente a base de sua língua não se sustenta mais, causando a morte por sufocamento, a terrível morte agônica.

Dessa forma, na tentativa da vítima de fazer com que o ar entre nos pulmões, a estreita passagem provoca um ronco alto e horripilante que só cessa finalmente quando a morte se estabelece. E assim foi. O casal fazia um barulho que nenhum dos dois assassinos estava preparado para ouvir, e a corrida que se seguiu para parar o som fez com que a memória se atrapalhasse na sequência dos acontecimentos.

Daniel correu para o banheiro, pegou toalhas de rosto e as molhou. Cada um colocou uma toalha sobre o rosto de sua vítima, tentando abafar o terrível barulho que insistia em retardar seus planos e perturbar suas mentes.

Sem assistir aos fatos que se desenrolavam no andar de cima da casa, Suzane cumpriu sua parte no plano. Vestiu uma luva cirúrgica apenas na mão esquerda, porque é canhota, e dirigiu-se para a despensa. Ali, pegou os sacos de lixo pretos que estavam num pacote aberto e os deixou em cima do tapete azul, como haviam combinado. Andou a passos rápidos para a biblioteca, sentou-se no sofá vermelho e tapou os ouvidos para não correr o risco de ouvir seus pais gritarem. Se obteve sucesso, só ela pode responder.

Enquanto isso, no quarto do casal, Daniel e Cristian perceberam que as toalhas molhadas não surtiram o efeito desejado. Daniel rapidamente desceu as escadas e pegou uma jarra amarela no armário da cozinha. Subiu os degraus de dois em dois, encheu o vasilhame com água da torneira do banheiro e despejou sobre o rosto de Manfred. O barulho cessou e o assassino passou a limpar o sangue que cobria a face do pai de sua namorada. Cristian pegou a jarra com água e tentou o mesmo método em Marísia, mas o ronco que saía da garganta dela não parava. Desceu correndo as escadas e perguntou:

— Su, cadê os sacos?

Ela apontou para o tapete azul. Cristian pegou os sacos de lixo, voltou ao quarto apressadamente e encontrou o que considerou uma maneira melhor de matar a mulher: envolveu sua cabeça num dos sacos de lixo, empurrou a toalha para dentro de sua boca e fechou o plástico na altura de seu pescoço. O silêncio voltou a reinar no quarto do casal Von Richthofen.

Daniel já tentava deixar o local com aparência de assalto. Abriu o armário do closet, onde já sabia que existia um fundo falso, espalhou o conteúdo por perto, bateu na falsa prateleira, como Suzane o havia ensinado, até que se soltas-se, e retirou as jóias e o saco de tecido em que era guardado o revólver Rossi 38 novinho do sogro. Lançou as jóias para todos os lados do caminho e despejou a arma e a munição ali guardada em cima da cama. Cris, cumprindo sua parte na etapa seguinte do plano, agora se ocupava em esvaziar as gavetas da cômoda. Suzane, no andar de baixo, pegou a pasta de couro na qual os pais guardavam todo o dinheiro vivo da casa, abriu o segredo, retirou a caixinha branca que ali ficava, colocou-a na prateleira e fechou a pasta novamente.

No momento em que já se preparavam para descer as escadas, Cristian viu o revólver em cima da cama. Ele o municiou e o colocou ao lado da mão frouxa de Manfred, no chão, junto à cama. Os irmãos deram, então, o trabalho por encerrado no andar superior da casa. Desceram para cuidar agora dos detalhes da encenação de latrocínio que preparavam para a perícia e a polícia. Quase no pé da escada, Daniel se lembrou de que esquecera no quarto as armas do crime e subiu para resgatá-las.

Ao chegar sozinho à sala, Cristian encontrou Suzane, que imediatamente lhe perguntou:

— E aí, Cris, vamos desarrumar o que agora?

— Vamos pegar as coisas do armário da biblioteca e jogar no chão.

Os dois estavam trabalhando freneticamente quando chegou Daniel. Suzane se levantou, olhou nos olhos do namorado e perguntou: — Já acabou?

— Já.

— Deu certo? Tudo bem?

— Tudo bem.

Sem perder tempo, Daniel se deu conta de que a pasta de couro precisava estar cortada, rasgada, ou a polícia perceberia que quem a abriu conhecia o segredo. Foi até a cozinha, pegou duas facas na primeira gaveta ao lado do fogão e voltou para a biblioteca. Escolheu uma delas, abriu um corte do lado de trás da mala e deixou a faca em cima da prateleira. Foi então para a sala de estudos ao lado espalhar livros e documentos pelo chão.

Suzane, na sala de estar, viu Cristian guardar o produto do roubo na mochila. Passou para ele o dinheiro da caixinha branca, que ainda estava em seu bolso. Os três saíram da casa pela porta da frente e Daniel lavou os bastões ensangüentados na água da piscina. Os dois irmãos trocaram de roupa e guardaram tudo o que consideravam prova do crime dentro de outro saco de lixo preto. Suzane também trocou de roupa e assistiu ao fim daquele capítulo de perto. Daniel e Cristian resolveram, então, confundir um pouco mais a polícia e entraram novamente na casa pela janela de correr da biblioteca.

Impressões do solado de seus tênis ficaram ali marcadas, na última ação da encenação de latrocínio.

Tudo não demorou mais de meia hora. Rapidamente entraram no carro, livraram-se do saco com as armas e roupas manchadas de sangue numa esquina movimentada e seguiram seu caminho sem olhar para trás. Cristian desceu na rua Macuco e foi a pé para casa. Daniel e Suzane, o casal de namorados, seguiu para o Motel Colonial, unindo a pra-ticidade do que pensaram ser um álibi ao prazer que não podiam

negar aos seus hormônios.

Caso de Polícia

Segunda feira, 4 de novembro de 2002. Tinha acabado de voltar de Nova York, onde acompanhei o caso do atirador de Washington. O primeiro compromisso da manhã era ir ao Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP) para descobrir a história do Maníaco do Gato, estranho assassino sobre o qual a imprensa queria uma entrevista minha na semana anterior. Rumei para a perícia de crimes de autoria desconhecida do DHPP, onde poderia conversar com a Dra. Jane Marisa Pacheco Belucci, perita-chefe. Se havia crimes conectados de um só maníaco, com certeza ela saberia. . Como? Essa perícia atende todos os locais de homicídio de autoria desconhecida da cidade de São Paulo, e em alguns casos no interior também. Em cada local atendido, trabalham em dupla, perito e fotógrafo, nem sempre os mesmos indivíduos, dependendo do plantão. Jamais dois crimes com a mesma assinatura passam despercebidos por um ou por outro.

Cheguei à perícia por volta de 10h. O prédio da Polícia Civil estava bastante movimentado, e eu, estranhando o corre-corre, procurei logo descobrir o que estava acontecendo. Na sala da Jane, vários peritos conversavam... Eu não sabia? Um casal rico, de boa família, casa em bairro classe A, tinha sido assassinado na madrugada de quinta-feira...

Manfred e Marísia von Richthofen. Ele, engenheiro da Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S/A). Ela, psiquiatra bem colocada. Havia sido encontrados na cama do casal, num estranho latrocínio. Rapidamente perguntei quem atendeu no local: perito Dr. Ricardo da Silva Salada, grupo de elite.

Perguntei a Jane se as fotos do local já estavam prontas. Ela me respondeu que não, mas disse que o investigador Robson Feitosa da Silva, chefe dos investigadores da Equipe H-Sul, de plantão no dia do crime, havia filmado e fotografado o local.

Realmente eu já tinha ouvido falar dele: “O Robson estuda muito, filma vários locais de crime, você precisa conhecê-lo”.

Sem perder tempo, Jane ligou para ele, que veio com fotos e filme nos encontrar na perícia.

As fotografias eram impressionantes. Sempre é difícil ver pessoas que tiveram a vida ceifada num instante cruel.

Elas estão ali, frágeis, desnudas, sem proteção, como um invólucro da vida que ocupava, momentos antes, aquele corpo. Afastando esses pensamentos da cabeça, concentramo-nos nos detalhes técnicos, para que fosse possível trabalhar.

O choque logo se transformou em raiva pelo autor de tão brutal atrocidade e nos motivou a examinar cada detalhe que pudesse nos levar ao culpado. Passamos as fotos de um para o outro, sem ainda ter uma idéia do geral. Próximo passo: sentamos em volta de uma mesa e começamos a assistir ao filme. Robson e Salada, espectadores das próprias ações, passaram a me explicar cada detalhe...

Quinta-feira, 31 de outubro de 2002, Rua Zacarias de Góis, 232. Por volta de 4h da manhã, a Polícia Militar recebeu o chamado de uma moça, que dizia estar chegando em casa, onde teria encontrado tudo aberto e revirado. A polícia orientou-a para esperar do lado de fora e acionou por rádio a viatura do policial militar Alexandre Paulino Boto.

Ele e seu pessoal saíram para verificar o local.

Ao chegarem, encontraram a moça na rua, juntamente com seu irmão. Boto perguntou a ela o que havia acontecido e ela respondeu:

— Minha casa está aberta.

— Você chegou a entrar?

— Não.

— Viu alguma coisa?

— Não, só a porta aberta e a luz acesa.

Enquanto um policial aguardava fora da casa, junto com os irmãos, Boto e seu parceiro entraram na residên-cia com cuidado. Sempre havia a possibilidade de ainda encontrar o criminoso, que parecia ter sido um ladrão. No andar de baixo, a biblioteca revirada indicava assalto, apesar de o resto da sala estar em ordem. Na cozinha, nada. Uma escada levava para o andar superior. Os PMs subiram e verificaram o que parecia ser um quarto de menina, com ursinhos de pelúcia e aquelas coisinhas que garotas colecionam. Tudo limpo. O quarto seguinte era tipicamente masculino, com direito a aeromodelo pendurado no teto. Na cama, vários travesseiros cobertos pelo lençol. O quarto seguinte era de casal. Entraram mais uma vez muito atentos, afinal o intruso ainda poderia estar ali.

De cara, a cena sempre chocante: um homem ainda na cama, aparentemente sem vida, com uma arma no chão, ao seu lado.

A cama estava bastante revirada, e os lençóis, concentrados no meio do colchão. Ele parecia estar ali sozinho... Seria suicídio?

Melhor não fazer conjecturas e prosseguir com seu trabalho.

Naquela altura, os olhos de Boto, já acostumados à escuridão da casa, notaram algo estranho no pé da cama. Ele chegou mais perto e não acreditou no que viu: para uma só vítima, pés demais saíam por debaixo dos lençóis amarfanhados.

Enrolada neles jazia uma mulher, a cabeça envolta num saco de lixo. Não parecia ser uma pessoa e sim um monte de pano.

Também viu marcas na cabeceira da cama. Quem quer que tivesse atacado o casal havia errado alguns golpes.

Alexandre Boto começou a descer as escadas, sabendo que tinha pela frente a tarefa mais difícil de seu trabalho.

Qual seria a reação das duas crianças que esperavam lá embaixo? Era sempre difícil. Parentes choram, descabelam-se, querem entrar e ver os mortos, abraçá-los inconformados, e não podem. Enquanto a perícia não libera o local de um crime, tudo tem de ficar absolutamente preservado e isolado. Essa é a única maneira de a polícia obter pistas e provas do crime e, assim, não deixar impune o culpado.

Respirou fundo, atravessou a garagem com passos de soldado e pensou na melhor forma de contornar a situação.

Enquanto isso, do lado de fora da casa, os filhos do casal esperavam na rua o policial militar Alexandre Boto. A menina logo perguntou:

— Como estão os meus pais?

— Estão bem — respondeu. Mas estranhou a pergunta, porque em nenhum momento a menina havia dito que seus pais estavam em casa. A polícia podia tê-los encontrado vivos e armados, e os resultados não seriam nada bons.

Conversou um pouco com seu superior, o sargento que havia permanecido fora da casa. Combinaram de chamar o resgate, pois era certo que os filhos passariam mal.

Ele informou que o namorado da menina tinha chegado e apontou com a cabeça para o rapaz magro, de altura média, que estava reunido com os filhos do casal assassinado. Quem sabe não seria mais fácil receber a notícia de um amigo? Chamou o rapaz de lado, perguntou seu nome e disparou:

— A situação é crítica. Os pais deles estão mortos. Você dá a notícia? Talvez receber a notícia por alguém conhecido seja melhor.

— Puxa! — respondeu Daniel. A pergunta seguinte espantou o policial experiente: — Você sabe se foi levada alguma coisa da casa? Ela falou que na biblioteca tinha uma caixinha branca com dinheiro: 5.000 dólares e 8.000 reais...

— Não sei. Ainda nada foi verificado.

Daniel voltou para onde estavam Suzane e Andreas, abraçou os dois, abaixaram a cabeça e cochicharam. Boto prendeu o ar. Aquela era a hora... E nada aconteceu. Nenhum grito, nenhuma lágrima derramada, nenhuma tentativa de entrar na casa, nenhum choro contido. O policial se aproximou do grupo. Aquilo podia ser uma reação de choque. Ele sabia bem como era, pois havia sido durante anos enfermeiro do hospital psiquiátrico da Fundação Américo Bairral, em Itapira, SP.

Para sua surpresa, a menina se virou e perguntou: — E o que é que a gente faz agora?

Foi uma pergunta de ordem prática, inesperada. Pessoas em choque são incapazes de qualquer raciocínio prático, qualquer reação. Quem está em choque está em choque para todo e qualquer assunto. Os três jovens continuaram conversando sobre os próximos passos, como pessoas normais diante de um problema corriqueiro. O que fazer, o que não fazer, para onde ir. Em seis anos de serviço na Polícia Militar, Alexandre Boto jamais havia visto uma reação como aquela. No final das contas, era ele quem estava chocado.

O mais estranho é que Daniel e Suzane soubessem exatamente a quantia em dinheiro que fora roubada. Como sabiam?

A casa estava tão revirada! Ela havia afirmado que não tinha entrado no local. Achando tudo muito fora de padrão, guardou suas observações para seu depoimento na delegacia.

O subdelegado da 27ª Delegacia de Polícia, Dr. Daniel Cohen, de plantão naquele dia, foi acionado para comparecer ao local. A área foi isolada, a perícia e as equipes de investigação do DHPP foram chamadas. Todos ali seriam levados para fazer o boletim de ocorrência na delegacia do bairro.

O local estava começando a ficar repleto de repórteres de várias redes de TV. Ao longe já se ouvia o som das sirenes se aproximando. O pai de Daniel, Sr. Astrogildo Cravinhos de Paula e Silva, já se encarregava de falar com os repórteres.

A Delegacia de Homicídios e o Instituto de Criminalística começariam a famosa investigação do caso que abalou todo o país.

A Perícia

Quando foi acionada, a equipe de plantão da perícia estava em Parelheiros, zona sul de São Paulo. Só foi possível chegar ao bairro de Campo Belo por volta das 7h30. Ali só estava a polícia militar preservando o local e várias equipes de reportagem.

A análise do local do crime é uma combinação de conhecimentos criminalísticos e criminológicos. A criminalística é a aplicação da ciência nas evidências físicas, como manchas de sangue, DNA e trajetória de projéteis. A criminologia inclui um ângulo mais psicológico, que envolve a procura de motivos, características pessoais do assassino e comportamentos que possam ajudar na interpretação de evidências.

1 É o estudo do crime pelo lado do autor.

As evidências físicas que seriam ali observadas poderiam ser de cinco tipos diferentes:

1. Temporárias, que podem mudar ou se perder.
2. Condicionais, associadas a condições específicas do local do crime.
3. Associativas, que ligam um suspeito ou vítima ao local.
4. Padrão, como sangue, impressões digitais, marcas de pneu, resíduos ou qualquer evidência do *modus operandi* do assassino.
5. Vestígios, que são deixados pelo contato físico com alguma superfície.

O Dr. Ricardo da Silva Salada entrou na casa, seguido de perto pelo chefe de investigação Robson, que filmava tudo por conta própria para estudos posteriores de sua equipe.

Deu uma olhada geral. A porta de entrada não tinha sinais de arrombamento. A janela que dava para a biblioteca estava aberta, e, na mureta, havia marcas de solado de tênis. A sala de visitas estava em ordem, cada enfeite em seu lugar.

A biblioteca, à direita da porta de entrada, completamente revirada. O que parecia ser uma sala de estudos, com duas mesas com computadores e prateleiras com livros escolares, estava em ordem. No bar da casa, tudo no lugar. Aparentemente a cozinha não havia sido utilizada. Salada subiu as escadas e entrou num quarto de menina. Bichinhos de pelúcia, mural com frases publicitárias do uísque Johnnie Walker, tudo certo. Ao lado, o quarto de menino: aeromodelo pendurado no teto, TV, tudo do bom e do melhor. Na cama, travesseiros posicionados para que quem entrasse ali pensasse que o menino dormia. Em que filme mesmo inventaram esse truque? Filhos que saem de casa e deixam seus travesseiros “dormindo” em seu lugar. Que coisa mais ingênua e antiga...

Hora de entrar no local do crime propriamente. Uma sensação estranha começou a permear as ações de Salada. Cada vez ficava mais evidente que a bagunça da casa indicava uma busca direcionada na biblioteca e no quarto do casal. Ou era gente que sabia o que e onde procurar graças a uma “dica”, ou pessoal da casa. Realmente, uma situação atípica.

Numa busca posterior mais acurada, o perito procuraria por impressões digitais, marcas deixadas por ferramentas específicas, marcas de pegadas, dentes, fluidos corporais como sêmen e saliva, fios de cabelo, resíduos sob as unhas das vítimas, fibras, resíduo de pólvora, armas, cápsulas e projéteis, notas e tudo o que pudesse ajudar nas investigações ou definitivamente colocar um suspeito dentro daquele local de crime.

Sem perder tempo, Salada começou o trabalho nas duas vítimas para que os corpos fossem liberados para o Instituto Médico-Legal o quanto antes. O homem tinha uma toalha cobrindo o rosto. A cabeça da mulher estava dentro de um saco plástico preto, de onde se viam as bordas de outra toalha do mesmo jogo. Salada resolveu examinar primeiro a mulher, pois pensou se tratar de morte por disparo, uma vez que um revólver jazia no chão, ao lado da mão do marido, como nos homicídios seguidos de suicídio. Com cuidado para que nenhuma prova fosse prejudicada, retirou o saco de lixo que envolvia a cabeça da vítima. Ficou surpreso ao perceber que não se tratava de morte por tiro. Massa encefálica se espalhava, grudada nos cabelos da vítima. Obviamente, a mulher fora assassinada por espancamento com algum objeto tipo bastão dotado de superfície, peso e gume. Como as fotos dos ferimentos, tipo e ângulo seriam importantes para as investigações, o perito Salada mudou de idéia quanto à ordem de serviço: resolveu examinar primeiro o homem, para criar espaço na cama a fim de que nenhum indício se perdesse. Era importante que sua mente ficasse aberta para todas as possibilidades de reconstituição dos fatos e que sua leitura dos acontecimentos não sofresse a influência de ninguém com teorias prontas. Por esse motivo, o trabalho do perito é sempre solitário.

O fotógrafo Marcos dos Santos Boy, que acompanhava o Dr. Salada, tinha como missão mostrar todos os ângulos possíveis do local do crime, para que as pessoas ausen-tes pudessem ter uma exata noção de todos os detalhes periciais. Também seriam fotografados todos os itens considerados como evidência e as posições em que foram encontrados.

Nos EUA, fotografias dos corpos das vítimas são feitas de cinco ângulos diferentes:

1. Da cabeça para os pés.
2. Lado direito.
3. Dos pés para a cabeça.
4. Lado esquerdo.
5. De cima para baixo.

2 - O chefe dos fotógrafos da perícia do DHPP, Edson Wailemann, explicou-me que o procedimento brasileiro é bem diferente. Segue abaixo a transcrição de sua explicação: “O objetivo da fotografia pericial é tentar perpetuar a cena do crime. Uma vez no local de crime, você está contaminando, adulterando, colocando outras evidências que não existiam naquele espaço. O ideal seria que o local de crime fosse fotografado de todas as maneiras possíveis e imagináveis. Poderia até ser filmado, porque muitas coisas que na hora não parecem importantes com o tempo vão ter utilidade. Isso é comum; depois de dois ou três dias, uma semana do crime, na hora de emitir o laudo, surgem dúvidas.

Aquela carteira estava ali ou não? Estava no bolso ou no chão? Não há mais como voltar; se você tem um registro da foto tem como saber. Do nosso código de processo penal consta a obrigatoriedade da fotografia da posição de como o corpo foi encontrado e só. Mas esse código é antigo, ultrapassado. Na época em que foi escrito não existiam máquina nem profissional.

Hoje, quando se perdem as fotos de um caso por um motivo ou outro, obrigatoriamente temos que fazer memorando justificando de alguma maneira o fato, principalmente por causa da obrigatoriedade da foto da posição em que o corpo foi encontrado. As outras poderiam ser feitas somente para uso da perícia.

“A primeira foto seria a mais geral possível, para mostrar o ambiente, o local, a rua, se era de terra ou asfalto, se tinha luz ou não, como eram as construções das proximidades, se tinha terreno vazio ou não.

“Encontrar o corpo coberto é comum. Logo após a foto geral da cena do crime, tira-se a cobertura do corpo para fotografá-lo. É importantíssimo mostrar o escorrimento do sangue antes de mexer no corpo. Por quê? Quando um sujeito toma um tiro em pé, ele não cai no chão de imediato. O sangue começa a escorrer.

Ao levar o segundo tiro, ele ainda pode estar em pé ou não. O escorrimento do sangue é que vai contar essa história. Se alguém depois mexe no corpo, vira-o para tirar um documento do bolso ou adulterar alguma coisa, o sangue mostra esse movimento, e essas fotos orientam muito a perícia.

“A segunda foto importante é a da localização dos ferimentos: abdome, tórax, perna *etc.* Então você não precisa dar o detalhe, a não ser que também tenha alguma evidência de amarração, por exemplo. Ou uma marca nos punhos, que diz que a vítima foi amarrada antes, ou vestígio de disparo a curta distância, como chamuscamento e tatuagem. É importante mostrar se o assassino fez aquilo na raiva, encostou a arma para atirar ou executar o indivíduo.

“Identificação: é a última foto da vítima, quem ela é.

Fecha o 'álbum de família'.

“O caso Von Richthofen foi excepcional. Primeiro, por ser duplo homicídio, segundo, em ambiente interno, terceiro, a casa foi mexida. Eram vários os indícios, de entrada e de saída. Era uma casa muito grande, com muitos cômodos. Então foram gastos muitos filmes.

Mais ou menos trezentas e poucas fotografias foram tiradas. Nem todas foram usadas. Ainda mais importante que a foto é preservar o negativo. Tendo o negativo, qualquer dúvida pode ser resolvida a qualquer momento. Temos um estoque deles, uma 'negativoteca', de 1980 para cá, com tudo catalogado, na ordem, e sempre chegam pedidos de várias delegacias.

“Não temos condições de fotografar impressão digital em local. O papiloscopista que acompanha a equipe passa o pozinho mágico e levanta a impressão digital.

Ele passa uma fita adesiva transparente, retira a impressão e a coloca em uma lâmina de vidro. Essa lâmina de vidro é que vai ser fotografada depois, em laboratório, em preto-e-branco. Só existe praticamente uma ocasião em que somos obrigados a fotografar impressão digital no local: quando essa impressão é moldada, ou seja, uma pessoa com a mão suja de sangue, cera, graxa ou qualquer outra coisa encosta numa parede ou num vidro. Isso não permite que você retire a impressão com fita adesiva porque ela ficou moldada no local. Então o procedimento é fotografar ali mesmo. Como no dia-a-dia o fotógrafo só conta com o equipamento básico, interditamos a área. Se é, por exemplo, uma porta ou uma mesa, colo um pedaço de papel em cima e lacre a área, para lá depois retornar com equipamento próprio para fotografar em preto-e-branco. Essa impressão, em tamanho natural, é aumentada cinco vezes ou o suficiente para dar a autoria.

“O equipamento que levamos em nossas maletas, além do flash e da máquina fotográfica, são os filmes.

Como nós do DHPP trabalhamos muito em qualquer hora do dia e da noite, procuramos usar filmes de 400 ISO, de maior sensibilidade e que permite um melhor aproveitamento do ambiente. Fundamentais também são as setas para indicar ferimentos, cortes *etc.* Temos alguns tipos de seta e cada uma pode ter sua utilidade; umas só para indicar, outras que dão noção de tamanho. Outra coisa fundamental é essa “regüinha” para marcar alguma coisa na parede. A escala deve ser acertada, para que se possa saber, através das fotografias, o tamanho real do objeto fotografado.

“Números diversos também são importantes. Com eles é possível identificar múltiplas vítimas.

Cada vítima recebe um número: essa vai ser 1 ou 2 ou 3 ou 4. A equipe inteira trabalha com base nesses números. Quando faço um detalhe, um ferimento como chamuscamento no abdome, coloco o número próximo também, senão eu nunca mais vou saber de qual vítima é o ferimento.

Uso também uma lente de aumento para colocar na máquina fotográfica. Com essa lente consigo fotografar vários detalhes que sem ela seria impossível: impressões digitais, pegadas, vestígios, manchas de sangue, pontas de cigarro, mordidas, queimaduras *etc.*

“Giz também é material essencial. Muitas vezes existe um vestígio no teto e você dá direção de indicação e 33

movimento sem danificar a casa onde o fato ocorreu.

É muito utilizado. E temos também equipamento para proteção pessoal: capacete e, muitas vezes, arma. Alguns fotógrafos andam armados, para sua segurança, em locais de crime muito inseguros.”

O Exame de Manfred

O Dr. Salada, antes de qualquer coisa, retirou com cuidado a toalha que cobria o rosto da vítima para poder observá-lo antes de um exame mais profundo. Uma importante dúvida imediatamente se instalou no raciocínio do perito: se foi um homicídio seguido de suicídio, quem teria coberto com a toalha o rosto do marido? O rosto coberto do casal já indicava que o assassino era uma terceira pessoa que conhecia as vítimas, pois esse é o tipo de cuidado que um desconhecido não se preocupa em ter. O rosto da vítima não o incomoda, ele não tem nenhum tipo de pudor.

Aprendemos isso com clareza nos crimes sexuais, nos quais é comum, quando o criminoso é próximo à vítima, chegar a vesti-la ou cobri-la, pelo menos parcialmente. A família, algumas vezes, também interfere na preservação do local do crime, sem perceber que desse modo dificulta os trabalhos da polícia para identificar o assassino. Elas cobrem um corpo desnudo, mudam sua posição para a que julgam “mais honrada”, protegendo seu ente querido de comentários maldosos sobre o que quer que tenha acontecido, principalmente nos homicídios sexuais.

No braço de Manfred havia respingos de sangue, vários ferimentos corto-contusos no rosto, principalmente na testa, e um ferimento circular na têmpora direita. Havia também um corte profundo quase atrás da cabeça.

O fotógrafo iniciou o trabalho. O ferimento circular da têmpora foi fotografado em escala, porque parecia ter sido feito pelo cano do revólver. Os ferimentos menores também poderiam significar que a vítima tinha sido torturada ou que o assassino perdera o ímpeto no decorrer de sua ação.

Salada ainda observou respingos de sangue no teto, dinâmicos, que indicavam o movimento e a posição da arma do crime. Eles também foram marcados e fotografados.

Depois da sessão de fotos, o corpo de Manfred foi colocado no chão para exame da região posterior. Todos os cortes foram medidos e fotografados com escala, e iniciou-se o exame para constatar se houve traumatismo craniano.

Cada perito tem seu método próprio de verificar esse tipo de ferimento. O perito Salada o faz batendo levemente uma tesoura na testa da vítima. A experiência permite que perceba sons diferentes, que nós chamaríamos de oco ou cheio. Quando o crânio está inteiro, é como um “tum, tum, tum”. Se estiver quebrado, parece mais com “ploc, ploc, ploc”.

Outros peritos examinam a órbita dos olhos da vítima, pois se há uma mancha preta significa que houve ruptura na base cervical. É comum também encontrar na vítima otorragia.

3 É feito, então, exame manual para que a fratura seja encontrada.

Quando o crânio está quebrado, é como examinar um ovo de páscoa embrulhado, mas destruído. O crânio de Manfred estava quebrado.

Manchas *post mortem*, as hipóstases, foram então verificadas para averiguar se o cadáver havia sido mudado de posição. Essas manchas acontecem em decorrência do acúmulo de sangue pela ação da gravidade no local onde as partes do corpo estão apoiadas. Aparecem entre uma e duas horas após a morte da pessoa; a região de apoio fica esbranquiçada-3. Sangramento pelo conduto da orelhada, e a região em volta, cor de vinho. Elas também indicam o tempo de morte de uma maneira informal: quanto mais intensas, mais tempo decorreu entre o momento da morte e a perícia. É uma estimativa que em 99% das vezes confere.

Quando tocadas, descolorem-se, indicam uma lividez ainda não permanente. Nesse caso, a morte ocorreu entre duas e dez horas antes do exame.

Outros fatores podem dar ao perito uma idéia aproximada da hora da morte. Se os olhos da vítima permanecem abertos após a morte, depois de duas ou três horas se forma uma névoa sobre eles, chamada de midríase. Se os olhos ficaram fechados, passam-se muito mais horas até que isso aconteça: pode demorar até um dia inteiro.

Definir a hora da morte de maneira formal é uma questão bem mais complicada. Nos EUA, onde o médico-legista sempre faz parte das equipes de perícia de local de crime, a temperatura do corpo da vítima é medida por meio da inserção de um termômetro especial no fígado. O médico faz uma pequena incisão cirúrgica no local correto de acesso e a resposta é muito precisa, uma vez que esse é o órgão mais irrigado do corpo humano e o que sofre menos interferência de temperatura ambiente e transporte. Numa viatura que atravessa a cidade sob 35°C de temperatura ambiente, a temperatura do cadáver sofre modificações inevitáveis. No Brasil, o trabalho de estabelecer a provável hora da morte oficial é de responsabilidade do médico-legista e só é feito quando o corpo chegar ao IML, decorridas horas e horas do crime. Aqui se mede a temperatura retal, menos precisa, mas ainda utilizada em muitos lugares do mundo.

A cronologia de sintomas de morte varia de pessoa para pessoa. Os sinais imediatos são falta de respiração e insensibilidade. Os consecutivos são: a rigidez, que começa pela nuca e mandíbula e desce pelo corpo, e o resfriamento, numa velocidade de 1°C na primeira hora e 0,5°C por hora a partir da segunda hora. Esses cálculos não são exatos, mas excluem possibilidades importantes. No caso Von Richthofen, Salada estimou que o casal tivesse sido assassinado na posição em que estava entre 22h e 24h, exatamente o que se verificou depois como hora do crime.

A “hora da morte” foi imediatamente passada para os delegados responsáveis pelo caso. As vítimas tinham sido assassinadas dentro do período de tempo em que a filha deles, Suzane, afirmava ter passado em casa e visto os pais ainda vivos, dormindo. A partir dessa informação pericial, aliada à sensação de encenação no local do crime, toda a estratégia de investigação seria montada.

O objeto utilizado como arma, pela análise dos ferimentos, era corto-contundente (de canto vivo), pois causou cortes na cabeça. Se fosse redondo, como um taco de beisebol, os cortes seriam irregulares nas bordas.

O que se podia concluir pelo exame é que o assassino havia dado uma pancada muito violenta na cabeça de Manfred e depois arrefecera seus golpes. Nenhum ferimento de defesa foi encontrado, o que demonstrava que a vítima não pôde ou não teve tempo de se defender.

O Exame de Marísia

Com cuidado, Salada acabou de retirar o saco plástico preto que envolvia a cabeça da mulher. A toalha que cobria seu rosto foi fotografada. Ao tentar tirar a toalha, percebeu que a ponta direita estava presa dentro da boca da vítima, que então foi examinada em detalhes: a ponta da toalha estava engranzada dentro dela, e a língua estava no canto esquerdo e havia sido empurrada. A conclusão não poderia ser outra... A toalha havia sido colocada ali propositalmente, sufocando a vítima.

Após retirar a toalha, Salada pôde examinar os ferimentos de Marísia: três contusos na região parietal direita, hematomas na região temporal direita. Seu crânio estava todo frag-mentado; havia levado pancadas mais lineares e em maior quantidade que o marido. O assassino tinha visado mais sua cabeça, e o golpe mais baixo fora na altura do pescoço.

Marísia também tinha lesões nos dedos indicador e médio da mão direita, causadas por objeto contundente, provavelmente na tentativa de se defender.

A dinâmica do sangue encontrado na cabeceira da cama, parede e abajur mostrava que a vítima havia se desviado dos golpes, movimentando-se para o meio da cama, onde foi encontrada sem vida. Não havia sangue no centro da cabeceira da cama, onde morreu. Fios de cabelo ensangüentados estavam colados na cabeceira e entre o colchão e a borda da cama.

Marcas do instrumento foram encontradas na madeira. Tudo isso demonstrava a violência das pancadas que sofrera.

O assassino havia agido com menos força, mas não arrefecera nem diminuía a intensidade de seus golpes. Marísia parecia não ter morrido tão rapidamente quanto Manfred.

O alinhamento das vestes do casal foi verificado e observou-se que, no máximo, eles teriam sentado na cama ou ajoelhado, mas não teriam sido transportados depois de mortos.

O Exame da Arma

A arma era um revólver Rossi 38 novo, com capacidade para seis munições, cano de três polegadas e acabamento oxidado com cabo de madeira. Estava municida apenas com 38

cinco munições íntegras, e a câmara vazia estava deslocada para a esquerda do alinhamento do cano.

O revólver foi enviado para perícia específica, pois poderia ter havido tentativa de disparo sem o picote. Se a câmara vazia estivesse no centro do alinhamento do cano, demonstraria precaução e nenhuma tentativa de uso. Se estivesse à direita, teria sido um erro inequívoco de municiamento.

Nenhuma outra munição foi encontrada na casa. A arma não apresentava manchas de sangue.

Outras Observações da Perícia

No quarto do casal, o móvel tipo cômoda, de pés frágeis, estava com as gavetas abertas e reviradas. Chamavam a atenção as pequenas peças, vidros de perfume, relógio, em ordem em cima dela. A pessoa que revirou as gavetas o fez com cuidado.

O armário à esquerda do closet do casal compunha-se de um cabideiro na parte de cima e prateleiras na de baixo. A última prateleira, a mais próxima ao piso, dispunha de um fundo falso, supostamente utilizado para guardarem jóias e o revólver. Em frente a esse armário e à cômoda havia diversos pertences do casal, espalhados. Quem revirou tudo era alguém que sabia onde procurar, caso contrário não perceberia nem encontraria o fundo falso.

No fundo do imóvel havia um quatinho, utilizado para depósito. O armário do lado esquerdo era para guardar ferramentas as mais diversas.

No chão ao lado direito da cama, onde dormia Marísia, foi encontrada uma blusa tipo “soft”, com estampa multi-colorida, contendo fios de cabelo. A malha parecia pequena demais para ser da vítima e foi mandada para análise, pois os fios de cabelo poderiam ser do autor do assassinato.

No vaso sanitário do lavabo foi encontrada uma ponta de cigarro da marca Minister.

No piso do escritório foi encontrada uma pasta de couro preta, que depois se verificou estar com a tampa cortada por instrumento de lâmina lisa. Também foi encontrado um envelope fechado, pronto para depósito bancário, com quatro cheques que somavam 4.730 reais.

Os trabalhos da perícia iniciaram-se às 7h30 e terminaram às 17h. A parte interna da casa foi periciada por Ricardo da Silva Salada, e a área externa, por Agostinho Pereira Salgueiro.

As observações iniciais indicavam a ação de dois assassinos batendo no casal ao mesmo tempo. Se apenas uma pessoa fosse responsável por toda a ação, a segunda vítima teria saído da cama e pelo menos esboçado uma tentativa de fuga. Pela posição dos corpos e de acordo com as manchas de sangue, morreram exatamente no local. Não tiveram a menor chance de defesa propriamente dita. Pela violência dos golpes, não parecia que uma mulher estivesse envolvida no ato de matar em si, pois as pancadas exigiam uma maior força física para levantar rapidamente e por diversas vezes um objeto pesado, a arma do crime, que, apesar da exaustiva busca, nunca foi encontrada.

O Início das Investigações — Equipe H-Sul no Local do Crime

Como era a equipe de plantão naquela madrugada, a equipe H-Sul atendeu ao chamado do 27º DP. A

Dra. Renata Helena da Silva Ponte foi ao local do crime juntamente com os investigadores Alexandre Chaim, Marcos, Marcelo, Valter e a perícia, além de acionar o titular, Dr. Ricardo Guanaes, e toda a sua equipe. Quando o chefe dos investigadores da H-Sul, Robson Feitosa, chegou lá, encontrou seu pessoal e alguns jornalistas. Logo depois, chegou o Sr. Astrogildo Cravinhos, pai do namorado de Suzane von Richthofen. Robson, que tem por hábito filmar os trabalhos de sua equipe para seu arquivo particular, conversou com o perito Salada. Resolveram que fariam uma imagem global e, depois, uma específica, para então estudar melhor o caso. Robson subiu as escadas, fil-mou os quartos, depois, o andar térreo e, finalmente, a área externa da casa. Ao conversar com o perito Salgueiro, que fazia o exame pericial da área externa, trocou impressões de como os muros eram altos, e a casa, bem protegida. Nenhuma marca nos muros indicava que a entrada do(s) assassino(s) tivesse sido dessa maneira.

Robson logo pediu que seu pessoal trouxesse para dentro o Sr. Astrogildo. Queria ouvir o que ele tinha a dizer, na companhia da Dra. Renata e do chefe de investigações da Equipe C-Sul, Sérgio de Oliveira Pereira, o Serjão.

Foi impressionante perceber quantos detalhes sobre a família Von Richthofen eram conhecidos por aquele senhor.

Ele declarou que jamais imaginou um crime como aquele, contra um homem com tanto dinheiro. Contou que era hábito do casal deixar sempre por volta de 8.000 reais numa caixinha, no quartinho da frente (biblioteca). O marceneiro que havia feito os móveis da churrasqueira também lhe havia confidenciado que o Sr. Manfred era extremamente chato, detalhista demais, e mandava refazer tudo o que não aprovava completamente.

O investigador experiente deu uma de bobo e continuou conversando, “dando corda” para a testemunha. O Sr.

Astrogildo contou que seu filho Daniel namorava Suzane havia bastante tempo e tinha viajado muitas vezes para a chácara da família Von Richthofen, que a mãe dava muitas ordens aos garotos e os repreendia demais, e que o pai era mais flexível. Também disse que nunca soube de nenhuma briga do casal de namorados com os pais da menina. Astrogildo também falou de seu outro filho, Cristian, que era investigador da polícia, do Grupo de Operações Especiais (GOE). Robson perguntou mais detalhes sobre o cargo de Cristian, e o pai esclareceu que na verdade não era investigador, ele só “colaborava” com um delegado do GOE. “De vez em quando ele anda na viatura com eles, eu até repreendi ele para não ficar andando mais com esse pessoal... Chegava em casa com a viatura na porta...”.

Mais tarde, Robson descobriu que Cristian era, na verdade, “ganso” (informante) do GOE. Se ele fosse realmente investigador, o próprio Cristian ou alguém do GOE teria aparecido no DHPP para se inteirar dos autos. Afinal, os pais da namorada do irmão de Cristian tinham sido assassinados!

Mas ninguém nunca apareceu, nem que fosse para coletar informações sobre o caso.

Enquanto a Dra. Renata e Serjão continuavam a conversa com Astrogildo, Robson se concentrou em sua filmagem.

Uma das coisas que logo chamou a sua atenção foi o fato de não terem sido encontrados nenhum pano de chão, rodo ou vassoura na casa inteira. Isso seria discutido mais tarde, pois foi um dos fatos sem explicação em toda a investigação.

Os outros investigadores estavam espalhados pela rua, conversando com vizinhos. Era preciso saber se tinham ouvido algum barulho, o que achavam do crime, o que sabiam da família. A impressão geral era de que os Von Richthofen eram muito fechados. Já tinham visto viaturas da Polícia Militar na porta da

casa deles e os filhos vistos por alguns andando descalços em volta do quarteirão e fumando maconha.

Para a Equipe H-Sul, várias incongruências chamaram a atenção logo no início dos trabalhos. Durante toda a perícia, a delegada Dra. Renata esteve no local, enquanto o delegado Dr. Guanaes interrogava a família e comunicava-se por telefone com os peritos.

No interrogatório de Suzane, ela informou que havia uma mala na biblioteca que estava cortada. Salada já tinha visto a mala, mas não o corte, porque estava deitada sobre o rasgo, e só quando mexesse nela durante a perícia saberia que estava cortada. Portanto, Suzane verificou muito bem o escritório antes de chamar a polícia, fato que não passou despercebido. Pois ela havia dito ao PM Alexandre Boto que não tinha entrado na casa. O corte na mala foi feito por faca de lâmina lisa, mas na prateleira do escritório foi encontrada apenas uma faca de lâmina serrilhada. O criminoso teria trazido a faca, já sabendo que precisaria dela, ou havia guardado a faca depois do uso? Muito estranho...

A hora aproximada do crime que os peritos informaram para o delegado também não batia com o depoimento da filha, que dizia ter passado em casa por volta da meia-noite e visto os pais dormindo, “até roncando”. Essa diferença de horários por si só já levantava dúvidas no depoimento dela.

Além disso, que ladrão deixaria uma arma de fogo nova no local do crime? Todos os policiais consideraram o fato muito improvável, quase infantil.

Quinta-feira,

31 de outubro de 2002

Suzane e Andreas von Richthofen, Daniel e Astrogildo Cravinhos seguiram para fazer o boletim de ocorrência na 27ª Delegacia de Polícia. O relógio marcava 6h.

Logo o comportamento do casal chamou a atenção dos policiais presentes. Durante a espera para serem atendidos, Suzane tirava um cochilo com a cabeça encostada no ombro de Daniel, como se não fizesse parte da tragédia que estava sendo registrada. Andreas ficou ali sentado, todo encolhido, visivelmente abalado, enquanto o casal trocava carinhos apaixonados.

Suzane e Daniel não escondiam a obsessão que tinham um pelo outro. Entre as frases do depoimento de Suzane, eram trocados beijinhos e agradinhos. Suzane dizia para o delegado titular, Dr. Enjolras Rello de Araújo: “Eu gostaria que vocês prendessem os caras, os bandidos que mataram meus pais...”, e dava um beijinho em Daniel.

A filha das vítimas disse não saber de nada. Apenas relatou que chegou em casa com o irmão, viu as luzes acesas, ficou com medo e ligou para o namorado, que a orientou a chamar a Polícia Militar.

O casal parecia estar no mundo da lua, e não saía da ca-beça do Dr. Enjolras o caso da rua Cuba. Será que a família estava envolvida? “O ônus da prova é de quem alega, quem acusa precisa provar”, foi o que disse o Sr. Astrogildo dias depois, ele que sempre acompanhou todos os depoimentos dos jovens. E tinha absoluta razão.

Muita investigação ainda viria pela frente, num trabalho de colaboração entre equipes policiais como raramente se vê. Quando um crime contra a vida acontece em São Paulo, a competência é da Delegacia de Homicídios e Proteção à Pessoa,⁴ mas nada impede que outras delegacias, que fazem a chamada “clínica geral”, também façam suas diligências.

E assim foi.

O Inquérito — Equipe C-Sul

Da Equipe C-Sul, no local, acompanharam a perícia e as investigações preliminares a delegada Dra. Cíntia P. C.

M. Tucunduva Gomes e os investigadores Sergio, Wendel, Leandro, Francisco, Santana, Marcel, David e Luciano, que conversaram com os vizinhos, vigia da rua *etc.* Como se tratava de investigação mais abrangente, a 1ª Delegacia também enviou seu chefe de investigadores, Carlos Eduardo Montez, o Ado, e mais três homens.

De imediato, a Dra. Cíntia pediu que os investigadores Marcel e David fossem buscar Suzane, Andreas e Daniel na Equipe H-Sul e os levasse para a C-Sul, onde o delegado Dr.

Alvim Spinola de Castro os ouviria.

4. Hoje, através da Portaria DGP-22, de 31 de março de 2006, “As autoridades policiais em exercício no Departamento de Polícia Judiciária da Capital (Decap) ajuizarão sobre a oportunidade e conveniência de promover o imediato encaminhamento ao Departamento de Homicídios de Proteção à Pessoa (DHPP), dos inquéritos policiais instaurados para apuração dos crimes de homicídio doloso consumado e de roubo como resultado de morte, de autoria desconhecida, em que a vítima tenha sido socorrida no local do evento”.

No local do crime, faziam parte da equipe da Dra. Cíntia três papiloscopistas, que recolheram

impressões digitais da arma, das janelas, dos interruptores e até de papéis e documentos. Para as digitais em papel, foi utilizado um líquido cor-de-rosa, a nihidrina, que as evidencia.

Para o azar dos criminosos, a Dra. Cíntia é fã de histórias policiais desde criança e não perde uma oportunidade de estudar. Cada detalhe, para ela, pode esconder uma verdade ou esclarecer uma mentira.

De cara, achou estranho que o saco de lixo colocado na cabeça de Marísia fosse igual àqueles usados na casa. Assim que viu o saco, olhou todos os cestinhos de lixo da casa, mas não encontrou nada. Os sacos de lixo do mesmo tipo, guardados na despensa, estavam fechados, sem uso. Quem colocou o saco de lixo na cabeça da vítima deixou o resto do pacote sobre a cama, e não havia na casa nenhum pacote aberto para uso.

Outra coisa que logo chamou a atenção dela foi a jarra amarela no criado mudo de Marísia. Já viu alguém levar uma jarra de água para o quarto sem um copo? Ia beber água durante a noite como? Além disso, os corpos do casal estavam bastante molhados. Se a jarra tivesse sido utilizada pelo assassino para trazer água na hora do crime e lavar os corpos, isso teria de ter sido feito por alguém que soubesse onde a jarra estava guardada, alguém da convivência da casa.

Não fosse assim, a cozinha deveria estar com todas as portas dos armários abertas, o que não ocorria.

A Dra. Cíntia fez muitas outras observações relevantes que ficariam guardadas em sua memória no decorrer da investigação: a casa era estranha, não tinha espelhos, exceto os dos banheiros. Tudo estava muito em ordem, o que não é comum em latrocínios. Também existia a dúvida de como os assassinos teriam entrado, se não havia sinal de arrombamento nas portas da casa, os muros eram altíssimos, nenhum vizinho teve sua casa usada como passagem e os portões estavam trancados. Outro fato intrigante era a Blazer do casal. Na garagem estava tudo aberto, o controle do portão estava no carro, então por que o ladrão não car-regou a Blazer com o produto do roubo e levou o carro?

Nenhum eletrodoméstico ou equipamento eletrônico havia sumido. Várias hipóteses começaram a se formar na cabeça da delegada, mas de nada adiantava achar alguma coisa.

O grande problema da investigação é provar o que todo mundo “acha”.

Para todos os envolvidos na investigação do assassinato do casal Von Richthofen, desde o início aquele “latrocínio” parecia uma encenação, e os trabalhos se concentraram nas pessoas mais próximas da casa: filhos, empregada, pessoal da Dersa, pacientes de Marísia.

Do local do crime, a Delegada Renata também continuava a passar todas as informações que obtinha por telefone para o Dr. Alvim, num trabalho realmente de colaboração entre as equipes H-Sul e C-Sul.

O Depoimento de Andreas Albert von Richthofen — Equipe H-Sul

O Dr. Ricardo Guanaes, delegado titular da Equipe H-Sul, foi pessoalmente à casa da família Cravinhos buscar Suzane, Andreas e Daniel, que haviam sido dispensados após o boletim de ocorrência lavrado no 27º DP.

Os três foram levados ao DHPP e assim encaminhados: Andreas seria ouvido na Equipe H-Sul, Suzane, na Equipe C-Sul, e Daniel aguardaria na Equipe A-Sul. Era importante que os três fossem separados e ouvidos, sem que um soubesse o que o outro dizia. Só dessa maneira seria possível averiguar se havia discrepância nos depoimentos.

Andreas entrou nas dependências da Equipe H-Sul sem nunca antes ter pisado numa delegacia de Homicídios.

Apesar da aridez do local, composto de mesas simples, computadores e policiais armados em todas as partes, o garoto não parecia assustado. Pelo contrário. Comportou-se como adulto, depondo de forma controlada, com a cabeça concentrada em tudo o que acontecia ao seu redor.

Sentou-se na sala, acompanhado pela advogada Dra.

Wanda Aparecida Garcia La Selva, constituída pela Dersa, e começou a relatar o que sabia para a escritã Aparecida.

Parecia uma história comum, sem nenhuma informação relevante para o caso.

Andreas, naquele dia trágico, estava cabisbaixo, mas não amedrontado. Pensava em cada pergunta para respondê-la, como naturalmente faz aquele que não traz respostas prontas. Não definia os horários fora de rotina com exatidão e seu depoimento soava real. Segundo ele, acordou às 6h40 e se arrumou para ir à escola. Às 6h55 saiu com o pai, como fazia todo dia. Assistiu às aulas no Colégio Vértice até as 12h45. Suzane foi buscá-lo, como sempre fazia. Chegaram em casa por volta das 13h. Almoçaram com a mãe, como nos dias normais. O pai não almoçava em casa. Às 13h55 saiu com a irmã para ir ao inglês. A aula terminou às 15h. Daniel e Suzane foram buscá-lo e juntos foram ao Shopping Ibirapuera comprar o presente de Suzane, que faria aniversário no dia de novembro. Chegaram em casa por volta das 16h50. Às 17h, Suzane saiu. Ela havia avisado a mãe que iria até a faculdade onde estudava Direito participar de monitoria.

Às 18h, a mãe chegou em casa, e às 18h40 ou 18h50 chegou o pai. Os pais jantaram às 20h. Andreas não jantou porque já havia comido um lanche. Foi ver TV em seu quarto — assistiu ao desenho *Os Simpsons*. Por volta das 21h, o pai veio lhe dar boa-noite enquanto tomava banho. Às 22h, foi a vez de a mãe despedir-se dele. Foi a última vez que viu os dois.

Às 22h30, ajeitou as almofadas de sua cama embaixo dos lençóis, para fazer parecer que estava dormindo. Conforme o combinado no dia anterior, iria ao Red Play escondido dos pais, que, rigorosos demais, nunca deixariam que saísse à noite para jogar nos computadores de um *cybercafé*. Foi para o escritório e fez uma ligação para o celular de Suzane, que o passou para Daniel. Disse: "Estou pronto, pode vir me buscar". Daniel veio buscá-lo sozinho. Disse que ele e sua irmã iriam a um motel, como presente de aniversário para Suzane, mas não disse o nome do local escolhido por eles.

Chegando ao *cybercafé* Red Play, cumprimentou todos os que ali estavam e foi para o computador. Depois de cinco minutos, o casal foi embora. Combinaram que viriam apanhá-lo às 3h.

Às 2h50 ligou para a irmã, que estava saindo do motel para buscá-lo. Juntos, levaram Daniel até sua casa, conversaram um pouco e foram embora. Suzane e Andreas chegaram em casa por volta de 3h55 ou 4h.

Andreas contou ao delegado que sua casa tinha alarme, o qual estava desligado naquela noite. Mesmo assim, se acionado um dos botões de pânico espalhados pela casa, a empresa de segurança receberia o sinal.

Segundo o menino, ao chegarem viram luzes acesas e tudo muito bagunçado, além da porta da frente destrancada e a janela da biblioteca aberta. Andreas declarou que não chamou pelos pais porque teve medo de ser agredido por alguém que ainda estivesse na casa. Também estava assustado demais para apertar o botão de pânico da biblioteca, que acionaria a empresa de segurança. Foi impedido por Suzane de subir as escadas...

Saiu com a irmã pela porta da frente. Dali mesmo ela usou o celular para telefonar para Daniel, que os orientou a sair da casa e esperá-lo. Assim que ele chegou, chamaram a polícia pelo 190. Segundo

Andreas, Suzane também discou o número de casa, mas ninguém atendeu o telefone.

A Polícia Militar chegou dez minutos depois e foi encaminhada para a casa por Suzane. Depois de saber que seus pais estavam mortos, foram registrar o boletim de ocorrência no 27º DP e rumaram imediatamente para a casa de Daniel, onde pretendiam descansar.

Ao ler o depoimento do menino, delegado e investigador-chefe se entreolharam. Várias lacunas na história precisavam ser preenchidas. Definitivamente, o menino estava falando o mínimo necessário, e nada disse sobre a história da família e suas relações.

O Dr. Guanaes resolveu mudar de estratégia. Encami-nhou o filho das vítimas e sua advogada para sua sala, mais confortável e menos opressora que a sala em que ele tinha sido interrogado, com uma escritã relatando em linguagem policial os fatos daquele dia. Robson acompanhou-os e sentou-se no sofá de couro ao lado da mesa. O delegado sentou-se em sua cadeira, o menino à sua frente. Novamente, pediu que ele contasse seu dia. Outra vez o menino foi lacônico, só respondendo às perguntas que foram feitas. Delegado e policial sabiam que a história estava por demais incompleta.

Começaram então a esclarecer Andreas dos riscos que corria ao omitir algum fato:

Guanaes: Andreas, vamos esclarecer o que está acontecendo aqui. Seus pais morreram, e quem fez isso pode fazer o mesmo com você. São pessoas que não medem as conse-qüências de seus atos, e, se você estiver de alguma forma envolvido, ou não nos contar a verdade sobre o que sabe, pode até ir parar na Febem.

Robson: Teu pai levou muita pancada para morrer. Ele e sua mãe estavam vivos quando foram atacados e sofreram muito. Presta atenção, Andreas, eles devem ter implorado pela vida deles. Já pensou sobre isso? Tudo o que você contar pode ajudar a descobrir quem fez isso!

Andreas agitou-se na cadeira. Olhava com aflição para os dois homens que diziam tudo aquilo que ele queria saber, mas não queria ouvir.

G: Pensa nisso, Andreas. Teu pai e tua mãe foram assassinados, aqueles que te amavam, que te colocaram no mundo. . Como você pode proteger quem matou aqueles que mais se importavam com você? Acabou, teu mundo caiu, você está sozinho. Conta tudo pra gente!

Neste momento, os olhos do menino ficaram marejados.

Ele olhou para cima, como se pudesse absorver novamente as lágrimas que teimavam em escorrer pelo rosto.

Num fio de voz, perguntou:

Andreas: Vocês têm as fotos dos meus pais aí? Do que aconteceu com eles?

R: Tenho, mas não vou te mostrar.

A: Por quê? Eu quero ver!

R: Porque o que fizeram com seus pais não se faz nem com um animal sem dono. Você está omitindo coisas em seu depoimento e vai se complicar pelo que nem fez. Sabemos que você não estava lá, mas sabemos que você sabe muito mais detalhes do que está contando para nós.

G: Conta tudo de uma vez!!!

Andreas passou as costas da mão na testa, enxugando o suor que encharcava seus cabelos. Secou-as na calça de moletom, respirou fundo. Não queria comprometer ninguém. Não sabia o que responder.

Seria tão mais fácil se pudesse trocar uma idéia com Suzane ou Daniel. Onde eles estavam? Cadê todo mundo?

Meio perdido e constrangido, acrescentou em seu depoimento o fato de que fumava maconha. Ele e Suzane usavam o entorpecente havia mais ou menos sete meses, mas não sabia se Daniel consumia a droga antes disso. No dia anterior, logo depois de almoçarem com a mãe, ele e Suzane tinham ido até o quintal fumar um baseado atrás da caixa-d'água. Muitas vezes era ali que se escondiam para obter o prazer proibido. Outras vezes saía de carro com a irmã e o namorado e fumavam enquanto davam voltas pelo bairro.

G: Você sabia que o Daniel e a Suzane freqüentavam motéis?

A: Sim, doutor, eu sabia. Teve uma vez que eu fui com eles, escondido no porta-malas, a um motel chamado Disco Verde. Só saí do carro depois de estar seguro de que ninguém me veria. Os dois queriam me mostrar como era um motel, e lá a gente também usou maconha juntos.

R: O que mais você fazia escondido dos seus pais, além da maconha e das saídas à noite?

A: Eu tenho uma mobilete que comprei em sociedade com o Daniel. O Cravo [Sr. Astrogildo] também ajudou a comprar as peças na Amaral Gurgel, na “boca das motos”, o Daniel montou pra mim e fica escondida na lavanderia da casa deles. Meu pai nem sonha que eu tenha uma mobilete, ele jamais deixaria.

R: E você usa a mobilete quando? Usou ontem?

A: Usei. Depois que eu liguei para a Suzane dizendo que já estava pronto para ir ao Red Play, o Daniel me buscou 52 sozinho e fomos para a casa dele buscar a mobilete. Eu entrei na lavanderia, peguei-a, verifiquei que estava com o tanque cheio, e fui para o *cybercafé* nela, seguindo o Daniel e a Suzane, que foram no Gol.

G: E você voltou para casa com ela?

A: Quando eu telefonei para o celular da Suzane, às dez para as três, ela disse que eles já estavam vindo me buscar. En-tão fiquei dando umas voltas por ali mesmo, esperando eles chegarem. Quando avistei o Gol da Suzane, segui o carro. Eles me levaram para dar uma volta na avenida Brasil e outras ruas que eu não conheço muito bem, e só depois fomos deixar o Dani em casa. Isso devia ser umas quinze para as quatro.

Já eram 20h. Nada parecia fazer o menino falar livremente. Ele só respondia o que lhe era perguntado. Robson, sem aviso prévio, bateu forte na mesa do delegado e disse: “Porra, Andreas!!! Eu tô te falando que seus pais foram mortos como animais e você fica aí contando historinha de mobilete... Eu não sou moleque, rapaz. Fala a verdade inteira!”.

G: Não vem dar diploma de burro pra mim, garoto. Sou delegado, só trato de homicídios. Tá vendo estas pastas aqui em cima da minha mesa? É o meu trabalho, tudo gente que foi assassinada, e eu vou descobrir quem matou!

A: Mas que verdade vocês querem ouvir?

G: A verdade, sem criar nem esconder nada!

Advogada: Andreas, fale a verdade sem proteger ninguém.

A polícia não é o inimigo, o inimigo é quem assassinou seus pais. É você que tem que ajudar a descobrir quem foi.

A: Mas eu não sei o que eles querem saber!

G: É só contar tudo e qualquer coisa, mesmo aquelas que não pareçam importantes. Lembre que a idade que você tem é o tempo que a gente trabalha na polícia.

O menino, já cansado, resolveu falar do assunto familiar que sempre o afligia: a relação de Suzane e Daniel, a revolta dos pais com o namoro dos dois, as mentiras, os encontros escondidos, a cobertura que dava a eles, o peso de ser o único da família Von Richthofen a saber que o namoro continuava. Mas era melhor contar tudo.

Naquela madrugada, Suzane e Daniel tinham pedido que protegesse o amigo, porque se a polícia soubesse de tudo ele seria o maior suspeito. Suzane implorou: “Andreas, tomara que isso tudo não caia na cabeça do Dani. Ele ficou trinta dias aqui em casa e deixou digital pra todo lado, em tudo quanto é canto da casa. Não fala nada dele para a polícia”. Daniel também tinha conversado com ele: “A polícia vai ficar no meu pé por causa da treta que eu tive com teus pais e também porque eu fiquei morando um mês na tua casa, deixei um monte de impressões digitais”.

Andreas amava Suzane, que amava Daniel...

A História de Amor

Suzane e Daniel haviam se conhecido três anos antes do crime, no Parque Ibirapuera, numa feira de aeromodelismo.

A família Von Richthofen tinha ido à exposição por causa de Andreas, que começava a se interessar pelo assunto. Não precisou de muito tempo para que Suzane e Daniel se apaixonassem perdidamente um pelo outro. Andreas também desenvolveu uma admiração cada vez maior pelo rapaz, que era o quinto colocado do mundo no esporte em que o menino almejava competir.

No começo, tudo parecia ir muito bem. Daniel pretendia fazer Direito, carreira que Manfred e Marísia aprovavam.

Eventualmente, ia à casa de Suzane e chegou a participar de algumas comemorações e churrascos em família, acompanhado de seus pais, Astrogildo (chamado carinhosamente de Cravo) e Nadja. Andreas e Suzane logo se viram envolvidos pela família Cravinhos. Ali, o amor era palavra de ordem.

Todos muito afetuosos, expressavam carinho de uma maneira que nunca tinham visto. Na família Von Richtofen, as demonstrações escancaradas jamais eram feitas. Tudo era muito contido, cada um em seu lugar, em seu horário, com sua roupa adequada, na fala correta. Os Cravinhos tentavam fazer com que Daniel estudasse, enquanto o pai de Suzane vivia insistindo com ela para prestar vestibular novamente e tentar entrar na São Francisco, “bem melhor que a PUC que ela cursava”, segundo seus conceitos.

Depois de mais de dois anos de relacionamento, Manfred e Marísia começaram a achar que o namoro de Daniel e Suzane estava indo longe demais. Segundo eles, as diferenças culturais e sociais entre o casal eram inaceitáveis. As brigas pioraram no Dia das Mães, quando Manfred e Suzane tiveram uma enorme discussão. Manfred estapeou a menina, que saiu de casa desconsolada. Quando voltou, Suzane jurou se afastar de Daniel, e o clima em casa melhorou. O pai, que sempre controlava muito seu horário enquanto namorava, relaxou a vigilância, e a menina continuou seu relacionamento clandestinamente. Só Andreas sabia que Suzane e Daniel continuavam se amando loucamente. Só Andreas sabia que consumiam drogas. Só Andreas sabia que, quando Suzane dizia que estava indo para o monitoramento na PUC, estava na verdade indo para a casa dos Cravinhos. Ali, seu namoro era permitido e abençoado.

Em julho, o casal Richthofen resolveu viajar durante todo o mês para a Europa. Foi nesse período que Daniel “mudou-se” para a mansão de mala e cuia. Dias felizes, piscina, cerveja, muita música, o famoso “sexo, drogas e rock’n’roll”. Para tudo acabar na volta dos donos da casa, no fim daquele mês. Andreas continuou acobertando o relacionamento que a irmã e Daniel mantinham e, se não havia contado isso antes, era para que não pensassem mal de Daniel. “Ele é um cara maravilhoso, gosto dele como um irmão mais velho, não queria que ninguém entendesse nada errado.”

As Últimas Declarações de Andreas

O Dr. Guanaes incentivava Andreas a contar mais detalhes do dia do crime. Perguntou novamente sobre quando chegaram em casa. Segundo o menino, foi entre 3h55 ou 4h.

Durante o percurso, Suzane contou que gastara 300 reais no Motel Colonial. Também falou que, depois de deixar Andreas no Red Play, voltou para casa para pegar dinheiro para o motel (100 reais). Suzane disse que chegou em casa às 24h, subiu e verificou que os pais estavam dormindo. Pegou o dinheiro e saiu, trancando a porta.

Andreas relatou que, ao chegarem, viram luzes acesas e tudo muito bagunçado, além de a porta da frente destrancada e a janela do escritório aberta. Reparou em vários pa-péis espalhados pelo chão, móveis com portas e gavetas abertas, uma pasta marrom com um corte junto ao fecho.

Perto da pasta estavam as chaves-reserva da casa. Segundo o menino, a pasta era da mãe e tinha segredo. Era ali que ficavam guardadas as chaves-reserva, além de dinheiro e cheques recebidos por ela. Também reparou numa faca serrilhada, que era da cozinha.

Robson e Guanaes estranharam alguns detalhes do depoimento. Para ver a pasta, teriam que ter entrado na casa.

Questionaram Andreas, que respondeu:

— Olhei rapidamente. A Suzane entrou, olhou melhor e me contou. A pasta não estava lá?

— Você que tem que dizer se estava ou não!

— Ela disse que sim.

— Ela não deixou você subir por quê? Sabia de alguma coisa?

— Eu não sei mais nada.

Nesse momento, a expressão do rosto de Andreas era de susto e confusão. Só lembrava que naquela manhã, logo antes de tentar dormir na casa dos Cravinhos, a última frase da irmã fora: “Tomara que isso tudo não caia na cabeça do Dani...”.

Depoimento terminado. Já eram 22h e todos estavam cansados. Robson perguntou a Andreas: — Você quer um lanche do McDonald’s?

— Quero só sorvete.

— Tua mãe acabou de morrer e você quer tomar sorvete?

— É, só um sorvete.

Mesmo assim, a polícia insistiu que o garoto se alimentasse com um lanche, fritas, refrigerante e o desejado sorvete.

Andreas aceitou as fritas com esforço, rejeitou o lanche e, finalmente, saboreou o sorvete.

O garoto norteou muito as investigações da Delegacia de Homicídios. Apesar de ter Daniel como irmão mais velho e adorar Suzane, jamais se furtou em responder com verdade a tudo que lhe foi perguntado. Não tinha respostas prontas; nenhum depoimento seu parecia preparado. Nunca houve nenhuma prova de seu envolvimento no assassinato de seus pais. Alguns policiais têm dúvidas se ele sabia de alguma coisa, mesmo que parcialmente, mas nada nem ninguém jamais confirmou essa hipótese. Não houve prova concreta de sua participação no homicídio de Manfred e Marísia von Richthofen. Sofreria ele da conhecida Síndrome de Estocolmo,5 fenômeno que faz com que as pessoas se apaixonem por seus “raptadores”? Teria ficado cativo de uma situação na qual teve de escolher entre manter silêncio sobre o que sabia ou ser uma das vítimas? Saberria de todos os detalhes daquele plano macabro ou apenas desconfiou que algo estranho aconteceria naquela noite? Aquele menino de apenas quinze anos, fruto de uma educação superprotetora, teria condições de imaginar o desenrolar dos fatos e tomar alguma atitude decisiva? Talvez nem mesmo Andreas saiba a resposta para todas essas perguntas.

O Primeiro Depoimento de Suzane Louise von Richthofen — Equipe C-Sul

Enquanto Andreas estava sendo ouvido na Equipe H-Sul, Suzane e Daniel foram encaminhados para a Delegacia C-Sul.

5. Em 23 de agosto de 1973, três mulheres e um homem ficaram reféns de bandidos durante seis dias, em um assalto a um banco em Estocolmo.

Os reféns desenvolveram uma relação especial com os raptadores, e duas vítimas acabaram casando-se com os assaltantes.

Os dois ficaram aguardando no corredor, onde um velho sofá preto está sempre ocupado pelos acompanhantes daqueles que vão depor. O casalzinho esperou que o Dr. Alvim cha-masse a filha das vítimas para ouvir sua história. Enquanto isso não acontecia, trocavam beijinhos e abraços, chamegos e carinhos. Os policiais que por ali passavam e viam a menina com as pernas sobre o colo do namorado, cochichando e sor-rindo, espantavam-se em saber que se tratava da adolescente que acabara de saber que os pais tinham sido assassinados de forma brutal.

O primeiro depoimento de Suzane foi acompanhado por Denivaldo Barni, um advogado da Dersa, que chegou à delegacia espontaneamente. A empresa em que Manfred von Richthofen trabalhava achou politicamente correto que um advogado de seu quadro de funcionários acompanhasse os órfãos nos procedimentos policiais que se faziam necessários, dando assistência à família do engenheiro brutalmente assassinado em acontecimento trágico.

A filha do casal parecia tranqüila, tinha o olhar assustado e uma história para contar que chamou a atenção do delegado Dr. Alvim por estar muito pronta e que parecia, de alguma forma, preparada com antecedência. O delegado estranhou, tomou nota mentalmente de suas impressões e seguiu com seu trabalho.

Ela cursava o primeiro ano de Direito na PUC e declarava ter um convívio familiar harmônico. Tinha boa amizade com os pais e com o irmão, Andreas. Seus pais controlavam mais os horários do irmão, que não podia sair à noite, mas nos finais de semana o controle não era tão rígido.

Sua casa possuía sensores infravermelhos na porta de entrada e na comunicação entre cozinha e sala que disparavam um alarme quando atravessados. No quarto de seus pais, no seu, no de seu irmão e na biblioteca havia botão de pânico, que deveria ser acionado se qualquer barulho estranho fosse ouvido pelos moradores. Um equipamento e tanto de segurança, se não ficasse desligado para que a empregada tivesse livre acesso em toda a casa. Duas câmeras de vídeo estavam direcionadas para as portas de entrada. O monitor de vídeo ficava na cozinha, mas infelizmente não gravava o que era captado pelas

câmeras.

Declarou também que empregadas domésticas contra-tadas pela mãe não ficavam mais de seis meses trabalhando em sua casa e que meses antes, por coincidência, ela e a mãe haviam sido seguidas por um Escort azul de vidro escuro em momentos diferentes. Também relatou a história de uma antiga empregada que tinha furtado dinheiro.

Segundo a menina, no dia fatídico ela havia saído de casa por volta das 17h, indo para a casa de Daniel. Ali, ficaram vendo TV até as 18h, quando resolveram ir à Blockbuster alugar um filme. Depois de procurar por um título interessante, não encontraram nada e resolveram visitar o irmão de Daniel, Cristian Cravinhos. Eles precisavam devolver a ele uma máquina de cortar cabelo que Daniel havia pegado emprestada. O casal ficou na casa de Cristian por quinze minutos e depois retornou à casa de Daniel.

Por volta das 22h30, Andreas ligou para Daniel, que foi buscá-lo conforme haviam combinado. Ele queria ir jogar Counter Strike6 no *cybercafé* perto de casa, mas teria de sair escondido dos pais. Segundo Suzane, isso acontecia pelo menos uma vez por semana. Juntos, encontraram Suzane 6. Counter Strike é um jogo de computador, mais especificamente um “mod” de Half-Life para jogos online. É basicamente um jogo de tiro em primeira pessoa em que equipes (*teams*) de antiterroristas e terroristas combatem até a vitória. Requer muita estratégia e trabalho de equipe para vencer. Esse jogo é considerado o grande responsável pela popularização das *lan houses* no mundo.

na casa de Daniel, onde Andreas pegou a mobilete que ali ficava escondida (presente secreto da família Cravinhos, que Daniel montou para o “cunhado”) e foram os três para o *cybercafé* Red Play.

Às 24h, Suzane e Daniel retornaram para a residência dela para buscar cem reais que estavam em sua mesa de estudos. Enquanto o rapaz esperou no carro, ela entrou em casa. Encontrou a porta fechada e todas as luzes apagadas, exceto a luz da varanda e do abajur, que ficavam acesos de costume. Subiu e viu os pais dormindo com a porta aberta, como de hábito. Passou pela biblioteca para ver se tinha algum recado para ela, foi ao banheiro e saiu. O casal, segundo ela, foi procurar um motel na Raposo Tavares, mas depois mudou de idéia e resolveu se divertir no Motel Colonial, aonde chegaram por volta de 1h30. Solicitaram a suíte pre-sidencial, pela qual pagaram 315 reais, e ficaram até as 2h40.

Era a comemoração do aniversário de Suzane.

Ao saírem, foram imediatamente buscar Andreas no *cybercafé*. Acompanharam o menino, que deu algumas voltas pela cidade em sua mobilete. Suzane então deixou o namorado e a mobilete na casa dele e foi com o irmão para casa por volta das 4h. Encontraram a porta da frente da residência aberta, as luzes da cozinha e da sala acesas e viram que a biblioteca estava bagunçada. Uma pasta que continha dinheiro em moeda nacional e estrangeira estava rasgada e vazia. Saiu da casa, foi para a área da piscina e ligou para o namorado.

Daniel pediu que não entrasse mais na casa e disse que iria para lá. Suzane discou 190 e chamou a Polícia Militar. Os policiais entraram, fizeram breve vistoria e noticiaram que seus pais haviam sido mortos. Confirmou que a arma de fogo que estava no local pertencia a seu pai.

Quando o Dr. Alvim perguntou a ela por que ficou apenas pouco mais de uma hora no motel quando poderia ter ficado muito mais, Suzane respondeu que Andreas havia ligado e pedido que fossem buscá-lo porque o Red Play estava ficando vazio. O irmão sabia que o casal estava num motel. Ela também disse em seu depoimento que não fez sexo com o namorado naquela noite.

Suzane contou ao delegado que namorava Daniel fazia três anos e que seus pais nada tinham contra o

namoro.

Segundo seu depoimento, Daniel freqüentava sua casa em datas comemorativas. Também confessou que o casal fazia uso de entorpecentes, mas que achava que seu irmão Andreas nunca tinha experimentado nenhuma droga. Ela não imaginava que Andreas tivesse contado que usavam drogas juntos.

O Depoimento de Daniel Cravinhos — Equipe A-Sul

Daniel, em seu depoimento, contou “basicamente” a mesma história que Suzane. Disse que tinha bom relacionamento com os pais dela, que freqüentava sua residência uma ou duas vezes por mês, porque os horários da namorada não batiam com sua programação, que os pais dela regulavam muito seus horários, para que os estudos não fossem prejudicados pelo namoro.

Naquele dia, Suzane chegou em sua casa por volta das 17h. Foram comprar ração para peixes, voltaram, mas logo resolveram ir até a locadora Blockbuster pegar alguns DVDs.

Desistiram antes de entrar e voltaram para casa de Daniel, onde esperaram o telefonema de Andreas.

Depois de deixar o “cunhado” no Red Play, o casal de namorados rumou para a rodovia Raposo Tavares, para procurar um motel onde comemorariam o aniversário de Suzane.

Próximos à rodovia, mudaram de idéia e resolveram ir para o Motel Colonial, onde achavam que “curtiriam melhor” a data. Como o programa escolhido era mais caro e precisavam de mais dinheiro, foram até a casa de Suzane para completar o valor necessário. Daniel ficou no carro enquanto a namorada entrou e saiu, o que levou aproximadamente dez minutos.

Seguiram para o Motel Colonial, de onde saíram poucas horas depois para buscar Andreas no *cybercafé*. Deram algumas voltas com o garoto, que usava sua mobilete, foram para a casa de Daniel, onde ele desceu e guardou o ciclomotor do menino. Suzane e Andreas foram embora, mas telefonaram para ele logo depois, contando que a casa estava revirada.

Daniel pegou seu carro e foi imediatamente para a casa da namorada. Enquanto esperavam na rua pela Polícia Militar, deram vários telefonemas para dentro da casa, esperando que Manfred e Marísia atendessem e dissessem se estava tudo bem, mas não entraram com medo de encontrar um assaltante.

Daniel, quando soube que seus “sogros” estavam mortos, chamou seu pai.

O rapaz também disse que os pais de Suzane bebiam cerveja e uísque diariamente e que achava que o crime poderia estar relacionado com alguma empregada da casa, atual ou antiga.

Os Trabalhos Policiais

Logo, vários conflitos relevantes entre os depoimentos do casal surgiram. Primeiro, quanto ao programa da tarde: Suzane dizia que o casal havia entrado na Blockbuster, Daniel dizia que não. A segunda contradição era quanto às atividades do casal entre deixar Andreas no Red Play e chegar ao Motel Colonial: enquanto Suzane dizia ter ido levar o irmão ao Red Play, depois passado em casa para pegar o dinheiro, em seguida para a Raposo Tavares e, finalmente, para o Motel Colonial, Daniel disse que levaram Andreas, foram para a Raposo Tavares, dali para a casa de Suzane e, em seguida, para o Motel Colonial. Para a polícia, o lapso de tempo entre deixar Andreas na casa de jogos e a chegada ao Motel Colonial à 1h30 daquela madrugada estava confuso. E as versões só se confundem quando são mentirosas.

O terceiro conflito era sobre como o tempo foi gasto no motel. Daniel dizia que chegaram ao quarto, usaram a hidromassagem, foram para a piscina e então “pintou um clima” e transaram. Para Suzane, eles tinham ido primeiro para a piscina, depois para a hidromassagem e nada de sexo naquela noite. Ora, poucas horas haviam se passado para que qualquer um deles se confundisse quanto às atividades românticas no motel.

Daniel também não conseguia lembrar que roupa Suzane usava no motel, pois segundo Andreas ela foi levá-lo ao Red Play vestida de um jeito e buscá-lo de outro.

Outro detalhe que chamou a atenção da polícia foi a aliança de compromisso que Suzane usava naquela quinta-feira, mas Daniel, não. Quando Ado conversou com Miguel Abdalla, tio da garota, ele contou que seis ou sete meses antes a família Von Richthofen havia comemorado a quebra do compromisso e a retirada da aliança do dedo anular da filha. Bem, ela a estava usando novamente.

A decisão de manter o casal completamente separado até que os depoimentos estivessem finalizados tinha sido realmente acertada. . Alguns detalhes não estavam “bem combinados”.

O Sr. Astrogildo não foi ouvido oficialmente na quinta-feira; os policiais apenas mantiveram conversas laterais com ele. A tática aqui era “dar corda” para todos; quanto mais falassem, mais material arquivado na memória de cada um para “quebrar” as historinhas que viriam.

Os investigadores Alexandre, Marcos e Paulo foram conversar com os vizinhos da família Von Richthofen. Queriam saber se ouviram algum barulho, o que achavam, como era a família. Descobriram que se tratava de uma família fechada, mas que de vez em quando foram vistas viaturas da Polícia Militar em sua porta.

Segundo a revista *Época*, em reportagem de Alexandre Mansur e Solange Azevedo em 9.12.2002, no início de setembro desse mesmo ano o 12º Batalhão da Polícia Militar de SP foi chamado para apartar uma briga na casa das vítimas.

Era a terceira intervenção da polícia em bate-bocas como aquele, anteriormente denunciados por telefonemas anônimos. A viatura chegou às 2h e deparou com o Sr. Manfred Von Richthofen visivelmente transtornado, gritando com o namorado da filha Suzane, Daniel Cravinhos. A menina tentava, sem sucesso, acalmá-los. O pai ameaçava bater na filha se o relacionamento dos dois continuasse.

Para os PMs, Manfred declarou: “Qualquer dia desses ainda quebro este moleque!”. Daniel respondeu sem pestanejar: “Tenho vontade de pegar este velho!”.

*

Os investigadores Luciano e Francisco seguiram para o Motel Colonial verificar o álibi do casal de namorados.

Eles entraram à 1h36 do dia 31 e saíram às 2h55, apesar de poderem ficar até o meio-dia. Pagaram em dinheiro vivo uma conta de 318,50 reais, que incluía a diária de uma suíte com sauna, piscina, teto solar, cachoeira e hidromassagem e o consumo de uma lata de coca-cola.

Os investigadores Wendel e Leandro foram até o *cybercafé* Red Play ouvir o gerente, Almir, confirmando o álibi de Andreas von Richthofen quanto ao horário de entrada e saída, além de consumo. Foi pedido ao gerente um relatório de frequência de Andreas e Daniel, no qual se verificou que nunca o primeiro havia ficado até tão tarde no estabelecimento como aconteceu no dia do crime. Foram chamados para depor o proprietário do local, dois funcionários noturnos e mais um empregado. Eles

achavam que Suzane e Daniel fumavam maconha.

Na noite de quinta-feira, todos já cansados dos trabalhos daquele dia, ainda havia espaço para surpresas. Em conversa com o Dr. Armando de Oliveira Costa Filho, diretor da Divisão de Homicídios do DHPP, Suzane von Richthofen não perguntou quem estaria cuidando do velório, do enterro e da liberação dos corpos de seus pais. Suas dúvidas se concentra-vam em saber se poderia vender imediatamente os carros da família e se naquele fim de semana, feriado de Finados, ela, Daniel e Andreas poderiam viajar para Boissucanga, litoral norte de São Paulo. Revoltado com o descaso em relação aos pais, o Dr. Armando chamou a atenção deles, explicando que seriam responsabilizados por suas ações. Nada ainda podia ser provado, mas o estado de ânimo dos envolvidos, sem dúvida, era espantoso.

Instituto Médico-Legal

O Instituto Médico-Legal de São Paulo só atende casos de morte violenta ou suspeita, realizando perícias criminais. Se uma pessoa morre de morte natural sem assistência médica, o corpo segue para o Serviço de Verificação de Óbitos da Capital, um tipo de perícia totalmente diferente, visando fins epidemiológicos e estatísticos.

O IML é dividido em núcleos, cada um com sua função. O de clínica Médico-Legal faz exames diretos e indiretos de lesões corporais, exames de verificação de embriaguez, exames de verificação de idade, de capacitação para o trabalho e fornece pareceres médico-legais em casos de erros médicos.

Na Sexologia Forense, as perícias hoje são feitas no Projeto Bem-Me-Quer e incluem exames de conjunção carnal em casos de estupro, sedução, posse sexual mediante fraude; exames de atos libidinosos (atentado violento ao pudor), exames nos casos de aborto, nos casos de infanticídio e de delito de contágio.

O Núcleo de Toxicologia Forense examina, no morto, as vísceras, fluidos biológicos para constatação de vene-nos, substâncias psicoativas, álcool, envenenamento por metais pesados *etc.* Na pessoa viva, as verificações incluem dosagem alcoólica, uso de substâncias ilícitas, intoxicações exógenas *etc.*

O Núcleo de Odontologia Forense, por meio de seus exames, determina idade, lesões corporais culposas ou dolosas, identificação por arcada dentária e exames odonto-legais nos casos de identificação de mordeduras humanas no vivo e no morto, para identificação de autoria.

O Instituto Médico-Legal também realiza exames complementares: Patologia Forense — examina macro e microscopicamente peças retiradas durante o ato necroscópico para diagnóstico anatomopatológico.

Biologia Forense — faz pesquisa de espermatozóides em material colhido durante exame feito na Sexologia Forense, bem como o diagnóstico de gravidez em urina.

Fotografia — emprego de fotos para ilustrar laudos de lesão corporal, tanatológicos, exumações *etc.*

Exames Médicos — nas especialidades de Otorrinolaringologia, Oftalmologia, Neurologia, Psiquiatria e Radiologia.

Finalmente, o Núcleo de Tanatologia⁷ Forense realiza exame necroscópico para determinar a causa médica da morte, que fornece informações para que a causa jurídica possa posteriormente ser estabelecida. Realiza também exumações determinadas pela Justiça para esclarecer casos especiais e, através da Antropologia Médico-Legal, busca, por meio de exames antropológicos, estabelecer espécie,

idade, raça, esta-tura, entre outros, para fins de identificação médico-legal.

Quando ouvimos falar em IML, logo pensamos em um prédio feio, escuro, cheio de sombras, como num filme de suspense. Ou num edifício moderno, cheio de andares iluminados com luz fria, gavetas de aço em todas as paredes, funcionários que nunca tomam sol atendendo com ar lúgubre pessoas tristes que por ali passam, sem ousar falar alto.

O IML de São Paulo não poderia ficar mais longe dessa descrição: é um predinho amarelo, muito simpático, cheio de janelas azuis, no coração do Hospital das Clínicas. Foi ali que numa quinta-feira ensolarada chegaram os corpos de Manfred e Marísia, dentro da viatura que faz o atendimento da zona centro.

A viatura estacionou para descarregar seu conteúdo na porta dupla do necrotério, mas o caminho dos vivos até a sala de necropsia é feito por dentro do edifício. Granito azul cobre o piso, e pouca gente se vê nos corredores. Na sala do necrotério, trancada a chave, o cenário vira do avesso: muito movimento, várias macas com corpos podem ser vistas pelo recinto e a temperatura é fria. Quem não está agasalhado e fica por ali muito tempo esfrega os braços sem parar...

Cada corpo que ali chega é devidamente identificado e recebe um número, imediatamente “tatuado” na coxa com 7. Parte da Medicina Legal que se ocupa da morte e dos problemas médico-legais com ela relacionados.

caneta Magifix, composta de anilina e corante à prova d’água, aquela mesma com a qual o Serviço de Inspeção Federal (SIF) marca as carnes aprovadas para consumo nos frigoríficos.

Esse número de registro será o mesmo que identificará o laudo necroscópico. É o número que acompanhará o cadáver por toda a eternidade.

A maca contendo o cadáver fica ali, naquela enorme fila de mortos por ordem de chegada, numa silenciosa espera para ser atendido. Naquela sala de espera, ninguém reclama do atraso. Quem já foi examinado segue na maca para as câmaras frigoríficas, salas grandes onde são acondicionados no máximo vinte cadáveres em macas sobrepostas vertical-mente, quatro em cada coluna. Na enorme porta de aço de cada uma das três câmaras, há etiquetas com o número de registro de cada caso, para que se possa encontrar a vítima exata com competência.

Naquela quinta-feira, dois médicos-legistas estavam de plantão: Dr. André Ribeiro Morrone e Dr. Antonio Carlos Gonçalves Ferro. Através de seus treinados olhos e mãos, Manfred e Marísia poderiam “contar” a todos nós o que de fato causou sua morte.

Os trabalhos tiveram início com a realização do exame radiográfico dos cadáveres, uma radiografia de cada corpo.

O objetivo desse exame é procurar projéteis de arma de fogo ou seus rastros. Nesse caso, nada foi encontrado.

Cada corpo foi colocado na mesa de necropsia, lado a lado, e os dois médicos se dividiram: o Dr. André cuidou de Manfred, enquanto o Dr. Antonio Carlos ficou com Ma-rísia.Os médicos fizeram o exame das vestes de ambas as vítimas, o exame externo dos cadáveres, as medidas de identificação topométrica e as medidas de todas as lesões externas que encontraram.

A Necropsia de Manfred

Manfred vestia apenas a calça de seu pijama. Homem branco, 49 anos, medindo 1,72m e pesando

aproximadamente 80 quilos, sofreu as seguintes lesões e apresentou os seguintes sinais externos de interesse médico-legal:

1) Afundamento da região parietal direita.

2) Um ferimento contuso medindo 3 centímetros de extensão na região periorbital direita (ferida aberta no supercílio).

3) Três ferimentos variando entre 2 e 3 centímetros de extensão na região temporal anterior direita.

4) Um ferimento de 6,5 centímetros de extensão na região temporal posterior direita.

5) Um ferimento de 4 centímetros de extensão na região hióidea direita (no pescoço, na altura da base da língua).

6) Hematoma bipalpebral (nas duas pálpebras).

7) Equimose localizada na região interorbital (entre os olhos, acima do nariz).

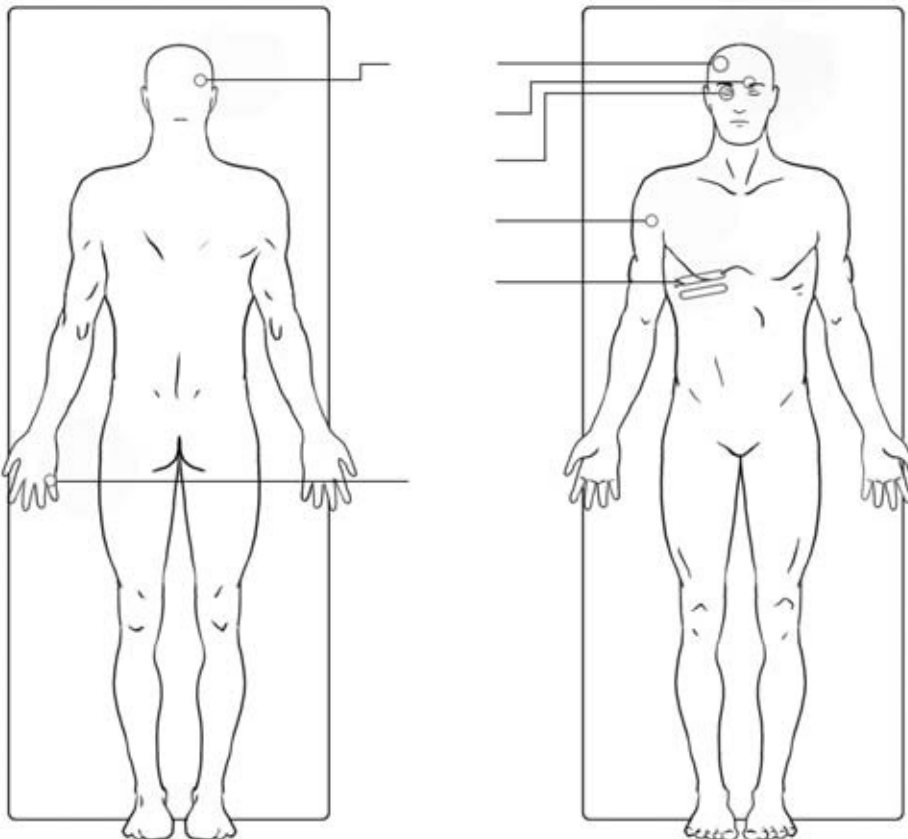
8) Duas equimoses com formato linear e espessura aproximada de 2,5 centímetros e 6 centímetros de extensão, paralelas entre si e com hematoma ao redor, na região anterior do tórax à direita, no terço médio.

Hematoma ao redor das equimoses.

9) Equimose em formato semicircular na região zigo-mática (malar) direita com eritema (vermelhidão) ao redor (diâmetro aproximado de 16 milímetros).

10) Hematoma na região anterior do ombro direito.

11) Escoriação no dorso da base do quinto dedo da mão esquerda.



Lado esquerdo

Lado direito

Lado direito

Lado esquerdo

Ferimentos

contusos

Equimose

Hematoma

bipalpebral

Hematoma

Equimoses

Escoriação

O Dr. André prosseguiu com seus trabalhos, dando início à dissecação do corpo, abrindo a cabeça de orelha a orelha, como se fosse uma tiara. No exame interno da vítima, observou: 1) Hematoma extenso sob o couro cabeludo na região fronto-têmporo-parietal direita e parietal esquerda.

2) Fratura cominutiva (fragmentada) de osso temporal direito e parietal direito.

3) Fratura linear em osso parietal esquerdo com cerca de 10 centímetros.

4) Hematoma subdural agudo bilateral de médias proporções.

5) Edema cerebral.

6) Contusão e hemorragia no lobo temporal direito.

7) Fratura de fossa média craniana à direita e no teto da órbita direita.

8) Hematoma na musculatura temporal direita.

9) Fratura de quarto, quinto e sexto arcos costais (coste-las) anteriores à direita.

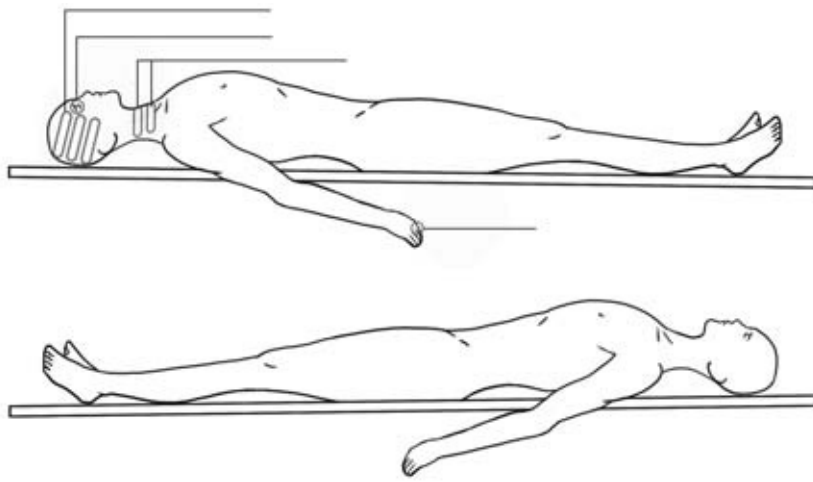
Não havia evidências de lesões traumáticas em cavidade abdominal.

Também foi colhido sangue para exame toxicológico completo, que resultou negativo para agentes tóxicos rotineiramente pesquisados pelo IML, inclusive álcool etílico.

A conclusão do médico-legista foi a seguinte, conforme Laudo Necroscópico nº 4694/2002:

“Do observado e exposto, concluímos que a vítima faleceu de traumatismo crânio-encefálico causado por instrumento contundente. A vítima apresentava fratura cominutiva com afundamento da região têmporo-parietal direita sugestiva da ação vulnerante causada por vários golpes de instrumento contundente. O tempo estimado da morte (cronotanatognose), tendo como referência a hora do exame necroscópico (dia 31.10.2002, às 15h), sugere o intervalo de tempo estimado maior de 12 horas e menor que 18 horas, ou seja, compreendido entre às 21h do dia 30.10.2002 e às 3h do dia 31.10.2002.”

Consta do laudo que o meio utilizado para assassinar Manfred von Richthofen foi cruel.



A Necropsia de Marísia

Marísia, no momento do exame, vestia calça vermelha e calcinha branca. Mulher branca, medindo 1,65m e de complexão física franzina, sofreu as seguintes lesões e apresentou os seguintes sinais externos de interesse médico-legal:

- 1) Hematoma de pálpebra superior direita.
- 2) Afundamento craniano em região fronto-parietal direita.
- 3) Equimose em região frontal direita.
- 4) Três ferimentos lácero-contusos (abertos) longitudinais variando entre 5 e 7 centímetros em região parietal direita, com exteriorização de massa encefálica.
- 5) Duas equimoses lineares de cerca de 8 centímetros de extensão, paralelas e transversais, em região cervical lateral direita, com distância de 3 centímetros entre si.

6) Equimose em segundo, terceiro e quarto dedos da mão direita, apresentando ferimento contuso de falange distal (mais na ponta) no segundo e terceiro dedos da mão direita.

Ferimentos lácero-contusos

Lado direito

Hematoma palpebral

Equimoses

Hematoma 2º e 3º dedos

Lado esquerdo

O Dr. Antonio Carlos prosseguiu com seus trabalhos e deu início à dissecação do corpo da vítima, a partir da qual observou:

- 1) Hematoma galeal subaponeurótico8 difuso (por baixo do couro cabeludo, espalhado, como um “galo” enorme em torno de toda a calota craniana, no “cocaruto”).
- 2) Fratura cominutiva (fragmentada) de osso parietal e temporal direito com saída de massa encefálica.
- 3) Fratura linear de osso parietal e temporal esquerdos.
- 4) Hematoma subdural difuso.

- 5) Hemorragia cerebral difusa.
- 6) Perda de substância encefálica.
- 7) Fratura de base do crânio em fossa anterior e média do crânio.
- 8) Contusão de lobo parietal e temporal direitos (bilateral).

No exame interno de tórax e abdome, depois de corte executado da ponta do queixo ao púbis (mento pública), foram observadas petéquias subepicárdicas no coração, equimoses subpleurais nos pulmões, que estavam congestionados, e congestão passiva aguda do fígado.

Na região cervical foram observados:

- 1) Equimose em terço médio do músculo esternocleido-mastóideo direito (lateral anterior do pescoço).
- 2) Hematoma periglótico próximo ao ramo direito do osso hióide (pescoço).
- 3) Hematoma nas cordas vocais.
- 4) Fratura de ramo direito do osso hióide.

8. Aponeurose: membrana fibrosa que reveste ou envolve os músculos esqueléticos e, em certos casos, os termina à guisa de tendão.

Também foi colhido sangue para exame toxicológico completo, que resultou negativo para agentes tóxicos rotineiramente pesquisados pelo IML, inclusive álcool etílico.

A conclusão do médico-legista foi a seguinte, conforme Laudo Necroscópico nº 4695/2002:

“Concluímos que examinamos um corpo em estado de morte real, que veio a ocorrer em virtude de traumatismo crânio-encefálico produzido por instrumento contundente. Frente aos múltiplos ferimentos cranianos apresentados pela vítima, podemos inferir que esta sofreu vários golpes de instrumento contundente. Ve-rificamos sinais gerais que sugerem que a vítima teve uma morte agônica, ou seja, apresentou certo tempo de sobrevida entre o evento traumático e a morte. A vítima apresentava equimoses e hematomas na região cervical direita compatível com a ação de instrumento contundente. Baseados nos sinais cadavéricos, o tempo estimado de morte compreende um intervalo de tempo maior que 12 horas e menor que 18 horas, ou seja, entre 21h do dia 30.10.2002 e 3h do dia 31.10.2002, adotando a hora do exame necroscópico como referência.”

O meio para assassinar Marísia von Richthofen também foi considerado cruel pelo legista.

A Interceptação Telefônica

Para que uma interceptação telefônica seja feita, a suspeita deve ser fundamentada. Foi o que aconteceu nesse caso. A juíza Dra. Ivana David Boriero foi encontrada num restau-rante dos Jardins e assinou a liberação.

No prédio do DHPP, situado na rua Brigadeiro Tobias, já existe uma sala preparada para esse fim, com todo o equipamento disponível, portanto acionar a escuta de telefones de qualquer tipo é procedimento de execução rápida e competente. Só havia um problema que a polícia tinha de resolver depois dos telefones já “grampeados”: Suzane e Andreas queriam passar a noite na casa dos Cravinhos, o que seria um desastre. Eles não teriam necessidade de se comunicar por telefone.

Os pais de Daniel e o tio de Suzane foram chamados para uma conversa informal, e lhes foi dito que

não pegava bem, naquele momento, que os filhos das vítimas dormissem na casa dos Cravinhos. Eles concordaram, e, assim, Daniel e Suzane foram separados, para que surgisse a necessidade de contato telefônico.

Quatro investigadores foram escalados para fazer a escuta 24 horas por dia: Santana, Wendel, Leandro e Luciano.

Algumas conversas direcionaram as investigações, como aquelas que levantavam suspeitas quanto às empregadas da casa, aos clientes do consultório de Marísia, à empresa em que Manfred trabalhava.

A escuta durou até o dia da confissão, mas nada foi apurado além do estado espiritual dos envolvidos. No primeiro diálogo registrado pelos policiais entre o casal de namorados, Daniel avisa Suzane: “Não vamos conversar por telefone porque pode estar grampeado!”.

Sexta-feira,

1º de novembro de 2002

Os investigadores Chico e Luciano logo foram escalados para acompanhar o enterro de Manfred e Marísia, com o objetivo de avaliar os acontecimentos que ali se desenrolariam, quem compareceria, que reações teriam. É comum que investigadores do DHPP acompanhem enterros de vítimas ou seus parentes ao IML anonimamente, ainda mais se existe suspeita de algum familiar envolvido no caso. Vão ali como amigos, curiosos, e ficam rondando de lá para cá, observando as condições psicológicas dos envolvidos e ouvindo comentários do público presente.

A impressão de quem foi ao enterro do casal Richthofen foi de que a filha das vítimas tinha chorado “o básico”. Suas roupas não condiziam com a ocasião, o que era de mau gosto, mas não era crime. Suzane era consolada o tempo todo pelo namorado, que ela carinhosamente chamava de Dandan.

Jorge Ricardo March, amigo de Cristian Cravinhos, também teve uma sexta-feira difícil. No dia anterior o amigo o havia procurado, logo cedo. Queria comprar uma motocicleta, tinha dinheiro vivo na mão, mas alegou ter vários problemas com o Banco Bradesco e se comprasse a moto em seu nome seria logo acionado. De boa vontade, Jorge acompanhou Cristian à loja de Marcos Nahime, no Brooklin. Tirou a documentação da compra do amigo em seu nome. A motocicleta foi paga em dinheiro vivo e à vista: 3.600 dólares. Jorge não viu nenhum problema na transação, até que no decorrer do dia começou a ouvir em todos os noticiários que um casal havia sido assassinado. Para sua total perplexidade, o namorado da filha das vítimas era o irmão de Cristian. Assustado, tentou em vão localizar o amigo para saber se estava envolvido.

Nessa altura dos acontecimentos, Cristian já não estava mais em São Paulo. Tinha viajado para o sítio da namorada, e a moto estava guardada na garagem da família dela. Restava a Jorge aguardar o desenrolar dos acontecimentos.

Uma fonte anônima, ao saber da nova moto de Cristian e do assassinato envolvendo os sogros do irmão dele, também desconfiou, pois Cristian não era de ter muito dinheiro, vivia de bicos aqui e ali. Sem perder tempo, telefonou para o amigo Dr. Ismael Lopes Rodrigues, então delegado da Equipe Especial de Investigação de Homicídios Múltiplos, vulgarmente conhecida como Divisão de Chacinas, compartilhando sua apreensão. A informação imediatamente foi passada para o Dr. Domingos Paulo Neto, diretor do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa.

A equipe de investigação, ao tomar conhecimento dessa suspeita, infiltrou um dos seus à paisana na padaria em frente à casa de Cristian, que morava com a avó. Conversando com taxistas de um ponto ali localizado e com vizinhos na padaria, a história da moto foi confirmada. Mas não era raro o rapaz consertar aquele tipo de veículo, trazendo-os para casa. O que se estranhava era ele ter arrumado dinheiro para comprar uma novinha.

A empregada dos Richthofen, Reinalva, também estava preocupada. Ela havia sido liberada do trabalho pela filha da patroa, mas queria comparecer ao enterro do casal. Ligou para Suzane, que acabou pedindo a ela para ir limpar a casa naquele mesmo dia. Reinalva chegou às 13h, acompanhada da antiga patroa que a havia apresentado a Marísia. Cabia a ela a difícil tarefa de remover o sangue do quarto dos patrões.

Com o cheiro subindo por suas narinas, esfregou o chão com lágrimas nos olhos, mas parecia ser a única de luto naquela casa. Não viu nenhum dos filhos chorar a morte dos pais.

Suzane não fez nenhum comentário sobre o assassinato e Andreas parecia estar alheio aos fatos, cantarolando pela casa com um walkman nos ouvidos. Quando Reinalva perguntou ao menino como ele

estava passando, espantou-se com a resposta: “Já era, acabou”.

Sábado,

2 de novembro de 2002

Dia de Finados. Para a equipe de investigação do DHPP, não houve feriado. A Dra. Cíntia e o Dr. Alvim resolveram dar uma passada na casa da rua Zacarias de Góis para sentir melhor o ambiente, o estado de espírito da família, reconstruir a dinâmica do caso e procurar o que poderia ter sido a arma do crime.

Chegaram à mansão Richthofen numa viatura descharacterizada. A rua estava em uma tranquilidade absoluta, completamente sem movimento. Tocaram a campainha e esperaram algum tempo, até que a porta foi aberta por Suzane, que trajava um biquíni. Todos estavam na piscina, aproveitando o sábado de sol, munidos de cerveja e música.

Muito sem graça, a moça apagou rapidamente o cigarro e pediu que aguardassem um minuto.

Suzane voltou já vestida de short e top curto e todos saíram da piscina rapidamente. Os delegados explicaram que queriam dar mais uma olhada na casa sem causar transtorno.

Ela respondeu que não havia problema e entrou com todos pela porta da cozinha. Subiram para a área dos quartos, onde a filha das vítimas, fumando novamente, apontou para a cama de casal e disse: “Bom, aqui morreram meus pais”. O Dr. Alvim ficou inconformado com o desrespeito da postura da moça, que não demonstrava o menor pudor ao estar no recinto onde havia ocorrido o brutal assassinato dos próprios pais displicentemente apontando o cigarro para onde haviam ficado os corpos esfaqueados daqueles a quem a garota devia a mais alta reverência.

Segundo o relato dos policiais que fizeram essa visita, Suzane foi colaborativa, mas fria. Mostrou todos os cômodos, armários e o detalhe do móvel em que o pai guardava a arma e as jóias, como seria o procedimento para abri-lo. Realmente era necessário conhecer bem o lugar para saber a localização de compartimento tão bem escondido.

O Dr. Alvim e a Dra. Cíntia prestavam muita atenção em todos os detalhes, tentando encontrar algo que se assemelhasse a um bastão.

O armário de ferramentas, repleto delas e citado por uma das empregadas nos depoimentos, foi minuciosamente examinado. Nada relevante foi encontrado nele.

Domingo,

3 de novembro de 2002

Aniversário de Suzane. Churrasco no sítio da família Von Richthofen comemorando os 19 anos de Suzane Louise. Dois dias depois do enterro dos pais, Suzane, Daniel e mais dois casais de amigos vão até Vargem Grande Paulista, a 40 km de São Paulo, pagar os caseiros, levar comida para os cachorros e comemorar.

Enquanto isso, no DHPP, todas as empregadas citadas por Suzane em seu depoimento foram ouvidas: Reinalva, Sislândia, Sonia e Diana. Nenhuma delas foi considerada suspeita de participação nos assassinatos, mas ajudaram a construir uma imagem do funcionamento da casa e do comportamento daquela discreta família.

Miguel Abdalla, irmão de Marísia, também depôs nesse dia. Ele tinha relacionamento bastante próximo com o casal e costumava ir a casa deles duas vezes por mês, além de manter contatos telefônicos freqüentes.

Segundo ele, o casal se dava bem. Costumava viajar semestralmente e uma vez por ano ia à Europa. No mês de julho daquele mesmo ano havia estado por trinta dias de férias na Finlândia.

Contou à polícia que a irmã era muito rigorosa na educação dos filhos, enquanto o cunhado era mais liberal.

Quanto ao namoro de Suzane e Daniel, no começo o rapaz os acompanhava ao sítio da família durante os finais de semana, mas a partir do ano anterior Marísia começou a ficar desgostosa com o relacionamento dos dois, pois acreditava que Daniel não correspondia às suas expectativas para o futuro da filha. Havia criado a menina esmeradamente; ela falava inglês e alemão, cursava Direito na PUC, era faixa preta de caratê, inclusive havia participado de competições, tinha feito várias viagens para a Europa e mesmo pelo Brasil.

Uma educação de primeira. Manfred e Marísia então foram “fechando o torniquete” gradativamente, até proibir a entrada do namorado da filha em casa. Falaram para ela que sentiam enorme desgosto pelo relacionamento dela com este rapaz e, numa conversa séria, comunicaram à garota que a deserhariam caso mantivesse a relação. Manfred contou ao cunhado que chegou a dar “uns tapas” em Suzane nessa briga. O tio da garota esclareceu que, quando havia algum desentendimento ou chamavam a atenção dela por algum motivo, Suzane se confinava no quarto, conversava pouco, mas depois de algum tempo tudo voltava ao normal.

Suzane afirmou para os pais que o relacionamento havia acabado e Miguel ficou surpreso quando, por volta das 4h30 da madrugada da quinta-feira, recebeu o telefonema de Daniel contando o ocorrido. Foi nesse momento que soube que o namoro não havia acabado.

*

À noite, Daniel foi jantar na casa de Miguel Abdalla, irmão de Marísia, na comemoração oficial do aniversário da namorada. Também estavam presentes a mãe de Marísia e Andreas. A certa altura, Daniel comentou: “Este crime vai ser difícil de ser desvendado porque era uma quadrilha especializada de São Paulo. A polícia não vai conseguir descobrir nada”. Miguel respondeu: “Seja o que Deus quiser”.

Segunda-feira,

4 de novembro de 2002

Nesse dia ocorre o segundo depoimento de Suzane Louise von Richthofen. Ela começou contando à delegada, Dra. Cíntia, que notou a falta da chave mestra da casa, que devia estar no chaveiro do pai, do controle remoto do portão da garagem que pertencia à mãe, de algumas jóias, 8.000 reais, 5.000 dólares e 1.000 euros. Declarou que somente ela e o irmão sabiam sobre o armário com fundo falso no quarto dos pais.

Quanto a seu relacionamento com Daniel, disse que a mãe não havia proibido o namoro porque ela mesma e Manfred haviam se casado sem o consentimento dos pais. Segundo soube, os avós paternos não queriam que Manfred se casasse com uma moça pobre e os avós maternos não queriam que Marísia se casasse com um alemão. Por causa desses fatos, a mãe falava que não adiantava proibir o namoro de Suzane e Daniel, pois ela mesma havia se casado apesar de uma proibição.

De acordo com esse depoimento, sua mãe não mantinha relacionamento com a avó paterna, e Suzane e Andreas a tinham visto pela última vez quatro anos antes, porque ela não gostava de Marísia.

Ao falar do pai, disse: “Não era de falar muito, era muito bom, tinha um coração maior que ele, era um paizão”.

Segundo Suzane, o pai tinha a mesma opinião que a mãe: Daniel era uma boa pessoa, bacana, respeitosa e honesta, mas que gostariam que ela procurasse alguém melhor. Contou que uma vez ocorreu uma discussão feia com agressões a ela por parte do pai, mas que houve um pedido recíproco de desculpas e tudo voltou ao normal. Afirmou que nunca foi agredida fisicamente pelos pais, somente uns “tapinhas na bunda” educativos.

Ainda segundo esse depoimento, Manfred e Marísia tinham o hábito de ingerir bebida alcoólica. A filha do casal disse que, em seu entender, bebiam demasiada e diariamente.

O pai bebia escondido de todos, ocultando garrafas de vodca atrás dos móveis, dentro da pasta executiva que usava, em diversos lugares. A mãe bebia abertamente todos os dias à noite: cerveja, Campari ou uísque.

Segundo a menina, o pai jamais admitiu que bebesse escondido, e esse era um motivo comum de discussão entre ele e a esposa. Outro ponto de discórdia na casa e de conhecimento de todos da família eram os casos extraconjugais de Manfred, possivelmente com mais de uma pessoa. Era um assunto tratado com reservas, mas sabia que Andreas se sentia indignado e ela não podia concordar com aquilo. Chegou a conversar com a mãe, pedindo que o casal dialogasse sobre o porquê da necessidade de procurar mulheres fora de casa. Desprezava a atitude do pai e a conivência da mãe.

Extra-oficialmente, em conversa com a delegada Dra. Cíntia, Suzane Louise von Richthofen fez algumas alegações sobre problemas com a sexualidade da mãe. Os comentários ficaram fora dos autos.

*

Nesse mesmo dia, foi ouvido também o responsável pela locadora de filmes Blockbuster, aonde Suzane alegava ter ido com Daniel por volta das 18h da quinta-feira anterior. Ele disse que não conhecia nenhum deles, que do cadastro da loja não constavam Daniel, Andreas ou Suzane como clientes. Foi pedido o filme da câmera interna da locadora, que registra o movimento de clientes, para que se comprovasse a versão de Suzane dos fatos daquele dia.

A secretária de Marísia von Richthofen, Ana Maria, também foi depor. Trabalhava com a psiquiatra havia sete anos e a descreveu como uma pessoa extrovertida, sempre bem-humorada e que atendia diversos pacientes. Nunca viu nenhum deles parecer exaltado no consultório. Declarou também que Marísia, apesar de ser reservada quanto à sua vida, havia chegado a comentar uma vez que não gostava de Daniel e que ele não era o namorado ideal para Suzane.

Contou também que Suzane praticava artes marciais.

Diante de todos os depoimentos e já bastante convencida de que a filha do casal tivesse participação concreta no assassinato dos pais, a delegada Dra. Cíntia resolveu procurar um psiquiatra conhecido para se orientar sobre o perfil de Suzane. Como interrogar a menina se ela estivesse envolvida? Que estratégia usar para conseguir uma confissão desse tipo de criminoso? O psiquiatra a orientou que, se esse fosse o caso, a assassina teria personalidade deturpada, do tipo “condutopata”, e a motivação seria financeira. Demoraria bastante para contar a realidade dos fatos, pois esse tipo de criminoso não abre a boca fácil, mas uma vez que começasse contaria todos os detalhes. Esse tipo de personalidade tem como característica um distanciamento da realidade, é ma-nipuladora e desprovida de emoção.

Armada desses dados, a Dra. Cíntia voltou ao seu difícil trabalho de provar aquilo de que agora tinha certeza.

Terça-feira,

5 de novembro de 2002

A equipe do 27º DP também resolveu traçar um perfil das famílias Cravinhos e Richthofen para saber com quem estavam lidando. O delegado Dr. Enjolras Rello de Araújo, acompanhado de seus investigadores, rumou para a cidade de São Carlos, onde Manfred von Richthofen teria dado uma palestra em 21 de outubro, na Faculdade de Engenharia, e pernoitado na casa de seu grande amigo e professor do curso de pós-graduação, Valter Nimir.

Segundo o Prof. Nimir, Manfred provia os filhos de todas as necessidades materiais, mas não mantinha muito diálogo. Era do tipo “fechadão”. Estava aborrecido com a filha porque ela começara a faltar na faculdade e tirar notas baixas, namorava um desempregado e viciado em entorpecentes, “um picareta”. Contou que, como pai, estava totalmente desencantado, dava de tudo para a filha, mas a menina não era a mesma. Era difícil controlá-la e conseguir alguma obediência. Por essas e outras pensavam em mandar Suzane para a Alemanha, onde tinham familiares. Assim que terminassem os exames da PUC, ela cursaria Direito naquele país. Manfred e Marísia acreditavam que aquela era a única maneira de separar a filha de Daniel, que achavam estar “desencaminhando” a menina.

Nessa mesma noite, após o jantar na casa do amigo, Manfred mostrou a ele a chave mestra que havia mandado fazer para sua casa, impossível de copiar, e detalhou o esquema de segurança que mandara instalar. Finalmente se sentia seguro.

*

Nessa terça-feira, novamente delegados e investigadores fizeram uma “visita” à mansão Richthofen. O objetivo era passar um “pente-fino”, ver se aparecia algo mais concreto, encontrar o que poderia ter sido a arma do crime, enfim, investigar.

Logo de cara, Ado percebeu que Daniel tinha voltado a usar a aliança de compromisso igual à de Suzane. Era hora de fazer o tipo “tira mau”, enquanto outros ainda fariam papel de “bonzinhos”. O policial chamou Suzane em um canto e perguntou se Daniel já tinha ficado sem usar a aliança. Subestimando a pergunta e quem a fazia, Suzane respondeu que nunca o namorado havia tirado o anel. Imediatamente Ado se dirigiu a Daniel, lembrando-o de que ele não usava a aliança naquele primeiro dia na delegacia, no dia do crime. Daniel começou a se sentir desconfortável, incomodado mesmo. A polícia começava a ser mais incisiva.

Os familiares conversavam na biblioteca, enquanto os policiais Arnaldo, Schumaker, Serjão e Ado, o último de costas para a porta, trocavam idéias na sala de estudos ao lado. Avisado pelos colegas de que Daniel “ciscava” a conversa dos tiras, Ado resolveu pressionar mais, e o tea-tro começou: “Eu, por mim, quebrava o caso já! Pegava os caras e pronto!”.

Daniel, inseguro com o rumo que a prosa tomava, ia e vinha. Tentou conversar com Ado, mas o policial esquivou-se o resto do dia, não dando chance, pressionando psicologicamente, falando frases de efeito duplo para serem ouvidas pelo rapaz, mandando “recadinhos” importantes. Seu objetivo era de que se sentissem pressionados a se movimentar, o que aconteceu no dia seguinte, quando Cristian levou de volta a motocicleta para a loja onde a comprara.

Nesse dia também foi recolhido da casa um espeto da lareira, para verificação de vestígios de sangue e outras marcas no Instituto de Criminalística de São Paulo. A pressão aumentava a cada hora.

*

O delegado de polícia Dr. José Masi acordou com uma persistente intuição naquela manhã: queria verificar os lixos da casa da família Von Richthofen. Rumou para o local do crime, acompanhado do investigador Serjão e da papiloscopista Patrícia Montebelo. Chegou com Suzane e Daniel e entrou com eles na residência.

Enquanto outros policiais estavam lá dentro, Masi e Patrícia conheceram toda a casa, vagarosamente, conversando com a filha das vítimas. Suzane mostrou a sala de ferramentas, a despensa onde estavam os sacos de lixo da casa e que não se localizava em lugar tão óbvio assim. Tudo era bastante arrumado, cada coisa em seu lugar.

Depois, Suzane ficou conversando com os policiais na sala, que a distraíram enquanto Masi percorria novamente a casa. Ao lado do quarto do casal, ele percebeu um alçapão que dava para uma caixa-d'água. Imediatamente pediu que um policial subisse ali e verificasse quanta poeira havia no local e na tampa. Se os assassinos tivessem entrado ali e escondido as armas do crime, por exemplo, certamente teriam deixado pegadas e digitais na poeira do chão e na tampa da caixa-d'água. Nada foi encontrado. A caixa-d'água externa, que ficava nos fundos do terreno, foi da mesma forma verificada.

Ao voltar para dentro da casa, o Dr. Masi começou a conversar com Suzane novamente. O interessante aqui é que ele conhecia muitíssimo bem o teor das gravações das escutas telefônicas e sabia exatamente o que a moça responderia. Por exemplo, numa conversa com uma amiga íntima, naquela semana, esta perguntou o que Suzanealaria sobre “a chave”, ao que ela respondeu: “Sei lá, vou falar que sumiu quando o carro estava na concessionária, consertando”. Não havia sido dada tanta importância assim à questão da chave perdida por Manfred e mencionada no depoimento da filha, e essa era a hora apropriada para saber mais. Em uma das salas internas, diante de algumas chaves, Masi questionou Suzane sobre as chaves da casa, como quem não queria nada ou não estava dando muita importância ao assunto. Ela passou a explicar como funcionava, enquanto Daniel e Andreas prestavam atenção na conversa que se desenrolava. Todas as chaves eram numeradas, e o pai tinha a chave mestra.

As fechaduras e chaves haviam sido trazidas pelos pais da Alemanha e cada um tinha acesso a apenas às chaves de que precisava. Só o Sr. Manfred tinha acesso a todas as fechaduras e carregava sua chave num chaveiro de argolas. Não se perde uma chave assim, a não ser que se perca o chaveiro inteiro.

Masi mostrou para Suzane seu próprio chaveiro, do mesmo tipo do de Manfred, perguntando se o dele era assim. Suzane respondeu que sim, e a cara do delegado foi de interrogação.

Como foi então que ele havia perdido somente a chave mestra e não o chaveiro inteiro? Ele já sabia a resposta que viria e não se enganou. Suzane e Daniel se apressaram em dizer que devia ter havido algum problema na concessionária onde o carro tinha sido consertado dez dias antes. Andreas abaixou a cabeça e passou a olhar para o chão. Cresceu a impressão do delegado de que havia algo de errado nessa história.

Já indo embora com Serjão, o Dr. Masi comentou com o investigador que acabou não cumprindo o objetivo principal de sua visita ali, que era ver o lixo. Serjão comentou: “Doutor, tá passando vontade?”, ao que Masi respondeu: “Tô, tô passando vontade!”. Serjão logo brincou: “Não passa vontade, não, doutor. Vamos lá ver o lixo”. E foram.

Por conta do destino, o lixo permanecia ali, sem ser recolhido, desde o dia do crime. Até o colchão da cama do casal ainda estava na garagem da casa. Munidos de luvas apropriadas, a papiloscopista Patrícia e Masi começaram a ingrata tarefa de examinar o conteúdo da lixeira. O primeiro achado foi uma caixa de madeira e, embaixo dos lençóis ensangüentados, as caixas de jóias, pequenas e grandes. Nesse momento, Suzane se aproximou e disse: “Estas empregadas não perguntam pra gente o que têm que fazer

com as coisas e fazem tudo da cabeça delas. Doutor, a empregada jogou fora algumas coisas sem me perguntar, posso pegar de volta como recordação do meu pai e da minha mãe?”.

Masi, ainda agachado, trocou um olhar expressivo com Patrícia, e ela entendeu que era para ficar calada, não fazer nenhum comentário. A pergunta que ficou na cabeça dos dois era: para que a moça queria aquelas caixas? O delegado respondeu para Suzane: “Não tem problema, escolha e pegue o que quiser daí”.

Ela se abaixou, dispensou as caixas menores e recolheu as maiores, inclusive uma que tinha exatamente o encaixe de um colar com pingente, de formato específico.

Nesse momento, raciocinando que a garota só poderia querer as caixas de volta caso as jóias que se encaixassem ali fossem retornar um dia para suas mãos, os policiais ali presentes formaram sua convicção. Para o delegado de polícia Dr. José Masi, foi aquele o exato instante em que se convenceu de que Suzane von Richthofen estava envolvida no assassinato de seus pais.

Quarta-feira,

6 de novembro de 2002

Os trabalhos de investigação eram intensos. Os investigadores da “Homicídios” continuavam a ouvir sobre a família e os envolvidos, separando verdades e mentiras, construindo suas convicções.

O depoimento do Sr. Astrogildo Cravinhos de Paula e Silva contrariava muitas informações dadas por amigos e familiares das vítimas. Nele, deu um perfil do filho Daniel: praticante de aeromodelismo, cursava o primeiro ano da faculdade de Direito da Universidade Paulista (UNIP) e tinha trancado a matrícula. Sua renda provinha da construção de aviões aeromodelos para competição acrobática e fora o quinto colocado do mundo numa competição internacional em Kiev, na Ucrânia, em 1998. Conheceu Suzane no setor de aeromodelismo do Parque Ibirapuera, onde os irmãos Richthofen eram deixados pela manhã pelos pais, que os buscavam à tarde. O próprio Astrogildo era, na época, presidente da Federação Brasileira de Aeromodelismo.

Segundo seu testemunho, tinha excelente relacionamento com o casal Richthofen. Desconhecia qualquer proibição do namoro de seu filho com Suzane; só tinha conhecimento das várias regras que Marísia impusera para que o namoro não prejudicasse os estudos da filha.

Andreas costumava freqüentar bastante sua residência, inclusive dormindo ali algumas vezes com a autorização dos pais. Também a mobilete do menino era escondida em sua casa com sua permissão, mas alegou só ter sido informado disso depois de insistir para o menino levar o ciclomotor para sua própria casa várias vezes, até que Daniel lhe contou a verdade, e ele acabou cedendo aos apelos de Andreas para não contar a seus pais o segredo, diante da promessa de que ele só daria voltas no quarteirão e sempre seria “escoltado”

por seu filho e Suzane.

Astrogildo contou que Marísia era uma pessoa espetacular. Dava atenção a todos, era educada, adorava conversar e se prontificava a atender graciosamente quem necessitasse de seus serviços profissionais e não pudesse arcar financeiramente com o tratamento.

Manfred e Marísia em pessoa haviam lhe contado que guardavam bastante dinheiro em casa e chegaram a lhe mostrar a pasta em que o dinheiro ficava armazenado. Também Manfred havia confidenciado a ele, na “boca da churrasqueira”, que não mantinha mais relacionamento íntimo com a esposa.

Seu último contato com o casal havia sido em 3 de julho, aniversário dele e de Andreas, que comemoraram juntos.

Manfred e Marísia também haviam estado em sua casa no aniversário de Nadja, sua esposa, em 2001, provando quanto seu relacionamento com a família Richthofen era harmonioso.

O Sr. Astrogildo afirmou com certeza que Andreas, Daniel e Suzane não usavam drogas. O único hábito ruim do filho era fumar só cigarro importado, de cravo e mentolado, ao preço de 5 reais o maço naqueles dias, o que lhe parecia um total absurdo. Tinha conhecimento de que os três freqüentavam o *cybercafé* Red Play, para onde foram no dia 30 de outubro, na hora da novela *Esperança*. Eles estavam em sua casa desde mais ou menos às 18h daquele dia, entre a sala e o quarto de Daniel, e chegaram até a alimentar os peixinhos do aquário.

Quando a novela começou, Astrogildo levantou-se para ir trabalhar um pouco no computador da casa e ouviu os três se despedirem, Daniel explicando para todos que iriam até o Red Play deixar o

menino e depois seguiriam para um motel, onde comemorariam o aniversário de Suzane antecipadamente, já que iriam para a chácara dos pais dela no fim de semana. A esposa de Astrogildo também estava presente nessa hora.

Na madrugada do crime, quando Daniel ligou pedindo ajuda, Astrogildo e a esposa foram para a casa de Suzane.

Segundo seu depoimento, os três estavam desesperados e chorando muito. Suzane, em especial, estava tão descontro-lada que o sogro pensou em levá-la a um pronto-socorro.

Tinha ótimo relacionamento com a namorada do filho, que chegou a lhe confidenciar que os pais estavam bebendo muito, diariamente, e começavam a “falar besteira em casa”, gerando brigas constantes.

*

O compadre da família Richthofen e padrinho de Suzane, José Carlos Simão, também foi prestar depoimento na Equipe C-Sul do DHPP. Amigo do casal assassinado desde 1977, trabalhou com Manfred nas empresas Promon Engenharia e CNEC (Consórcio Nacional de Engenheiros Consultores S.A.). Mantinha contato profissional com Manfred e social com o casal. Segundo Simão, Marísia tinha feito especialização na Escola de Psiquiatria de Heildberg, uma das melhores da Europa, na mesma época em que Manfred conseguira uma bolsa de estudos em Kalsruhe, quando ambos moraram na Alemanha. Era uma pessoa afetiva, equilibrada, carinhosa, atenciosa, preocupada e solícita.

A seu ver, a amiga era mais ligada à filha. Queria que ela fosse estudar no exterior, mas a menina não concordou e ela respeitou. Era uma mãe “ligadíssima”. Preocupava-se com o namoro da filha com um rapaz que cursava “madureza” e não se interessava muito em estudar.

Jamais soube de nenhum relacionamento extraconjugal de Manfred. Para ele, o casal sempre pareceu se dar bem.

Descreveu Manfred como uma pessoa tímida e desconfiada, além de séria e honesta “a toda prova”. Alemão naturalizado brasileiro nos anos 1970, Manfred veio ainda criança para cá, e o fato de a família ter vivenciado a Segunda Guerra Mundial poderia, em sua opinião, ser a origem de seu jeito reservado.

Manfred era um pai muito presente. Levava os filhos para a escola todos os dias e mesmo quando Suzane tirou carta ele a seguia em seu carro para protegê-la de qualquer eventualidade, até estar seguro de que a menina poderia ir e vir sozinha. Ele estava muito feliz com a filha, pois ela vinha fazendo monitoria de outros estudantes na faculdade. Também não aprovava o relacionamento de Suzane e Daniel.

Parecia ser mais ligado ao filho Andreas, para quem comprara um “buguinho” no sítio, construía um lago para pescar e um campinho para jogar bola. Andreas era tão habilidoso quanto o pai nos assuntos de marcenaria, em consertos e no uso de ferramentas. Os dois irmãos também praticavam caratê.

O último contato de Simão com Manfred fora em 30 de outubro. O casal planejava fazer um churrasco no sítio da família para comemorar o aniversário da filha, que cairia num domingo. Simão chegara a brincar com o amigo, perguntando se o “genro” já o estava chamando de papai. Manfred respondera que o namoro felizmente havia acabado e que a “Turca”, apelido carinhoso pelo qual chamava Marísia, estava muito feliz com isso.

Simão esclareceu que, apesar de Manfred beber bastante socialmente, “como todo alemão”, nunca bebeu fora de controle. Durante os freqüentes almoços em que se encontravam ele só bebia água ou refrigerante. Também jamais ouviu comentários do amigo sobre mulheres. Ele era do tipo que ia de casa

para o trabalho e do trabalho para casa.

Soube do crime por intermédio de um amigo e imediatamente providenciou que a advogada Dra. Claudia Maria Soncini Bernasconi acompanhasse sua afilhada e Andreas nessa fase difícil para ambos.

*

A empregada do casal Richthofen, Reinalva, foi novamente intimada para depor naquela quarta-feira. Contou que Manfred e Marísia eram alegres e bem-humorados, mas não costumavam conversar com ela sobre assuntos não profissionais. Trabalhava de segunda a sábado, das 8h às 17h.

As bebidas da casa eram guardadas em um barzinho perto da sala de jantar, e a cerveja na geladeira só era consumida nos finais de semana pelo patrão. Jamais viu a patroa beber qualquer coisa alcoólica. O casal fumava cigarros da marca Free, e nunca viu Suzane fumando na frente dos pais. Ela o fazia discretamente, na ausência deles.

Sabia que o Dr. Manfred levava Andreas todos os dias para a escola, voltava para tomar banho, trocava-se e ia trabalhar. A Dra. Marísia trabalhava de manhã, almoçava em casa todos os dias e só atendia consultas à tarde em casos especiais. A filha do casal estudava no período da manhã, mas ia bastante à faculdade no período noturno. Andreas estudava também pela manhã e era a irmã quem o trazia da escola para casa na hora do almoço.

Reinalva contou para a polícia que no dia 18 de outubro Manfred a questionou sobre a sua chave de casa, que havia sumido. Ela respondeu que não havia visto a chave, que ficava numa argola num chaveiro junto com as outras, pendurada num porta-chaves perto do armário da cozinha. Ele comentou que então a procuraria no carro e nunca mais tocou no assunto. O esquema de chaves da casa dos Richthofen era bastante complexo. Todas tinham um número gravado: as de Reinalva eram as de nº 1, do portão de entrada lateral direita da rua, e a de nº 3, da porta da área de serviço, dando acesso à casa pela cozinha. A chave da porta da frente era a de nº 4. Andreas era o único que usava a chave nº 2, do portão de ferro, porque os outros usavam o controle remoto das portas da garagem, que ficava nos carros.

Sobre Daniel, a empregada falou que nem o conhecia antes da segunda-feira daquela semana. Seu nome não era mencionado na casa em que trabalhava; Reinalva nunca soube que Suzane tinha um namorado. Ficou muito espantada quando, naquele dia, a garota recebeu em casa a visita de sua amiga Dani e do namorado, trocando de roupa na frente de ambos para sair com destino à delegacia. O Sr. Manfred e a Dra. Marísia jamais admitiriam esse tipo de comportamento tão liberal. Também estranhou a forma como os dois irmãos, Suzane e Andreas, comportaram-se depois do acontecido, trocando cochichos pela sala. Não era a atitude normal deles.

No domingo anterior, temendo perder o emprego, Reinalva conversara com Miguel Abdalla. Ele lhe garantira que continuaria trabalhando e que ele mesmo assumiria o pagamento de seu salário. Na segunda, Suzane e Daniel avisaram à empregada que ela agora era sua nova patroa e que mandava em tudo, não seu tio. Assustada, Reinalva disse que estava com medo de trabalhar ali e Daniel lhe respondeu: “Não precisa ter medo, nada vai te acontecer, quem fez isso (o crime) já está longe, e eu mesmo garanto sua vida, pode continuar trabalhando normalmente”.

Andreas e Suzane não tinham o costume de receber amigos em casa. Depois de chegar da escola, o menino costumava brincar no quintal com sua espingarda de chumbinho. Não viu nenhum dos irmãos chorando depois da morte dos pais.

Jamais soube de qualquer ameaça contra a vida de Manfred e Marísia nem de nenhuma desavença

mais séria com alguma empregada antiga.

*

Ainda na quarta-feira, a campana que observava Cristian viu o rapaz levar a moto da casa de seu pai de volta para a loja de motos, no Brooklin. Marcos Nahime, dono da loja, foi intimado a comparecer no dia seguinte à delegacia para prestar seu depoimento.

Quinta-feira,

7 de novembro de 2002

Depoimento após depoimento, a polícia começava a fazer sua própria imagem da Família Von Richthofen e das inconsistências dos depoimentos de Daniel e Suzane quando comparados aos relatos das outras testemunhas.

O testemunho seguinte foi o de Rubens Cury Gossn, primo-irmão de Marísia. Eram bastante próximos, saíam juntos e se falavam semanalmente por telefone. Marísia era uma pessoa feliz, que achava graça em tudo, e por esse motivo Rubens decidira enterrá-la em um caixão lacrado, para que as pessoas se lembrassem dela risonha como sempre foi e não com a feição que ele viu no IML, quando fez o reconhecimento e a identificação dos corpos.

Segundo ele, o casal Richthofen tinha passado as últimas férias de julho na Escandinávia. Eles se davam bem e, se estivessem passando por uma crise mais séria no casamento, certamente Marísia teria comentado com ele ou com seu irmão Miguel. Manfred era um homem sério, mas extremamente alegre, de personalidade simples e amigável, piadista e a atração de qualquer jantar. O casal estava feliz pelo fato de a filha ter sido convidada a fazer monitoramento na PUC devido às suas altas notas, apesar dos planos iniciais que tinham para a menina, de cursar Direito na Alemanha ou tentar novamente entrar na São Francisco, faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Acordaram que a menina faria apenas sua especialização no exterior.

Rubens esclareceu que Andreas mudara de escola porque seus pais acharam que o currículo da nova era melhor, tal era a preocupação do casal com a formação intelectual dos filhos. Jamais conversou intimidades com Manfred, não sabia se eles guardavam dinheiro em casa nem que ali havia um armário com fundo falso. Ficou sabendo de tudo isso pelo Sr. Cravinhos, no dia do crime, quando ele e Miguel tomaram um cafezinho na padaria mais próxima da casa onde o crime havia ocorrido. Foi também nessa ocasião que soube da ida de Suzane e Daniel ao motel e da passagem de Andreas na casa de jocos.

Estranhou demais a história do “casalzinho” ter ido ao motel, pois a própria Marísia havia contado a ele sobre o rompimento do namoro da filha com Daniel, inclusive o fato de que tinha tirado do dedo a aliança de prata que usava como símbolo do compromisso. Rubens também tinha conhecimento da grande discussão entre os pais de Suzane e a filha por conta do namoro e de que a partir desse grave desentendimento fora solicitado a Daniel que não freqüentasse mais a casa deles.

Negou completamente que Manfred fosse alcoólatra ou que mantivesse relacionamentos extraconjugais.

*

Claudia Sorge, a melhor amiga de Marísia, também foi chamada para dar depoimento na Delegacia de Homicídios.

Ela freqüentava a casa da família Von Richthofen esporadi-camente e descreveu Manfred como reservado, mas bastante brincalhão com aqueles que lhe eram próximos. Claudia costumava conversar com os filhos do casal, que tinham um relacionamento bem normal com seus pais. Andreas era bastante apegado ao pai, enquanto Suzane, segundo os comentários da própria Marísia, tinha com Manfred alguns conflitos normais entre pai e filha adolescente.

Claudia conheceu Daniel na casa da amiga e sabia que durante muito tempo eles toleraram o namoro da filha, mas quando o relacionamento começou a se prolongar Manfred pediu à filha que o rapaz não

freqüentasse mais sua casa e fora atendido. No dia 6 de outubro Marísia comentou com ela que Daniel e Suzane haviam finalmente rompido o namoro e que encarava o acontecido como um “presente”, devido às diferenças socioeconômicas, culturais e intelectuais entre os dois.

Marísia atendia seus pacientes sempre no consultório e nunca lhe falara sobre algum caso mais complicado que pudesse oferecer algum risco à sua família. Comentou com a amiga que se sentia irritada com o fato de o marido chegar em casa e querer ficar bebendo cerveja e vendo televisão, mas jamais se queixou de qualquer coisa parecida com alcoolismo por parte dele.

Claudia soube do crime pela própria Suzane, com quem conversou várias vezes sobre a morte dos pais. A menina lhe pareceu confusa, se disse desamparada, mas acrescentou que encontrava apoio em seu namorado, Daniel. Andreas lhe parecia bastante triste com a perda.

Certa vez Marísia comentou com Claudia que Suzane havia visto Manfred com uma mulher em seu carro, mas uma relação extraconjugal nunca havia sido confirmada, pelo menos não que ela soubesse.

Sem poder dar mais nenhuma informação relevante, Claudia Sorge foi dispensada.

*

Diante de tantas controvérsias entre os depoimentos de Suzane e os dos amigos de seus pais, a garota foi chamada para dar um novo depoimento. Andando de mãos dadas com Daniel pelos mal iluminados corredores da delegacia em di-reção às instalações da Equipe C-Sul, onde seria ouvida pela Dra. Cíntia, perguntava-se o que ainda queriam saber se ela já havia dito tudo que sabia. Enquanto o namorado foi solicitado para que a esperasse no sofá da ante-sala, Suzane foi encaminhada, juntamente com sua advogada Dra. Claudia Bernasconi, para a sala da delegada responsável pelo caso.

Sentando-se na simples cadeira preta que compõe a espar-tana decoração de todas as salas da “Homicídios”, começou a responder, com o mesmo tom monótono de sempre, as perguntas que lhe eram feitas.

Cíntia: Suzane, vamos repassar alguns pontos de seu depoimento que não ficaram claros o suficiente. Na quinta-feira à tarde você disse que estava na casa de Daniel. A que horas mesmo vocês saíram de lá e para onde foram?

Suzane: Foi por volta das seis da tarde. Fomos para a Blockbuster escolher alguma coisa para assistir, mas não nos interessamos por nada, saímos de lá e nos dirigimos para a casa de Cristian, irmão de Daniel, para devolver uma máquina de cortar cabelo.

C: Por quanto tempo vocês ficaram lá? Qual o endereço dele?

S: É na rua Graúna, não me lembro o número. Ficamos lá no máximo por quinze minutos e voltamos para a casa de Daniel, onde permanecemos até o Andreas ligar, por volta das dez e meia da noite.

C: Mas o Andreas não estava também na casa dos Cravinhos desde a tarde?

S: Não, não estava. Ele ligou para o Daniel, que foi buscá-lo por volta das dez e meia. Eu fiquei na casa dele, mostrando uns e-mails que havia recebido para os meus sogros.

Não demorou nada e eles chegaram.

O testemunho de Astrogildo contava uma história diferente, e Cíntia fez uma anotação mental, mas não comentou nada. Continuou inquirindo a moça.

C: Foi então que Andreas saiu com a mobilete para o Red Play?

S: Não, Daniel e Andreas ficaram um tempo arrumando a mobilete, mas saímos primeiro no meu carro, os três juntos, e fomos até o *cybercafé* para ver se já tinha gente suficiente para jogar. O Red Play tem um janelão de vidro e pudemos ver, sem entrar, que o lugar já estava até que bem cheio. Então voltamos para a casa de Daniel, onde Andreas pegou a mobilete, e voltamos para lá. Entramos juntos, cumprimentamos os funcionários e deixamos meu irmão jogando sozinho. Deviam ser umas onze e meia.

C: E então foram para onde?

S: Para a minha casa, pegar dinheiro. Eu tenho cartão de crédito, mas está bloqueado por falta de uso, e meu talão de cheques havia acabado.

C: A ida ao motel não era uma surpresa que Daniel havia preparado de presente para você?

S: Não, combinamos o programa juntos.

C: E vocês chegaram a comentar com alguém que iriam ao motel, com os pais de Daniel, por exemplo?

S: Não, não me lembro de comentar com ninguém sobre o programa, nem mesmo com os pais dele.

Novamente, as versões dela e de Astrogildo não batiam.

O interrogatório continuou.

C: E na sua casa, por que você foi verificar se seus pais estavam dormindo, se ia só pegar dinheiro?

S: Eu tinha combinado com eles que estaria em casa entre meia-noite e meia e uma hora. Se eles estivessem ainda acordados eu não poderia sair de novo, então pedi a Daniel que me esperasse no carro. Se eu não telefonasse logo é porque eles estariam acordados e ele iria para a casa dele sozinho.

C: Como ele sairia? Ele tinha a chave?

S: Tinha o controle remoto do portão no carro. Ele podia abrir, sair e fechar novamente o portão.

C: E dentro da casa, o que você fez?

S: Destranquei a porta da sala, subi, verifiquei que meus pais dormiam, desci para a sala de estudos onde estava guardado o meu dinheiro, fui até a biblioteca ver se tinha algum recado, fui ao banheiro, saí e tranquei a porta da frente. Não demorei mais que quinze minutos.

C: E depois foram para onde?

S: Eu e Daniel fomos para a Raposo Tavares, mas chegando lá mudamos de idéia e resolvemos escolher um motel melhor, que fica na Ricardo Jafet, o Motel Colonial. Chegamos ali mais ou menos uma hora da manhã.

C: Por que Daniel não entrou com você em casa para pegar o dinheiro? Ele estava proibido de entrar na sua casa?

S: De jeito nenhum! Daniel nunca foi proibido de entrar na minha casa! Tive uma discussão no começo do ano com meu pai sobre o meu namoro, foi uma briga feia, meus pais ameaçaram de me deserdar caso eu continuasse o namoro e o meu pai chegou até a me dar um tapa no rosto, no calor da discussão. Depois eles me pediram desculpas e ficou tudo bem. Tanto é que eles sabiam da minha relação íntima com Daniel que minha mãe até me orientou quanto a usar camisinha e tomar pílula. Mesmo depois dessa briga, jamais os meus pais proibiram que Daniel entrasse em casa.

C: Você ganhava mesada de seus pais?

S: Ganhava uma mesada pequena e pedia dinheiro quando fazia algum programa, às vezes mais, às vezes menos.

C: E essa aliança de prata que você usa no dedo?

S: Essa aliança é de compromisso do meu namoro com Daniel.

C: Você usa sempre?

S: Sempre, nunca tirei.

C: Alguma vez você disse aos seus pais que tinha acabado o namoro com Daniel?

S: Não, nunca disse isso. Eles sempre souberam do namoro.

Mais uma vez Suzane estava na contramão da história contada por todos os amigos dos pais que deram seu depoimento para esclarecimento do caso. Além do hiato de tempo entre Suzane passar em casa para pegar dinheiro e chegar ao Motel Colonial, a ordem do trajeto continuava não combinando com o que Daniel havia dito. O mais impressionante era a disparidade entre o que dizia a moça sobre seu namoro e os depoimentos de Miguel Abdalla, José Carlos Simão, Rubens Cury Gossn e Claudia Sorge, pessoas do relacionamento íntimo de Marísia e Manfred.

Todos eles contaram da angústia do casal com o relacionamento prolongado da filha com um rapaz que eles não aprovavam, da ânsia que tinham de a filha terminar o namoro, das brigas e ameaças que fizeram a Suzane para que rompesse com Daniel, da alegria que sentiram quando isso supostamente aconteceu, da comemoração da retirada da aliança do dedo de Suzane, simbolizando uma nova etapa na vida da menina. Será que Suzane não imaginava como era o trabalho da polícia? Não sabia que todas essas pessoas estavam sendo ouvidas? Não imaginou que seus pais também confidenciavam seus problemas aos amigos mais próximos? E, se era verdade que seus pais aceitavam plenamente seu namoro e aprovavam Daniel, por que todos mentiriam sobre isso? Com todos esses pensamentos na cabeça, Cíntia continuou seu trabalho.

C: Suzane, fale-me sobre o irmão de Daniel, o Cristian. Ele trabalha onde?

S: O Cristian não tem emprego fixo, faz bicos como mecânico e dá aulas de bateria. Também gosta muito de surfar.

C: Ele estuda?

S: Não sei se estuda. Os pais de Daniel uma vez comentaram que ele teve problemas com drogas.

C: Mas ele chegou a ter problemas com a polícia?

S: Isso eu não sei.

C: Você tem contato com ele? Sabe se ele recentemente comprou uma moto?

S: Depois da morte dos meus pais falei com ele algumas vezes, mas não sei de moto nenhuma.

C: Você conhece os amigos do Cristian?

S: Só duas meninas que moram no mesmo prédio que ele, a Kaká e a Pitty, mas só sei o apelido delas e não tenho o telefone de nenhuma das duas.

C: Quando você chegou em casa, no dia do crime, os portões estavam abertos?

S: Não, todos os portões que dão acesso à rua estavam trancados.

C: E como você acha que o criminoso entrou e saiu da sua casa?

S: Acho que foi pelo portão automático e pela porta da rua.

Lembra que eu falei que a chave do meu pai sumiu do chaveiro e que eu dei por falta do controle remoto do portão? Só pode ter sido assim.

C: Foi o chaveiro inteiro que sumiu?

S: Não, só a chave da casa, o chaveiro está lá com as outras chaves.

C: Como você soube que a chave do seu pai tinha sumido?

S: A Reinalva me contou que meu pai perguntou sobre a chave para ela e ele também perguntou para mim no mesmo dia em que foi assassinado.

C: Suzane, só mais uma pergunta: seus pais costumavam levar uma jarra com água para o quarto na hora de dormir?

S: Não, nunca vi eles fazerem isso.

C: E você reparou se no dia do crime havia uma jarra amarela no quarto dos seus pais?

S: Não, não reparei.

O depoimento de Suzane foi encerrado, mas todas as dúvidas e mais algumas povoavam a cabeça da policial.

*

Enquanto os depoimentos aconteciam no DHPP, a equipe do 27º DP recebeu uma “dica” de que traficantes de cocaína comentavam que Cristian Cravinhos estava cheio de “grana”

e tinha comprado uma moto. Foram imediatamente conversar com o Sr. Astrogildo sobre seu outro filho. Segundo o pai do rapaz, eles não se davam bem desde que, no passado, ele havia se envolvido com drogas. Agora Cristian morava com a avó na rua Graúna.

A equipe seguiu então para a casa da avó de Cristian e perguntou onde ele estava. Ela explicou que ele costumava ficar ali embaixo do prédio, com um grupo de vizinhos. Desceram e andaram um quarteirão adiante, avistando então uma roda de rapazes conversando. Para identificar a pessoa certa em meio aos outros, o Dr. Enjolras gritou: “Ô, Cristian...”. Um deles olhou e respondeu: “Oi, sou eu”. O delegado pediu a ele que o acompanhasse até a delegacia, para ver uns objetos, reconhecimento de um roubo. Sem imaginar que já era suspeito de assassinato, ele entrou na viatura.

Na delegacia, Enjolras começou a interrogar Cristian sobre a moto que havia comprado. Cristian respondeu que não sabia de moto nenhuma. O delegado não perdeu tempo: chamou Marcos Nahime, dono da loja onde a motocicleta havia sido comprada no dia 31 de outubro, apenas dez horas após o assassinato do casal Von Richthofen. Ele olhou para Cristian, a pedido do delegado, e o reconheceu como aquele que havia estado com um amigo em sua loja e comprado uma motocicleta da marca Suzuki GSX 1100, na cor preta.

De volta à sala onde Cristian estava, Enjolras o confrontou com o depoimento de Marcos. Ele então admitiu que realmente tinha ido à loja de motos com um amigo, Jorge, ajudá-lo a comprar uma moto para ele. Só que Marcos havia também contado para a polícia que, na loja, Cristian tinha dito que a moto era dele, mas ficaria no nome do amigo porque estava com o nome sujo na praça. Confrontado novamente,

Cristian revelou que tinha mesmo comprado a moto, mas, como utilizou para o pagamento dólares não declarados e juntados por ele durante toda a vida, ficou com medo de falar e perder o veículo.

Quando perguntado onde estava no dia do crime do casal Von Richthofen, Cristian disse que tinha ido ao Red Play por volta das 22h, onde ficou jogando durante 50 minutos.

Retornou a pé para casa, aonde chegou às 23h30m e ficou vendo televisão até 1h30 da quinta-feira, quando sua amiga Cristiane telefonou dizendo que precisava de ajuda porque um amigo deles, Daniel, havia quebrado o braço. Cristian foi correndo para o Hospital São Paulo, onde permaneceu até as 4h da manhã. Nesse horário, ele, Cristiane e Daniel passaram na farmácia, comeram um lanche no McDonald's e foram cada um para sua casa, aonde chegou por volta das 5h.

*

Naquela quinta-feira, os peritos Salgueiro, Salada e Ermindo retornaram à casa do casal Von Richthofen para retirar a cabeceira da cama e levá-la ao Dr. Osvaldo Negrini Neto, no Instituto de Criminalística, para exame das mossas (deformações na madeira) encontradas ali. Estavam na casa os irmãos Suzane e Andreas, além de Daniel. Comportavam-se como se nada tivesse acontecido.

A impressão dos peritos era de que Daniel, agora, era o dono da casa, assumidamente. Ele tomou a dianteira para atender todas as necessidades deles. Ajudou até a enrolar o móvel num cobertor da casa e amarrá-lo na traseira da peruinha em que foi transportada.

Na saída, Daniel estendeu sua mão para Salgueiro, que o cumprimentou. Suzane também estendeu sua mão. Salgueiro, estranhando a própria e inédita atitude, disse à moça: “Para você eu não vou dar a mão. E você sabe o porquê”.

Meia hora depois, enquanto os peritos ainda estavam no trânsito, a caminho do Instituto de Criminalística, Suzane, Daniel e Andreas já estavam sendo levados ao DHPP para prestar esclarecimentos.

*

O Dr. Ismael, da “Chacinas”, recebeu um telefonema informando que Cristian estava sendo interrogado no 27º

DP, por conta da “dica” que haviam recebido sobre a moto.

Retransmitiu imediatamente a informação para as equipes da “Homicídios” responsáveis pelo o caso, e o investigador Serjão, acompanhado pelo então Delegado Assistente da 1ª

Delegacia, Dr. José Masi, foi buscar o suspeito. Isso se deu por volta das 19h, e Cristian foi colocado no compartimento para presos da Blazer da polícia, o famoso camburão, por questões de segurança. Ele já estava detido como suspeito de homicídio e foi levado para o DHPP. A pressão sobre ele estava apenas começando. A presença de Andreas, Suzane e Daniel também foi imediatamente requisitada. Ela foi levada para a sala do Dr. Domingos Paulo Neto, Andreas, para a equipe de plantão no dia, a “Golfe”, e Daniel, para a equipe “Alfa”.

Cristian foi deixado na sala da 1ª Delegacia, enquanto Masi e Cíntia subiram para o 5º andar a fim de ouvir Marcos Nahime, proprietário da loja onde a moto que estava em posse de Cristian havia sido comprada. O teor de suas declarações era o mesmo do que já havia dito no 27º DP, só acrescentando que Cristian havia deixado a moto em sua loja no dia anterior com a queixa de que ela estava falhando. Não

tinha pressa para que o conserto fosse feito, ia viajar para o Sul, onde ficaria até a quarta-feira seguinte, 13 de outubro, e só então precisaria do veículo. Não tinha nenhuma dúvida de que quem encabeçara a compra da motocicleta fora Cristian, que saía conduzindo o veículo, apesar de a nota fiscal ter saído em nome de Jorge Ricardo March. O pagamento havia sido feito com 36 notas de 100 dólares, correspondentes, na época, a 12.600 reais, conforme nota fiscal nº 1443 emitida pela M. Nahime Comércio e Serviços Ltda. em 31 de outubro de 2002, por volta das 10h da manhã.

Os dois delegados se entreolharam. A moto havia sido adquirida por Cristian quando os corpos de Manfred e Ma-rísia Von Richthofen mal tinham esfriado.

O Primeiro Depoimento de Cristian Cravinhos de Paula e Silva

A 1ª Delegacia de Polícia, no 4º andar do DHPP, não é nem de longe o que pode se chamar de confortável. Composta de duas salas interligadas por uma porta, tem um grande janelão por onde, em madrugadas não tão quentes, entra uma brisa quase fria e constante. Os policiais que acompanharam o interrogatório de Cristian ficaram na primeira sala. Masi posicionou sua cadeira no meio da porta de interligação das salas, impedindo a passagem que dava acesso à janela.

Essa é uma preocupação diária na “Homicídios”; não é raro alguém se desesperar depois de confessar um crime e se atirar prédio abaixo. Foi colocada uma cadeira simples para que Cristian se sentasse em frente ao delegado. À sua frente, mais à direita, a Dra. Cíntia sentou-se pronta para registrar no computador todo o depoimento. Num sofá atrás do suspeito, vários investigadores se revezaram durante a longa noite que se iniciava. Todos ali sabiam que não seria nada fácil chegar à verdade dos fatos ocorridos na noite do crime.

A estratégia era gerar desconforto e ansiedade em Cristian. Enquanto todos ali estavam em suas roupas de trabalho, em geral camisa e calça social, às vezes paletó, o suspeito usava uma camiseta tipo regata. O vento vindo da janela o pegava de frente, implacavelmente. O fato de Cristian ser fumante estabeleceu um clima tenso. Masi não fuma e logo deixou claro quem mandava ali. Investigadores que quisessem fumar saíam da sala; Cristian obviamente não tinha autorização. A ansiedade dele crescia a cada cigarro não fumado. A cadeira simples também não ajudava o rapaz, que mudava de posição a toda hora. Ele não estava algemado...

ainda.

Masi começou a inquiri-lo de forma firme, mas sossegada: Masi: Então, Cristian, quantas versões mesmo você deu para nós sobre a compra da moto?

Cristian: Eu fiquei com medo de perder a moto, doutor, porque comprei ela com dólares que eu não declarei.

M: Sei. . Mas você também não disse que a moto não era sua, que era de um tal Jorge?

C: Disse, mas a verdade é que eu pedi só para pôr no nome dele porque tinha extraviado meus documentos.

M: Ahhhh... E como você arrumou dinheiro para comprar essa moto?

C: Eu ganho dólares da minha família desde que fiz quinze anos. Meu pai, meu avô, minha mãe, e fui juntando.

Ganhei mil e cem dólares do meu pai.

M: Em notas grandes, pequenas, quanto de cada vez?

C: Meu pai dava notas de 10 ou 20, minha mãe, de 1 dólar, e meu avô me deu uma vez 15 dólares, mas não lembro em que tipo de nota.

M: Mas então devia ter demorado mais para juntar tanto dinheiro que pague uma moto, não?

C: É que eu também vendi uma bateria da marca Premier Signia por 1.200 dólares. Recebi em notas de valores variados, tipo de 10, 20 e 50 dólares, não me lembro bem.

M: Mas na minha conta ainda faltam dólares. E o resto, conseguiu como?

C: Fui comprando em casa de câmbio, não me lembro onde, perto da Estação da Luz. Também troquei dólar na praça da República, mas não lembro o endereço.

Os policiais se entreolhavam. Ia ser difícil Cristian explicar os 3.600 dólares na mão dele no dia do assassinato do casal Von Richthofen.

M: Você comprou a moto no nome desse Jorge por que mesmo?

C: Porque eu perdi meus documentos, não dava para pôr no meu nome. Me roubaram tudo lá por maio ou junho, fiquei sem CIC e RG.

M: E não tirou novos documentos até agora por que motivo?

C: Porque eu sou um estúpido...

Respondeu irritado; ele também percebia que a historinha não estava “colando”.

M: Bom, vamos em frente, rapaz. Onde você estava na noite de 30 de outubro?

C: Estava em casa e daí, lá pelas dez horas, peguei um táxi e fui para o Red Play jogar Counter Strike.

M: O que é Counter Strike?

C: É um jogo de computador.

M: Tá. Você chegou no Red Play que horas?

C: Lá pelas dez e quinze, dez e vinte. Mas tava meio vazio, então tipo umas onze e pouco eu fui embora a pé para casa.

M: Onze e quanto?

C: Onze e cinco, ou dez.

M: E que horas você chegou em casa?

C: Às onze e meia ou quinze pra meia-noite, não me lembro bem. Daí fiquei em casa vendo televisão.

M: A noite inteira?

C: Não, tipo uma e meia eu fui na janela e minha amiga Cristiane me chamou para dar uma ajuda, que nosso outro amigo Daniel tinha quebrado o braço.

M: Ajudar em quê?

C: Ir até o Hospital São Paulo com ela. O Daniel precisou ser engessado.

M: Ele quebrou o braço como?

C: Acho que foi num jogo de “queda-de-braço”.

M: Onde mora esse Daniel?

C: Perto do Red Play, mas não sei o prédio.

M: E a Cristiane?

C: A Cristiane é minha vizinha, mora no mesmo prédio que eu.

M: E vocês foram como para o hospital?

C: No carro dela, um Gol bolinha. Eu que fui guiando.

M: Mas o Daniel e o Marcos estavam com vocês?

C: Não, eles já estavam no hospital.

M: E quem levou eles para o hospital?

C: A Cristiane.

M: Mas então por que ela voltou para casa e depois foi de novo com você? Confusa esta história, hein, rapaz?

C: Não, é que antes a Cristiane estava em um barzinho com o Marcos e o Daniel, onde ele quebrou o braço. Mas ela estava com o carro do pai dela, um Honda ou Hyundai, e morre de medo de ser assaltada. Então levou eles pro hospital e veio trocar de carro, pegar o Gol, e daí eu fui com ela pro hospital.

M: Que horas vocês chegaram no hospital?

C: Acho que era uma e quarenta e cinco.

M: E saíram de lá que horas?

C: Umas quinze para as quatro.

Masi fez um sinal para o investigador César, conhecido como Turcão, e os dois saíram da sala com uma desculpa qualquer. Lá fora, Masi pediu que Cristiane fosse trazida para o DHPP e fizesse seu depoimento. Voltou para a sala e continuou o interrogatório.

M: Então, Sr. Cristian, vamos continuar. Saíram do hospital?

Quem?

C: Eu, a Cristiane, o Marcos e o Daniel, todo mundo no Gol da Cristiane.

M: E foram para onde?

C: Primeiro passamos numa farmácia na avenida Ibirapuera.

M: Que farmácia?

Cristian se ajeitava de um lado para outro na cadeira.

“Ai, que saco! Quantos detalhes inúteis.” Queria fumar, esticar as pernas, sei lá, tudo menos ficar ali. Seu peito estava apertado. Tentava se lembrar de tudo, tudinho que podia falar. Esse delegado era detalhista...

C: A farmácia que fica à direita de quem olha de frente pra igreja que tem ali.

M: Compraram o que na farmácia?

C: Compramos três remédios, pra dor e antiinflamatório.

M: Quanto custou?

C: Acho que foi quarenta reais. O Marcos que pagou.

M: Por que foi ele que pagou? Não foi o Daniel quem quebrou o braço?

C: Não, quer dizer, sim, mas foi o Marcos que quebrou o braço do Daniel, então tava se sentindo culpado.

M: E aí, foram pra onde?

C: Fomos pro meu prédio, mas depois resolvemos ir para o McDonald's comer um lanche.

M: Resolvemos quem?

C: Nós quatro. Já sei o que o senhor vai perguntar. Fomos no McDonald's da Bandeirantes. Chegamos umas quatro e quinze e saímos umas quinze para as cinco.

M: E o que vocês comeram?

Cristian olhou para o chão. Não é possível que o delegado quisesse saber até isso!

C: Eu comi um nº 4 (Cheddar McMelt, batata frita e refrigerante), o Daniel e o Marcos racharam seis *cheese-burguers* e Coca-Cola, e a Cristiane não comeu nada.

M: E aí, o que vocês fizeram?

C: Voltamos pra minha rua, fumamos um cigarro e cada um subiu pra sua casa.

M: Mas você não falou que o Daniel morava perto do Red Play? Como ele foi pra lá?

C: Ele dormiu na casa do Marcos.

M: Ahhhhh. E você dormiu até que horas?

C: Eu nem dormi, fui para o Parque Ibirapuera passear com meu cachorro. Só voltei umas oito e meia da manhã.

M: E ficou em casa?

C: Não, umas nove horas fui pra casa do Jorge encontrar com ele pra ir comprar a moto na Nahime.

M: E como vocês foram pra Nahime?

C: Na moto do Jorge, uma Honda Dream 100cc vermelha e branca.

M: A que horas vocês chegaram à loja de motos?

C: Umas dez horas. Daí eu escolhi a moto Suzuki e coloquei no nome do Jorge.

M: E pagou quanto mesmo?

C: 3.600 dólares.

M: Em notas de que valor?

C: Era variado entre 100, 50, 20 e 10.

M: Era um pacote de notas?

C: Eu arrumei elas por ordem de valor, do maior para o menor.

M: As notas eram novas ou antigas?

C: Eram misturadas, tinha nota nova e antiga. Estavam em dois pacotes, quer dizer, três pacotes.

M: Quantas notas eram de cada tipo, de cada valor?

C: Acho que 2.000 eram em notas de 100 e o resto eu não lembro.

M: Onde você conseguiu esse dinheiro?

C: Já falei, meu pai me deu uns 1.000 dólares desde 1998

pra cá e minha mãe e meus avós também me deram. Eu também vendi a bateria.

M: Vendeu a bateria por quantos dólares?

C: 1.100 dólares.

M: E pra quem foi que você vendeu?

C: Para um particular, não lembro o nome. O senhor só pensa em dólar, é? Só sabe falar de dinheiro? A polícia quer saber mais sobre o dinheiro do que sobre o crime...

O rapaz estava nervosíssimo, quase não se controlava mais. Todas as pessoas na sala emudeceram. O Dr. Masi foi delegado corregedor, o correto dos corretos. Fazer esse tipo de insinuação justamente para ele chegava a ser engraçado, mas quem precisou rir saiu da sala. Masi levantou lentamente da cadeira e fez um verdadeiro escândalo por conta da provocação do rapaz. Ele havia cutucado onça com vara extracurta! Masi fez questão de mostrar para ele o que significa enfrentar um policial exaltado! Depois da enorme bronca, Cristian abaixou a cabeça, espremeu as mãos sem parar e aguardou calado que o interrogatório prosseguisse. Agora já havia entendido que ninguém ali estava brincando. Era vida ou morte. Ouviu quando foi pedido que um policial fosse buscar seu pai para um novo depoimento.

Na sala da 1ª Delegacia, Masi continuou suas perguntas: M: Você pretende viajar neste final de semana, Cristian?

C: Eu vou para o sítio dos pais da minha namorada na Castelo Branco.

M: Como se chama a sua namorada?

C: O nome dela é Ana Carolina.

M: Quanto tempo faz que você namora com ela?

C: Faz sete meses, mas a gente “fica” há três anos.

M: Onde ela mora? Me dá o endereço dela.

C: Eu não sei o endereço, é perto da minha casa.

M: Deixa de ser mentiroso, moleque, você namora, fica ou sei lá o que há três anos e não sabe o endereço da menina?

Cristian, cada vez mais nervoso, tentou explicar que era por falta de atenção que não sabia o endereço, mas descreveu o prédio e sua localização. Ana Carolina também seria ouvida sobre sua versão dos fatos.

M: E no Red Play, no dia do crime, quantas vezes você jogou Counter Strike?

C: Só uma, doutor, depois fui embora. Tava meio vazio lá.

Tinha oito ou nove pessoas onde em geral tem umas quarenta.

M: Algum amigo seu te viu lá? Algum conhecido?

C: Não, não encontrei ninguém conhecido.

M: Qual o número da máquina em que você jogou?

C: Não me lembro. Era uma que fica de frente pra parede do lado do vidro, na divisória com a rua Jesuíno Maciel.

M: E quando você saiu de casa para ir ao Red Play alguém conhecido te viu saindo?

C: Não, ninguém. Eu peguei logo um táxi.

M: E você não encontrou nenhum amigo no Red Play?

Suspirando e suando, Cristian respondeu que não. Também não havia combinado de encontrar com ninguém lá.

M: Cristian, você alguma vez esteve na casa das vítimas?

C: Estive, quando eles estavam viajando. Fui com a minha namorada, o Daniel e a Suzane.

M: Quantas vezes você foi lá?

C: Umas duas vezes.

M: Você chegou a dormir na casa, passou alguma noite lá?

C: É, uma vez eu dormi lá, mas minha namorada não estava.

M: Você é usuário de drogas?

C: Eu uso maconha de vez em quando.

M: Só maconha? Nunca usou cocaína?

C: Já usei, mas faz muito tempo, uns seis anos atrás.

M: Como você parou de usar? Fez tratamento?

C: Não, nunca fui internado em clínica nenhuma.

A Dra. Cíntia leu todas as declarações já colocadas em papel e Cristian assinou. Mas seu depoimento ainda não tinha acabado. Ainda seria confrontado com as informações coletadas das pessoas envolvidas nas histórias que contou.

*

O porteiro do prédio de Cristian desmentiu que ele tivesse saído de táxi na noite do crime. Também disse que ele não chegou em casa à meia-noite e sim por volta da 1h30 da manhã.

Daniel dizia que não sabia nada sobre moto nenhuma, mas Cristian havia contado aos policiais, em conversas paralelas, que comentou com Daniel sobre a compra da motocicleta.

Suzane e Astrogildo faziam cara de espanto e repetiam: “Coitado, ele fez isso? Comprou uma moto?”, e balançavam a cabeça.

Astrogildo, pai dos meninos, deu novamente seu depoimento para a Delegada Cíntia. Nele, confirmou que Cristian havia levado uma motocicleta para sua casa, dizendo que era de um amigo e que faria alguns consertos nela, “daria um trato”. Astrogildo não sabia o nome do amigo, mas os documentos originais do veículo estavam em sua casa. Explicou que Cristian morava com a avó, não estudava e tinha cursado só até a oitava série. Não tinha emprego fixo e vivia de “bicos”, como consertar motos e dar aulas de bateria. Não sabia quanto o filho ganhava, se tinha poupança ou conta em banco. De vez em quando ele pedia dinheiro emprestado ao pai, mas não era muito, uns 2 reais para o cigarro. Quando questionado sobre a história dos dólares em poder de Cristian, Astrogildo explicou que em 1998, quando viajou para a Ucrânia com Daniel num campeonato de aeromodelismo, fez um empréstimo e deu o dinheiro que sobrou em compensação para Cristian, igualando os gastos com os dois filhos.

A quantia que tinha dado a Cristian era 1.200 dólares, mas não recordava se tinha dado algum dinheiro para seu outro filho, Marco Aurélio. Confirmou que Cristian usara drogas no passado, mas agora não usava nada. Tinha saído do problema usando sua própria força de vontade e o apoio da família. Ressaltou que haviam ficado algumas seqüelas do uso de drogas. Hoje em dia, Cristian fica “meio explosivo”, às vezes chora, mas não é agressivo, pelo menos dentro de casa. Afirmou que nesse momento ele estava dando bastante apoio moral a Suzane, Daniel e Andreas. Não sabia dizer se o filho já tinha ido à casa dos Von Richthofen.

Sexta-feira,

8 de novembro de 2002

Depoimento de Cristiane Santos Silveira, Amiga de Cristian

Cristiane entrou nas dependências da Equipe C-Sul na madrugada de sexta-feira. A essa altura, já imaginava que seu amigo Cristian estivesse metido numa grande confusão, mas ela não tinha nada a esconder, portanto era se acalmar e responder a tudo direitinho.

Foi a Dra. Cíntia Tucunduva quem a interrogou.

Cíntia: Bom, Cristiane, vamos às perguntas que eu tenho que te fazer. Onde você estava na quarta-feira, dia 30 de outubro, à noite?

Cristiane: Eu estava no meu prédio, combinando de sair com uma turma.

Ci: Que horas isso aconteceu?

Cr: Entre nove e meia e dez e meia.

Ci: Quem estava combinando de sair com você e para onde?

Cr: Djou (Daniel), Marcos, Carolina, Camila e Alexandre. A gente estava combinando de ir a um barzinho perto da Juscelino.

Ci: E o Cristian, não estava?

Cr: Não, a Carolina (namorada dele) até me pediu para eu perguntar se ele iria, mas ele respondeu que não, que iria ao Red Play encontrar com o irmão Daniel e jogar.

Ci: Você falou com o Cristian pessoalmente?

Cr: Nessa hora em que eu perguntei, não, mas depois encontrei com ele no elevador e perguntei de novo se não queria mesmo ir com a gente ao barzinho e ele repetiu que estava indo para o Red Play jogar com o irmão Daniel.

Ci: E você foi para o barzinho?

Cr: Fomos para o Néctar e depois da meia-noite acabamos numa loja de conveniência do Posto Ipiranga na avenida dos Bandeirantes. Foi aí que o Marcos e o Djou (Daniel) tiraram um braço-de-ferro e o Daniel quebrou o braço.

Ci: Foi você que o levou para o hospital?

Cr: Eu e o Marcos, que estava apavorado. Ele entrou com o Daniel no pronto-socorro do Hospital São Paulo e eu fiquei no carro esperando.

Ci: Até que horas?

Cr: Fiquei um tempão lá, mas sozinha no carro, fiquei com medo de ser assaltada e fui para casa trocar de carro e ver se meu irmão estava lá para voltar comigo ao hospital pegar os dois.

Ci: A que horas você chegou em casa?

Cr: Era mais de uma e quarenta da manhã. Entrando na garagem eu vi o Cristian fumando na janela do apartamento dele, gritei pra ele que o Daniel tinha quebrado o braço e se ele podia ir lá comigo pegar eles no hospital.

Ci: Quem dirigiu o carro?

Cr: Foi o Cristian, porque eu estava muito nervosa. Ficamos um tempão no hospital esperando o Daniel ser atendido.

Ci: E o Cristian estava se comportando normalmente?

Cr: Ele ficou no corredor com o Marcos a maior parte do tempo, mas teve uma hora em que se sentou numa cadeira de rodas e falou: “Eu não estou legal, estou com uma sensação estranha”. Comentei com ele que devia ser porque estávamos num hospital e o ambiente era muito pesado. Foi a única hora em que eu achei ele estranho.

Ci: E depois o que fizeram?

Cr: Saímos do hospital, paramos na farmácia e fomos para o meu prédio, mas resolvemos ir até o McDonald’s da Bandeirantes comer alguma coisa. Voltamos para casa por volta das cinco e meia ou seis horas.

Ci: E quando você viu o Cristian novamente?

Cr: Na quinta-feira, por volta de uma da tarde. Eu estava no prédio do Marcos com uma galera quando o Cristian apareceu numa moto Suzuki 1100. Todos saímos para admirar a moto, mas ele logo foi embora. Todos comentavam que aquela moto era de primeira linha e de alto preço e que o Cristian não teria condições de comprá-la.

Ci: Você chegou a conversar com o Cristian sobre isso?

Cr: Eu falei pra ele o que estava todo mundo comentando e ele até chorou, me contou que na verdade a motocicleta não era dele e que estava magoado por todos pensarem que ele houvesse feito alguma “treta” para comprar a moto.

Ci: Quando e como você soube do assassinato do casal Richthofen?

Cr: Foi naquele mesmo dia, foi o Cristian que contou.

Ci: E no fim de semana, você viu o Cristian novamente?

Cr: Não, ele foi para o sítio da namorada. Só o vi domingo à noite, na casa dela. Eu estava lá e quando ele saiu a mãe da Carol e da Camila [irmã] comentou que Suzane e Daniel eram suspeitos de terem assassinado o casal, mas que Cristian havia dito que esteve comigo naquela noite, desde a meia-noite até as seis da manhã.

Ci: E isso é verdade?

Cr: É nada. Na terça-feira seguinte eu pedi explicações para o Cristian sobre isso que ele falou. Ele insistiu que tinha ficado comigo desde meia-noite, mas eu expliquei que era impossível, porque tinha chegado em casa à uma e quarenta e só o vi uns cinco minutos depois, ou seja, quinze para as duas. Ele insistiu várias vezes comigo que então seria uma e vinte, mas eu disse que de jeito nenhum, era pelo menos quinze para as duas. Achei estranho ele ficar insistindo neste assunto.

Ci: O que mais você achou estranho?

Cr: Durante a semana eu vi na TV que o Daniel e a Suzane estavam no motel naquela noite, mas o Cristian disse que tinha ido com ele ao Red Play jogar. Perguntei pra ele, que me respondeu que foi e voltou a pé pro *cybercafé* e não encontrou Daniel.

Ci: E você conhecia a Suzane e o Daniel?

Cr: Não tinha muita amizade com eles, mas todos sabem que os pais dela não aceitavam muito ele de namorado da filha.

Ci: Você sabe se o Cristian freqüentava a casa da Suzane?

Cr: Sei que há algum tempo ele foi a um churrasco lá.

Depoimento de Jorge Ricardo March, o “Dono da Moto”

Jorge, acompanhado de seu advogado, repetiu o que a polícia já sabia sobre a compra da motocicleta em seu nome.

Na verdade, só queria ajudar o amigo Cristian. Confirmou que ele pagou a compra com 36 notas de cem dólares. Nada de notas de vários valores. Também contou que esperou Cristian voltar do fim de semana no sítio da namorada e ligou para ele novamente, dizendo que queria conversar sobre o assassinato dos pais de Suzane e os dólares que estavam com Cristian. Acabaram marcando de jogar futebol na quarta-feira à noite, no Corpo de Bombeiros da Casa Verde. Jorge então pressionou Cristian sobre os dólares, perguntando se ele estava envolvido com o assassinato do casal. Cristian ficou bastante irritado com o amigo, contou que havia guardado os dólares, que nada tinha a ver com o crime e emendou: “Puxa, até você está desconfiando de mim!”. Depois do jogo, não se falaram mais.

Jorge também contou para a polícia que Cristian, quando era viciado em cocaína, chegou a ficar algum tempo internado, até se libertar do vício. Nessa época de viciado, Cristian uma vez esteve em sua casa e contou que havia roubado uma bateria de uma banda musical para quem carregava os equipamentos. Estava com a bateria no carro e disse ao grupo que foi assaltado, chegando até a registrar a ocorrência em uma delegacia. Os amigos comentavam que ele tinha dívidas com traficantes e teria dado a bateria como pagamento delas.

Cristian nunca comentou com ele se tinha ido alguma vez à casa de Suzane ou que o namoro de seu irmão não era bem-visto pela família dela, mas numa ocasião disse que a família da “cunhada” tinha muito dinheiro.

A Confissão

Cada vez ficava mais claro para a polícia o envolvimento de Suzane, Cristian e Daniel no assassinato de Manfred e Marísia von Richthofen. Os três apresentavam o mesmo lapso de tempo em suas histórias. Conseguiram relatar muito bem o que haviam feito antes e depois desse intervalo, porque falavam a verdade, mas durante aquela uma hora e meia, entre meia-noite e uma e meia da manhã, enrolavam-se. A cada depoimento a convicção da polícia aumentava, apesar das caras e bocas de Suzane, indignada, perguntando incrédula se era suspeita, e das negativas constantes de Daniel, o mais quieto de todos.

A polícia começou a apertar e pressionar Cristian. Seus depoimentos tinham tantas versões e buracos que esse era o caminho mais curto para saber a verdade. Afinal, o dinheiro estava com ele. Com seus nervos por um fio, não agüentou a pressão e se levantou abruptamente, num gesto de descontrole. Imediatamente os investigadores presentes na sala o detiveram e o algemaram. Durante o resto de seu depoimento estaria com as mãos para trás. Moralmente, ele estava no fim do caminho.

Os policiais iam de um suspeito para outro, pergunta-vam daqui e dali, levantando dúvidas, plantando medos, jogando um contra o outro. Eles estavam sem celular e sem comunicação. Um não sabia o que o outro já havia contado; a tensão era imensa.

Ado falou para Cristian que até a sogra dele achava que era ele, por causa da moto. A sogra não tinha dito isso, mas Cristiane havia contado em seu depoimento o comentário de que o rapaz havia feito uma “burrada”. Turcão, Fausto, Celso, Arnaldo e Fábio Japonês, investigadores que estavam na sala de interrogatório da 1ª Delegacia no momento da confissão, insistiam:

— Você vai segurar esta história sozinho? Tua história já está toda quadrada, você já está todo desmontado, você vai ficar preso e todos os outros vão embora!

— Latrocínio... Sabe quantos anos você vai ficar preso?

Você vai pra cadeia!

— Suzane e Daniel estão felizes porque você vai segurar o rojão sozinho e eles vão ficar com o dinheiro. Pobre Cristian!

O casal é que vai viver feliz pra sempre...

Nos outros andares, Ado contava para Daniel e Suzane como já sabia que Cristian estava implicado, a quebra de seus álibis, a moto. Os dois só respondiam: “Se ele fez, tem que pagar”. Empurravam tudo para cima dele.

*

Enquanto isso, Suzane aguardava acompanhada da advogada Claudia Bernasconi, do promotor Virgílio Antonio Ferraz do Amaral e do delegado Armando de Oliveira Costa Filho, todos acomodados na sala do Dr. Domingos Paulo Neto.

Depois de uma noite inteira em claro, o investigador Serjão bateu na porta, chamou a Dra. Claudia e liberou-a juntamente com sua cliente, porque nada ainda haviam conseguido com Cristian. Ele apenas a aconselhou que esperasse por alguns momentos até que a polícia montasse um corredor de isolamento na rua, que estava lotada de repórteres, para que pudessem sair do prédio da “Homicídios”. A Dra. Claudia abriu a bolsa, pegou o ticket do estacionamento em frente, onde estava seu carro, e ficou pronta para ir embora. Quando já seguiam pelos corredores em direção à porta, Serjão novamente apareceu, dessa vez correndo e esbaforido, dizendo: “Voltem todos, o Cristian vai confessar”.

*

O promotor Virgílio entrou na sala onde estava acontecendo o interrogatório de Cristian, que começava a hesitar.

Na verdade ele percebia que sua situação era gravíssima.

Começou dizendo que quem cometera o crime foram apenas Suzane e Daniel, que ele só havia acompanhado os dois, na tentativa de evitar que cometessem aquela loucura.

A história de Cristian soava inverossímil. Novamente a roda de investigadores se formou em volta dele, mostrando como ele estava sendo ingênuo, que ia assumir sozinho para o bem de todos, “puxar cana” sozinho. Sabiam que o crime não poderia ter sido feito sem a ajuda dele, iam acabar provando, e assim continuaram, enchendo seus ouvidos de argumentos para que contasse a história real. Ele ficou sabendo que todos haviam dado depoimentos, inclusive Cristiane e Jorge, além de Nahime e o pai. Verdade ou blefe? Suas pernas tremiam. Suas mãos escorregavam sobre sua cabeça. Se fosse verdade que tinham cruzado todos os depoimentos, estaria perdido.

Já eram quase 6h. O Dr. Masi, em voz calma e muito séria, levantou-se, aproximou-se de Cristian, olho no olho, e avisou:

— São dez para as seis da manhã. Chega de enrolar. Eu vou tomar um café, daqui dez minutos eu volto e quero ouvir esta história direito. — Saiu, batendo a porta atrás de si. Ado saiu sorrateiramente e subiu até a sala do Dr. Domingos, no 5º andar do prédio. Encostou de lado e falou para o diretor:

— Doutor, acho que conseguimos “amolecer” o coração do Cristian. Se a gente der um “fecha”, agora ele conta tudo. Domingos desceu apressadamente pelas escadas e se dirigiu ao interrogatório do rapaz.

Cristian era aficionado por autoridades. Realmente a figura do delegado-chefe do DHPP, a posição oficial de que seria bem tratado, de que ninguém ia forçar nada contra ele, tudo isso seria um peso extra na decisão do rapaz em confessar.

Já eram 6h. O Dr. Masi engoliu um copo d’água, dirigiu-se à pesada porta da sala onde Cristian estava e bateu, com estrondo, três vezes. A sala silenciou. Turcão comentou com o delegado antes que ele entrasse: “Doutor, ele está ’se ra-chando’”.

Ao mesmo tempo, entraram na sala Ado e Domingos, com o inquérito debaixo do braço. Todos os policiais tinham semblantes serenos, tranqüilos, como quem já sabe de tudo, “tudo dominado”. Cristian se encolheu na cadeira. Domingos colocou o inquérito em cima da mesa e mostrou para Cristian que sua história já não tinha mais sustentação, não havia mais jeito. Indicou que naquela pasta estavam os depoimentos de Jorge, da namorada, de Cristiane, Marcos e outros. Fez um resumo das contradições. Estava acabado.

Cristian engoliu em seco e contou toda a sua versão dos fatos, sem omitir nenhum detalhe. Agora, a precisão dos horários era em minutos; todas as lacunas foram fechadas com seu depoimento, que se iniciou às 6h35 da manhã do dia 8 de novembro de 2002.

Segundo ele, Daniel e Suzane tiveram juntos a idéia de matar os pais dela mais ou menos dois meses antes, mas depois afirmou que a idéia foi mesmo de Daniel. O motivo para que os dois desejassem e planejassem o assassinato era a maneira como ambos eram tratados por Manfred e Marísia von Richthofen. O irmão e a namorada lhe contaram que ela apanhava muito dos pais dela, que não aceitavam o namoro dos dois de jeito nenhum. Matá-los era a única forma de ficarem juntos. O casal expôs o plano para Cristian na casa dele, que, mesmo sem concordar com o que ia ser feito, não conseguiu dizer não para o irmão.

Cristian comentou, em suas declarações, que Suzane estava fria durante a execução dos pais, “fria, muito mais que eu e Daniel”. Também contou que Daniel já conhecia o fundo falso do armário em que estavam guardados as jóias e o revólver. Explicou como era a arma do crime, um pedaço 129

de ferro com uma madeira dentro que havia sido construído por seu irmão, para que não fizessem barulho na hora do assassinato e não fossem descobertos.

Depois do crime, colocaram todo o material usado em um saco de lixo, que descartaram na esquina da avenida Vereador José Diniz com a rua Vieira de Moraes. Recebeu, ainda na casa, 3.600 dólares, 600 euros e 3.000 reais. Segundo Cristian, quem estabeleceu a divisão do dinheiro foi Suzane, sendo que ele não sabia o montante total que havia na casa.

Isentou Jorge March de qualquer envolvimento, esclarecendo que ele não tinha conhecimento de absolutamente nada sobre o crime.

Andreas também foi isento de qualquer conhecimento do crime ou participação nele. Cristian comentou que o menino amava Daniel como a um irmão: “Tudo o que foi passado para mim é que Andreas não ia saber de nada”. O casal de namorados resolveu tirar Andreas de casa na data escolhida para o crime, mas Cristian não sabia dizer se escolheram essa data como presente de aniversário para Suzane.

Os planos para o futuro envolviam uma sociedade entre Cristian, Daniel e Suzane, que pretendia abrir um negócio com o dinheiro que herdaria dos pais.

Virgílio e Domingos, acompanhados de vários policiais, subiram para o 5º andar do DHPP. Era hora de pressionar Suzane.

*

Na sala do Dr. Domingos, mais de vinte pessoas se aco-tovelavam. Aguardavam o momento em que Suzane confes-saria. Alguns investigadores já comentavam detalhes sobre a confissão de Cristian. A garota, sentada no sofá de couro da sala do diretor, percebeu que algo ia mal. O Dr. Virgílio se colocou em sua frente e disparou: “Conta o que aconteceu porque o Cristian diz que a culpada é você”.

Um policial ali presente, discretamente, fez sinal para que o Dr. Miguel entrasse na sala e escutasse o desenrolar dos fatos, mas o orientou para que ficasse mais escondido, a fim de não ser visto pela sobrinha.

Suzane olhou em volta, sem acreditar realmente que tudo tivesse dado errado. Tremia violentamente, mas nenhuma lágrima saiu de seus olhos. Levantou a cabeça e declarou: “Eu sou uma pessoa horrorosa, eu tenho vergonha do que eu fiz”. Começou então a narrar sua versão dos tétricos acontecimentos da noite em que seus pais foram assassinados.

Segundo seu relato, todos eram felizes naquela casa, até que no mês de maio daquele ano, sem mais nem menos, sua mãe passara a implicar com Daniel. Sem entender os motivos da mãe, o casal de namorados começou a se sentir incomodado e ela passou a ter várias discussões em família.

No Dia das Mães daquele ano chegou a levar um tapa tão forte do pai que os dedos dele ficaram marcados em seu rosto. Daniel a confortou, mas depois desse dia parou de freqüentar sua casa, até que Manfred e Marísia viajaram por trinta dias no mês de julho, deixando a casa livre para que ele se hospedasse ali.

Suzane fez questão de declarar que aqueles foram os dias mais felizes de sua vida. Quando os pais voltaram, a festa acabou e a realidade se assomou diante deles. Tinham novamente de voltar a se encontrar escondido de todos. Já em agosto surgiu entre Daniel e Suzane o desejo de se livra-rem dos pais, mas ela não sabia explicar ao certo de quem foi a idéia. Foram conversando sobre o assunto, e o que era apenas uma idéia foi tomando corpo e proporção, até que um mês antes Daniel construiu as armas do crime e de comum acordo incluíram Cristian nos planos. Na tarde do dia 30 de outubro, Suzane resolveu agir. No apartamento de Cristian, combinaram todos os detalhes.

Suzane disse que já estava arrependida antes mesmo de Daniel e Cristian entrarem em sua casa, mas não fez nada para impedi-los. Afirmou que não assistiu à morte dos pais e esperou que os irmãos Cravinhos descessem até a biblioteca.

Como haviam combinado, simularam um assalto, bagunçan-do o local. Viu Cristian guardar as jóias e todo o dinheiro que havia retirado da mala na mochila dele, mas não tinha certeza do valor. Ficou apenas com trezentos e poucos reais, para pagar o programa daquela noite no motel. A responsável pela

retirada da chave mestra do pai do chaveiro foi ela mesma.

Contou que, ao chegar em casa com Andreas, fingiu perceber algo estranho e ligou para Daniel, dando prosseguimento ao plano do casal.

Suzane, para o espanto de todos os presentes, disse que jamais imaginavam que o crime seria descoberto. Todos estavam muito confiantes de que tudo daria certo.

Quando perguntada sobre seu interesse na herança dos pais para abrir um negócio comercial com Cristian, ela negou que essa conversa algum dia tivesse acontecido. Seus motivos para matar os pais não incluíam dinheiro. Afirmou também que Andreas nunca soube de seus planos e jamais participou de qualquer coisa relacionada ao crime.

Mais do que chocado, Miguel Abdalla chamou Claudia Bernasconi e pediu que não falassem ainda com Andreas. Ele levaria o menino para casa e pensaria numa maneira possível de contar a ele o horror de tudo o que tinha escutado.

Saiu da sala desmoronando. Era a decepção em pessoa. Foi buscar Andreas e seguiram juntos para casa. Agora, eram só os dois.

Suzane levantou-se do sofá e se dirigiu à Dra. Claudia: “E agora, eu vou ser presa?”. “Claro que sim”, respondeu a advogada. “Então eu queria que você fosse a minha advogada”, disse Suzane. E, por algum tempo, o acordo prevaleceu.

O comportamento da polícia em relação a Suzane mudou ali. Agora ela já não era a filha das vítimas, era uma criminosa.

Seria escoltada o tempo todo por um policial.

*

A porta da Equipe A-Sul se abriu. Para espanto de Daniel, não paravam de entrar autoridades por ali: Dr. Domingos, Dr. Virgílio, Dr. Armando, Dr. Masi, Dra. Cíntia, Dr. Alvim, Ado, Serjão. . era de assustar. Sentaram-se todos em volta da mesa e Domingos disparou, num tom nada amistoso: “Vai, conta aí!”. Daniel abaixou a cabeça e ficou em silêncio. Todos davam sinais de impaciência. Já estavam nos 46 minutos do segundo tempo. Virgílio, bastante nervoso, falou: “O Cristian já confessou, a Suzane já confessou. Agora só falta você falar”. Daniel não se mexeu.

Apenas sorria. Virgílio, irritado com a atitude do rapaz, falou que nas declarações de Suzane ela havia dito que só ele tinha cometido o crime. Daniel ria mais e mais. O promotor perdeu a paciência: “Você está rindo de quê? Está achando qual parte engraçada? Fale sério, a brincadeira acabou”, ao que Domingos completou: “A casa caiu, Daniel. Fala logo.

Vocês todos já estão presos”.

Daniel parou de rir e começou a contar o seu lado da verdade:

“Há mais ou menos um mês eu tive a idéia de matar os pais da Suzane. Ela não estava feliz com eles, porque eles não queriam que a gente namorasse mais.” Começaram muitas brigas e proibições, e Suzane dava a entender para Daniel que a única solução para ambos seria matar os pais dela, aguardando que ele se posicionasse. Chegou a perguntar para ele se achava que poderia dar tudo certo, se não seriam pegos ou descobertos. Daniel respondeu que não tinha certeza e que também não sabia como ficaria psicologicamente depois de cometer um crime assim.

Todo o restante do relato de Daniel é bastante semelhante aos outros. As diferenças ficam por conta de quando construiu as armas do crime (uma semana antes), que ele mesmo pegou a jarra de água amarela no armário da cozinha, que passou a toalha molhada no rosto de Manfred para tentar voltar no tempo e desfazer o que havia feito. Também afirmou que ele e a namorada faziam, sim, planos de como usariam o dinheiro da herança que seus pais deixariam.

Daniel também se disse arrependido de seus atos.

A polícia começa então um trabalho de rescaldo, con-frontando acusações, fazendo buscas e apreensões, enfim, trabalho burocrático.

O investigador Serjão, ao vasculhar a casa de Cristian em busca de provas, encontrou 490 euros escondidos dentro da capa de uma raquete de tênis e 1.810 reais dentro de um aparelho de som.

Na casa de Daniel, dentro do estabilizador de seu micro-computador, foram encontrados 1.500 dólares e 700 reais.

Cristian finalmente deu para a polícia a localização das jóias. Estavam na chácara da namorada, Ana Carolina, no Condomínio Porta do Sol, localizado na Rodovia Castelo Branco. A família da menina foi contatada e rumou para lá.

Num terreno carpido nos fundos do condomínio, ao lado de um tronco, num saquinho de supermercado, estavam guardados um colar de pérolas, um colar de rabo de elefante com quatro voltas, um par de brincos de argolas, dois anéis, um bracelete, uma corrente com pingente azul, uma corrente com pingente preto, um par de brincos em forma de coração gravados com a letra “m”, um par de brincos com três pingentes, um par de brincos com detalhes em branco e um pingente com patuá. Apesar de Cristian ter dito que havia atirado o saquinho no terreno baldio, parecia que ele tinha sido colocado lá, como que sinalizado. Não deu trabalho nenhum localizar as jóias de Marísia von Richthofen.

Realmente o Dr. Masi tinha razão ao pensar na possibilidade de Suzane ter recuperado as caixas para guardar as jóias novamente.

Foi pedida a prisão temporária dos três jovens assassinos.

Suzane foi enviada para a 89ª Delegacia de Polícia, onde ficaria detida. Os irmãos Cravinhos, como ficaram conhecidos Cristian e Daniel, foram transferidos para a 77ª Delegacia de Polícia. São locais que recebem presos com prisão temporária decretada.

A reconstituição do crime foi marcada para 13 de novembro, menos de uma semana após a confissão.

A Reconstituição

Código de Processo Penal

Art. 7º: Para verificar a possibilidade de haver a infração sido pra-ticada de determinado modo, a autoridade policial poderá proceder à reprodução simulada dos fatos, desde que esta não contrarie a moralidade ou a ordem pública.

A reprodução simulada dos fatos é um tipo de exame de corpo de delito complementar facultativo, retrospectivo, destinado a verificar a viabilidade de determinado fato de interesse jurídico penal ter ocorrido efetivamente na presença do indiciado ou da vítima.

A chamada reconstituição será sempre realizada com base no confronto específico das informações recolhidas de todas as peças dos autos do Inquérito Policial ou Processo, com a realização prática de

todos os atos materiais ali presentes e narrados. Só assim poderão ser verificadas a veracidade e a procedência dos fatos, e esse procedimento só é possível com a presença física das partes que, diante do Perito Criminal, relatarão os acontecimentos.

Esse exame tem como finalidade principal o completo esclarecimento do crime, englobando as exatas participa-

ções de cada um dos envolvidos, não somente para fim de enquadramento penal correto mas também em grau de responsabilidade.

Esse tipo de procedimento pericial é importante, a fim de que se possam:

1) Comprovar como ocorreu determinada infração penal;

2) Evitar falsas responsabilidades penais, oriundas de confissões espontâneas, com intuito de acobertar o verdadeiro infrator;

3) Evitar responsabilidades penais, oriundas de confissões viciadas por coação física ou psicológica; 4) Fornecer subsídios de ordem técnica para que se aplique a lei.

O Perito Criminal, de forma imparcial, oferecerá através do seu laudo pericial a interpretação técnica e não jurídica dos fatos.

Das reconstituições não constam somente as fotografias em série do comportamento de cada pessoa envolvida, mas a análise crítica e pormenorizada dessa conduta. Cada contradição, cada alteração comportamental assumida durante o procedimento é anotada e documentada com objetividade.

Se o Perito Criminal não tiver elementos de ordem material para precisar os locais e a dinâmica dos fatos, qualquer manifestação a respeito será pura especulação pessoal, fugindo completamente da incumbência pericial.

Ser policial da “Homicídios” requer vocação. A busca incessante pela reconstrução de todos os acontecimentos que envolvem um crime, a vítima e os criminosos é quase uma questão de fé. A promotoria pretende acusar, a defensoria pretende absolver. A perícia, no entanto, quer a Verdade dos Fatos. E a reconstituição desses alegados fatos no momento do crime pode trazer grandes esclarecimentos.

A reconstituição objetiva saber de que forma um crime foi praticado. No caso Von Richthofen, o objetivo era saber qual a atuação, a participação de cada um dos envolvidos. A verdade que está sendo contada pelo criminoso tem de ser de possível execução no aspecto técnico. E os peritos têm de ser imparciais, isentos, apesar de estarem interagindo com assassinos confessos. Seus sentimentos são colocados de lado para que o resultado dos trabalhos seja válido.

Nesse caso, algumas dúvidas eram levantadas por policiais, peritos e médicos-legistas. As vítimas foram retiradas da cama? Sofreram alguma tortura antes de serem assassinadas? Marísia tinha uma “dobra” na calça com a qual dormia, na altura do joelho. Ela teria ajoelhado? Tentou sair da cama? Manfred tinha uma equimose semicircular na têmpora direita, com diâmetro aproximado de 16 milímetros. A arma foi encostada em sua cabeça? O que teria causado esse ferimento? A toalha molhada foi colocada dentro da boca de Marísia antes ou depois de ela ter sido “ensacada”? Seu osso hióide (no pescoço) estava quebrado. Isso aconteceu devido às pancadas que levou ou ela foi estrangulada?

Que instrumento de crime foi utilizado? Sabíamos que se tratava de bastão dotado de superfície, peso e gume, mas como seria de fato essa arma? Que espessura tinha? Como Manfred acabou em uma posição em que suas pernas estavam cruzadas? Suzane teria estado presente durante a execução dos pais,

segundo a versão de algum dos irmãos?

Quem, afinal, teria coberto o rosto de Manfred e Marísia? Foi um ato de pudor ou de asfixia? Enfim, reconstruir passo a passo tudo o que acontecera naquela casa e em que ordem esclareceria a todos.

A equipe técnica responsável pela reconstituição seria a seguinte:

Requisitante: Dra. Cíntia Tucunduva Gomes, Equipe C-Sul.

Peritos Criminais Relatores: Dra. Jane Marisa M.P.

Belucci, Dr. Ricardo da Silva Salada e Dr. Agostinho Pereira Salgueiro.

Fotógrafos Técnico-Periciais: Edson Wailermann e José Carlos Aloe.

Desenhistas Técnico-Periciais: Flávio Teixeira Junior (cinegrafista), Leonardo T. Delfino Filho e Luis Cláudio A. Quintal.

Quem trabalha na perícia fica fora do movimento causado pela imprensa num caso de repercussão. A análise técnica vai sendo feita e a cada dado descoberto ou concluído a equipe de investigação é informada. Lá de dentro não me parecia que o caso estava causando tanto alvoroço nas ruas.

Quarta-feira, 13 de novembro de 2002. Munida de uma autorização da Juíza Corregedora Dra. Ivana David Boriero para assistir à reconstituição com fins literários, encontrei-me com a equipe pericial no DHPP e rumamos para a casa na rua Zacarias de Góis em viaturas. Esta era a primeira reconstituição que eu veria, por ser uma casa mais segura, fechada e num bairro calmo. Acho que no local do crime existe menos perigo do que na reconstituição, em que o assassino está presente e muitas vezes os peritos e fotógrafos estão armados para garantir a segurança.

Ao chegar, arregalei os olhos e preendi a respiração. Garo-ava e a rua estava um caos. Centenas de jornalistas e público em geral se movimentavam na frente da casa, gritando e gesticulando. Descemos da viatura todos juntos, esmagados pelas pessoas, escoltados pela polícia. Agarrei imediatamente na camisa da Jane, chefe da perícia. Se eu me afastasse dela, não conseguiria mais chegar até a porta da casa. Suzane, Daniel e Cristian já haviam entrado, sob os gritos da platéia: “Assassinos!”. Depois de muito empurra-empurra, estávamos na sala de estar.

A Dra. Cíntia imediatamente questionou minha presença ali. Quem eu era, afinal? Tremendo sob o tom de voz dela, que tem aparência de garota, mas é brava como uma leoa, es-tendi minha autorização. Fui aceita ali na hora, mas precisava conversar com a delegada. No dia anterior, uma emissora de televisão havia me feito uma proposta para entrar com uma câmera e filmar os acontecimentos que ali se desenrolariam.

Acompanhada pela Jane, contei à Cíntia e pedi que fosse revistada, para que se algum material desse tipo saísse na imprensa ficasse claro que não havia sido pelas minhas mãos.

Ela resolveu que todos ali seriam revistados.

As mulheres se dirigiriam para a sala de estudos, os homens ficariam na sala de estar. Seriam procurados até equipamentos eletrônicos disfarçados, como canetas que filmam ou fotografam, botões de roupa especiais ou escutas, enfim, qualquer coisa que servisse a essas finalidades. A dificuldade era tirar a roupa em local onde os “câmeras” das emissoras de TV não pudessem nos filmar. Sim, todos os telhados dos vizinhos estavam coalhados de jornalistas, que queriam conseguir uma imagem do interior da casa. Encontramos um ponto cego, onde a revista aconteceu. Tudo limpo, os trabalhos podiam, enfim, começar.

Cada criminoso estava isolado de comunicação com os outros, em cômodos da casa que não seriam utilizados na reconstituição, como os quartos de empregada. Houve uma reunião com toda a equipe técnica, a portas fechadas, estabelecendo quais os procedimentos necessários para que aquilo não virasse um circo.

Cristian, que seria o primeiro a contar sua versão, já estava sentado na sala de estar, algemado, fumando sem parar e falando com sua advogada, a Dra. Gislaine Jabur.

Eventualmente, observava as conversas ao seu redor.

Era a primeira vez que eu estava cara a cara com uma pessoa que havia matado alguém. Meus sentimentos eram, no mínimo, estranhos. Ver os assassinos na telinha é uma coisa rápida, distante. Assim fica fácil ter raiva, achar que ele é diferente, não é humano. Ali, naquela sala, o Cristian era um rapaz normal, desses que a gente encontra milhares de vezes por dia, por aí. Nada em sua aparência indicava que ele era um assassino.

Salgueiro esclareceu para Cristian que ele não era obrigado a fazer nada na reconstituição, poderia permanecer em silêncio. Ele estava ciente disso? Sim, estava ciente e abria mão desse direito.

Cristian perguntou: “Vocês vão fazendo as perguntas para mim, que vai ser mais fácil de responder?”. Salgueiro então explicou que era importante que ele agisse com total liberdade. A perícia não poderia conduzi-lo nem induzi-lo a nada. O promotor Virgílio ainda completou: “Seja fiel àquilo que você tem na memória”.

Jane colocou em fila os policiais que participariam da reconstituição. Pediu que cada um dissesse seu nome e o papel que representaria:

Ieda Maria Loureiro

Suzane

Fábio Ricardo Rodrigues Tunes

Daniel

Celso Pereira Lima

Cristian

Francisco Eduardo Pandolpho

Manfred

Camila Sheila Fragnan

Marísia

A Versão de Cristian

Cristian relatou à perícia que só ficou sabendo dos planos do irmão e da namorada três dias antes do crime. Não acreditou que tudo isso fosse mesmo acontecer, achou que fosse apenas “impulso” dos dois, tentou demovê-los da idéia, mas não conseguiu. “Não somos marginais”, disse ele.

Todos nós nos encaminhamos atrás de Cristian para a garagem, onde a ação começaria a ser reconstituída. Ele parecia estar sofrendo de falta de ar, respirando fundo a cada passo.

Já dentro do carro, mostrou como pegou as armas, escondidas sob o tapete no porta-malas. As

“armas” usadas pela perícia para reconstituir os fatos eram dois bastões feitos com papelão e fita crepe, inofensivos. Demonstrou como os dois irmãos já saíram do carro de luvas, cada um levando seu bastão.

Subiram para o quarto dos pais de Suzane e Cristian acrescentou aqui que tentou fazer barulho para acordar as vítimas, pisando forte no chão. Segundo ele, os dois compar-sas chamaram a sua atenção e ele parou.

Já na porta do quarto, Cristian estava bastante nervoso em reviver todos os momentos do crime. A reconstituição pericial dos fatos faz os envolvidos lembrarem tudo em detalhes e mexe com o estado emocional do criminoso, na maior parte das vezes. Ele tem de repensar, relembrar coisas que não percebeu na hora, mas que vão se instalar em sua memória para sempre. O rapaz, tremendo muito, pediu um copo d’água. Sua calça tremulava como bandeira em dia de vento. Comentava conosco: “Esta parte é difícil”.

Enquanto Cristian se recompunha, um investigador veio até Jane e disse a ela que Andreas, presente na casa durante a reconstituição, estava em seu quarto assistindo ao programa do Datena, no qual eram transmitidas notícias e a simulação dos trabalhos feitos ali. Jane foi até o quarto do menino, abriu a porta e falou: “Você tá assistindo isso aí? Desliga essa TV

e vai pra outro lugar. Investigador, leve o Andreas pra um lugar sem televisão”. Andreas, devidamente acompanhado, saiu pela porta do quarto e deu de cara com Cristian no hall do andar de cima. Os dois se abraçaram, emocionados, e o rapaz beijou o garoto. Jane interferiu novamente, separando os dois e prosseguindo com a reconstituição.

Os trabalhos continuaram. Cristian disse que Suzane estava na porta do quarto quando entraram, mas tudo aconteceu em frações de segundo e ele não sabe se ela ficou ali ou desceu as escadas.

Como a réplica das armas feita pela perícia é bem leve, Cristian representou as pancadas que deu em Marísia com uma mão só, mas sabemos que não foi assim que aconteceu.

Ao descrever as armas que Daniel havia construído, descreveu-as como de ferro, pretas e com punho de madeira. Para erguê-la, certamente era necessário que fossem usadas as duas mãos.

Foi pedido que ele posicionasse os corpos da forma correta. Ele foi para o canto do quarto, chorou muito com o rosto escondido e de cócoras. Sua advogada o acalmou. Ele disse não saber da posição dos corpos, só sabia que Marísia estava coberta, não estava com a mão para fora. Não sabia nada sobre Manfred.

Depois de atacada, Marísia “gemia e roncava muito”, o que fez com que fossem molhar as toalhas no banheiro para abafar o barulho. Daniel ainda teria dito a ele: “Coloca a toalha! Coloca a toalha!”. Deixou a toalha sobre o rosto da vítima, que sangrava muito. Passou a desarrumar a cômoda, enquanto Daniel bagunçava o armário de fundo falso.

Cristian diz que nessa hora estava muito, muito nervoso, completamente fora da realidade.

Jane interrompeu Cristian e perguntou: “Você apenas colocou a toalha no rosto de Marísia? Pensa de novo. .”.

Sabíamos que a toalha estava dentro da boca da vítima, asfixiando-a. Ele sabia a que ela estava se referindo, porque respondeu: “Só coloquei a toalha envolvendo o nariz e a boca, não enfiei a toalha na boca dela”.

Cristian desceu para pegar os sacos de lixo com Suzane.

Subiu novamente as escadas, aproximou-se da cama e colocou o saco na cabeça de Marísia. Ele repetia os movimentos que fez na noite do crime quando Flávio, o cinegrafista, interrompeu-o e disse: “Não precisa colocar o saco na cabeça da colega (a policial). Põe atrás da cabeça dela. No dia você colocou na cabeça dela mesmo, né?”, ao que Cristian respondeu afirmativamente.

Continuaram seus planos como já constava de seu depoimento. Na hora de receber o dinheiro, Cristian reproduziu Suzane tirando-o do próprio bolso e dando para ele, que guardou tudo na mochila. Segundo ele, grande parte do dinheiro ficou com Suzane e Daniel. Ainda afirmou que o dinheiro não foi propriamente dividido, foi “aleatório”, e que não se tratava de um pagamento pelo crime cometido.

O rapaz colaborou, mas pediu para todos os presentes que tivessem coração, explicando que estava na cadeia e que apanhava muito ali. Admitiu seu erro e começou a chorar novamente. Disse que na prisão tinha de ser forte, porque se não fosse apanhava mais. Repetiu que só colocou a toalha sobre o rosto de Marísia, que ninguém foi torturado, que eles estavam deitados e dormindo. Não tinha por que mentir, eles não haviam saído da cama. Sobre Daniel e Suzane, acrescentou: “Eles são namorados, o sentimento é deles. O que eu falei é a verdade”. Salada o acalmou, dizendo que não o estavam questionando e julgando, apenas reconstituindo os fatos.

As últimas cenas foram feitas. Nelas, deixaram então “um monte de pegadas para enganar a perícia, com certeza”

e foram embora. Dessa vez, Daniel dirigia.

A Versão de Suzane

Suzane foi encaminhada para a sala de estudos. Sentou-se em frente à perita Jane, que esclareceu seus direitos e logo perguntou: “O que aconteceu no dia dos fatos?”. Suzane levantou os olhos, encarando Jane com ar de dúvida. Jane explicou: “Tudo, tudo o que houve...”.

Suzane docemente perguntou: “Começando de quando?”. Jane respondeu: “De quando você quiser”. “Do dia?”, pergunta a garota. “Isso, do dia, ou de um dia antes, pode começar por aí”.

Começava aqui o relato mais monótono sobre um crime que eu já ouvi na vida. O tom de voz era sempre o mesmo, baixo, sem emoção. Tudo descrito em detalhes: Suzane: Então, meu dia foi normal... Acordei de manhã, fui pra faculdade, voltei, fui buscar meu irmão no colégio, voltei, almocei, fui levar ele no colégio de volta, pro colégio de inglês, fui buscá-lo, fomos ao shopping, voltamos pra casa... Deixei ele em casa, fui pra casa do Daniel...

Ela olhava para baixo e de vez em quando erguia o olhar, verificando se Jane a estava acompanhando, se precisava falar mais devagar ou mais depressa. Cumpria exatamente o seu dever.

Jane: Você voltou pra casa do Daniel?

De sobrelhas erguidas, respondeu:

Suzane: Não. Eu fui pra casa...

J: Ah, foi pra casa, jantou, né?

S: Não.

J: Shopping, voltou pra casa...

S: Fui pra casa do Daniel.

J: Que horas eram?

S: Umas cinco e pouco. . Aí às dez e pouco o Andreas ligou...

J: Às onze?

S: Não, às dez e meia.

J: Às dez e meia ele ligou... pra você?

S: É. Daniel veio buscá-lo... aí... eu... Daniel, Andreas e eu fomos até o Red Play, deixá-lo no Red Play... e pegamos o Cristian.

J: Pegam o Cristian onde?

S: Perto do Red Play. Até aí eu contei sem detalhes porque acho que não tem nada pra contar.

Suzane deu de ombros. Jane respondeu que tudo bem.

O depoimento dela para os peritos prosseguiu: S: Aí pegamos o Cristian e viemos pra cá... Aí paramos o carro na garagem...

J: Quem dirigia o carro?

S: Eu dirigia o carro.

J: Você entrou na garagem dirigindo o carro... Aí eu quero que você comece a contar com detalhes.

S: Tá.

J: Você dirigia seu carro. . E o que aconteceu no trajeto entre vocês, vocês conversaram alguma coisa ou... teve algum...

S: Eles trocaram de roupa...

J: Então, isso aí é importante pra mim, tá?

Suzane assentiu com a cabeça. Jane pediu então que ela descrevesse o que havia acontecido. Ela continuou no mesmo tom, na mesma expressão facial.

S: Eles trocaram de roupa...

J: Dentro do carro?

S: É.

J: Com o carro andando?

S: É... e colocaram as luvas. Aí nós paramos na garagem.

J: Estava você dirigindo, o Daniel ao lado e o Cristian atrás?

S: Hahã. Aí parei o carro dentro da garagem, eu saí do carro, entrei em casa, a porta tava aberta...

J: A porta, que porta?

S: A porta da frente, a porta marrom. Ela não tava. . ela tava destrancada. Aí eu entrei em casa, fui até o hall, vi que meus pais estavam dormindo.

J: Que horas eram, mais ou menos?

Suzane balançou a cabeça e disse que não sabia exatamente.

J: A horas que você chegou aqui em casa, você lembra?

Suzane balançou negativamente a cabeça.

J: Seus pais estavam dormindo?

S: Acendi a luz e vim aqui pra biblioteca. Aí eu fiquei aqui, eu abri a bolsa...

J: Abriu a bolsa como?

S: Com o segredo. A gente tinha uma pasta marrom... tirei a caixinha branca, fechei a pasta de novo e fiquei sentada. Nesse sofá (aponta com a cabeça) vermelho. Aí eles desceram...

J: Depois de quanto tempo? Quanto tempo você ficou sentada?

Suzane balançou a cabeça novamente.

S: Eu não sei, não foi muito tempo.

J: Dez minutos, cinco minutos, quinze minutos?

S: Um pouco mais de dez minutos, não sei quantos minutos exatamente.

J: Aproximadamente dez minutos?

S: Uns quinze minutos. . Não sei (erguendo os ombros).

Eles desceram, rasgaram a bolsa...

J: Aquela pasta marrom?

Suzane assentiu com a cabeça.

J: Com quê?

S: Acredito que seja uma faca, não vi, mas eu vi a faca depois.

J: A faca é daqui? Quem pegou a faca, você viu?

Suzane balançou negativamente a cabeça.

S: Aí eles trocaram de roupa, antes bagunçaram a biblioteca...

J: Primeiro bagunçaram a biblioteca?

S: É. Trocaram de roupa e a gente foi embora.

Jane perguntou se Salada queria dizer algo. Ele queria reconstituir. Então Jane explicou a Suzane que agora começariam a encenar o que ela havia dito: “Não se esqueça de nenhum detalhe, todo detalhe é fundamental.

Tá? Você está esquecendo...”.

Salada: Durante o tempo em que você entrou e saiu, você chegou a conversar com o Cristian e com o Daniel?

Suzane: Conversar?

Sa: É, falar alguma coisa...

Ela negou com a cabeça.

Sa: Falar alguma coisa, trocar uma palavra, eles te chamaram, pediram alguma coisa?

Suzane novamente balançou a cabeça, negando.

Sa: Nada, você entrou, ficou aqui aguardando? Daqui você não saiu?

Ela confirmou. Não saiu dali. De repente se lembrou: S: Não, fiz uma outra coisa que eu esqueci, quando eu...

depois que eu desci, antes de ir para a biblioteca, eu separei os sacos pretos e deixei aqui no hall de baixo.

J: Separou os sacos plásticos...

S: E deixei ali no chão do hall. Aqui embaixo.

Sa: Perto de onde, perto do hall, perto da escada?

S: Em cima do tapete azul.

Sa: Por curiosidade, por que você pegou o saco plástico?

S: Porque eles pediram que eu separasse, antes de chegar.

Sa: Ah, antes de você chegar?

Suzane assentiu com a cabeça.

S: Antes eles falaram: “Separa uns sacos plásticos”, e eu deixei lá no chão.

Sa: E onde ficavam guardados os sacos plásticos?

S: Na despensa.

Jane e Salada se entreolharam e resolveram que era hora de partir para a ação. Suzane foi encaminhada para a garagem, onde estava seu Gol. Ela abriu o primeiro sorriso do dia e disse, espantada: “Olha, é o meu carro mesmo!”.

Os jornalistas, na porta da garagem, enlouqueciam de gritar para que ela olhasse para eles. Os flashes pipocavam sem parar. Dava medo sair lá fora.

A reconstituição começou no carro. Depois disso, quando Suzane cruzou a área da piscina, ensurdecemos com o barulho dos helicópteros sobrevoando nossas cabeças. A cena da garota, de cabeça baixa, com as mãos cruzadas na frente do corpo, atravessando a área da piscina de sua casa, foi mostrada em quase todas as redes de televisão.

Suzane foi refazendo seu caminho dentro da casa. Eu esperava que alguma emoção traspassasse seu rosto em algum momento, mas isso não aconteceu. Eu esperava que ela tremesse, nem que fosse de medo, ao chegar à porta do quarto dos pais e acender a luz do corredor. Nada. A reconstituição seguiu em paz.

No pé da escada, fez um sinal de positivo, com o polegar direito, liberando o caminho para Cristian e Daniel, que co-meçaram a subir as escadas. Na versão de Suzane, ela seguiu para a cozinha e não ficou na porta do quarto na hora em que eles entraram para matar. Imediatamente meu raciocínio fez uma contagem interessante de tempo. Mesmo que ela não tenha ficado na porta do quarto, a ação deles teve início antes que ela seguisse para a biblioteca. Se o assassinato aconteceu como Cristian e Daniel descreveram, muito rápido, algumas passadas dentro do quarto e os bastões desceram sobre a cabeça do casal, foram emitidos roncões altos e gemidos, então como seria possível que Suzane não tivesse escutado nada?

Como entender que ela não tenha saído correndo e, em vez disso, tenha vestido a luva apenas na mão esquerda, tirado calmamente os sacos de lixo do armário da despensa e os deixado ao pé da escada para só então se sentar e esperar?

Estranho, muito estranho.

Suzane continuou a reconstituição dos fatos, seguindo até a biblioteca, sentando-se no sofá vermelho e tapando os ouvidos. Flávio então perguntou: “Você fez assim porque você estava ouvindo alguma coisa ou porque não queria ouvir?”, ao que ela responde: “Eu não queria ouvir”.

A garota prendeu seus cabelos em um nó, como um coque atrás da cabeça. Demonstrou um mínimo de ner-vosismo, uma alteração que só viu quem prestava muita atenção e se deu apenas nessa hora, quando foi perguntada se ouviu ou não algum barulho. Limpou algumas lágrimas fugidias. Ela então se levantou e prosseguiu.

Disse que não tirou o dinheiro da caixinha branca, apenas a abriu e deixou sobre a prateleira. Foi quando Daniel e Cristian chegaram. Ela saiu e sentou-se na sala de estar, enquanto os dois bagunçavam a biblioteca. Depois voltou para lá, cruzando com Cristian, que estava saindo. Olhou a desordem e resolveu voltar para a sala, quando cruzou novamente com Cristian, que voltava com as jóias na mão.

Sentou-se no sofá e aguardou a chegada de Cristian na sala, que começou a guardar o produto do roubo em sua mochila. Daniel também se aproximou. Todos foram para a porta da frente, onde os meninos trocaram de roupa, guardaram tudo o que foi usado para praticar o crime dentro de outro saco de lixo preto e cruzaram novamente a área da piscina em direção à garagem. Por fim, declarou que Daniel não comentou com ela que tinha feito os instrumentos para a execução do crime.

A Versão de Daniel

Jane explicou para Daniel que a advogada dele estaria sempre por perto, assistindo a tudo. Perguntou ao rapaz: “Você está sendo coagido a fazer esta reconstrução ou está fazendo esta reconstrução de livre e espontânea vontade?”.

“De livre vontade”, respondeu Daniel.

Todos foram para a garagem. Eram 18h10. Daniel já estava chorando, antes mesmo de começar a reconstituir sua versão dos fatos. As versões até que eram bastante semelhantes, com diferenças que não alteravam os fatos.

Segundo Daniel, ele e Cristian esperaram no pé da escada que Suzane fosse ver se os pais estavam dormindo. Ela os chamou para subir do patamar intermediário. Subiu com eles e só então acendeu a luz do hall, para que enxergassem. Jane perguntou quem entrou primeiro no quarto. Daniel respondeu que foi ele e limpou as lágrimas no ombro da camisa.

Jane perguntou sobre Cristian, e o rapaz respondeu que o irmão entrou no quarto logo atrás dele. E que foi nessa hora que Suzane desceu as escadas.

Os irmãos entraram na penumbra do quarto, cada um em direção a um lado da cama. Daniel respirou fundo, chorou muito, mas reconstruiu as pancadas que deu em Manfred, não sem antes ajeitar a mão do policial para fora da cama, posicionando a vítima corretamente. Disse que não sabia exatamente quantas vezes golpeou o sogro. Lar-gou o bastão no chão. Antes de continuar os trabalhos de reconstituição, encostou-se na parede, sentou-se no chão e teve uma crise de choro. Não parava de repetir que o policial que estava fazendo o papel de Manfred era a cara dele, que Manfred estava ali. Nós todos que estávamos

presentes no quarto do casal sentimos arrepios e trocamos olhares ansiosos. Não temos as lembranças que Daniel tem ao reconstruir o crime. Provavelmente ele ouve os barulhos, quase sente o sangue respingar, revive literalmente o momento do assassinato, dessa vez sem a adrenalina e tendo tempo para refletir sobre cada movimento seu.

O fato de o investigador ser realmente muito parecido com a vítima transtornou completamente o assassino. A advogada Dra. Gislaine se aproximou e tentou acalmá-lo.

Em vão. Daniel chorava copiosamente e tinha ânsias de vômito. Foi conduzido ao banheiro por Salgueiro.

O perito tinha acabado de chegar de outra reconstituição: um filho também havia matado o pai a pancadas, a pauladas, na rua Forte Alcântara, 25º DP, extremo sul de São Paulo. Chegou a convidar a imprensa para acompanhá-lo nesse outro caso de parricídio, mas num endereço tão “pobre” ninguém se interessou, apesar de ser um caso muito parecido com o da rua Zacarias de Góis.

No banheiro, Daniel abaixou a cabeça na pia, desconsola-do. Salgueiro começou a acalmar o garoto, dizendo que agora ele tinha que colaborar, que infelizmente a polícia estava ali para fazer esse trabalho. Daniel se levantou e abraçou o perito, chorando ainda. Ele recebeu o abraço sem constrangimento.

Provavelmente o rapaz se lembrava do respeito com que foi tratado no dia em que Salgueiro esteve ali na casa retirando a cabeceira da cama. Tinha sido estabelecida uma espécie de relação de confiança naquele dia. Um pouco depois, Salgueiro deu um cigarro a ele e esperou que se acalmasse. Existia o perigo de o descontrole ser tanto que os trabalhos tivessem de ser interrompidos.

Salgueiro conversou com a Dra. Gislaine. Disse que com-preendia, não estava julgando, sabia que algumas pessoas só cometem crimes em situações específicas, mas que a reconstituição tinha de ser levada adiante. Virou para Daniel e disse: “Daniel, vamos lá lavar o rosto e beber um pouco d’água”.

O rapaz o acompanhou de bom grado. Abraçou novamente o perito e, chorando, repetia: “O que foi que eu fiz, o que foi que eu fiz...”.

Salgueiro disse a Daniel: “Tenha força, tenha fé. Vamos fazer uma oração”.

Formou-se uma roda com os presentes e todos rezaram.

Daniel finalmente se acalmou. Pediu para continuar a reconstituição de mãos dadas com a Jane. Ela concordou e também providenciou para que o investigador que fazia o papel de Manfred fosse trocado.

Os trabalhos recomeçaram. Daniel molhou a toalha na torneira da pia e abaixou a cabeça novamente. Flávio, Jane e Edson começaram um coro de “vamos lá, vamos em frente, vamos acabar”, incentivando o garoto, achando que ele fosse parar de novo. Ele então explicou que não ia parar, é que no dia do crime tinha abaixado a cabeça na pia. Aliviados, cinegrafista, perita e fotógrafo seguiram Daniel novamente até o quarto.

Com dificuldade em respirar, Daniel colocou a toalha molhada no rosto do investigador, titubeando. Ajoelhou-se ao lado da cama e passou a segurar o braço de “Manfred”, chacoalhando-o. Jane perguntou para que ele fazia isso. Ele respondeu: “Ele não acordava... Eu ficava mexendo, mexendo... Ele fazia muito barulho... Eu fiquei com medo do barulho. Aí eu vi que ele não acordava mais. O barulho não parava e aí eu descí para pegar uma vasilha na cozinha”.

Daniel voltou com a jarra e foi ao banheiro enchê-la de água. Retornou ao quarto do casal, retirou a toalha do rosto de sua vítima e jogou água nele, “para ver se ele acordava”.

Jane perguntou se Marísia também fazia sons, e ele confirmou. Jane ainda questionou: “Você saiu, foi lavar as mãos, foi olhá-la ou simplesmente desceu a escada?”. Daniel respondeu: “Meu irmão demorou um pouco mais na Marísia”.

Jane continuou: “Ele estava como, o seu irmão, ele estava com toalha, com o quê?”. Daniel lembrou que Cristian também colocara uma toalha em cima de Marísia. Ele não sabia bem, porque evitava olhar para ela. “Não olhava em hipótese alguma”, dizia ele.

Daniel continuou a demonstrar todas as suas ações no quarto. Salada ainda perguntou por que mexeu na arma.

Daniel respondeu que era para parecer um roubo. Explicou que na hora estava “completamente fora”, não raciocinava direito. Ficou sem ação e simplesmente jogou a arma em cima da cama. Salada ainda perguntou para Daniel se reparou que, em algum momento, Suzane tivesse ido para o andar de cima da casa. Ele respondeu que reparou e afirmou que ela não subiu em nenhum momento, mas corrigiu, ele não a tinha visto ali em cima, mas não podia afirmar que ela não tivesse subido em algum momento.

Eu queria muito saber se Suzane, quando Daniel desceu, havia se interessado sobre o que havia acontecido. Pedi que Jane e Salada perguntassem para Daniel sobre isso. Jane falou: “Daniel, quando você chegou lá e encontrou com a Suzane, ela perguntou alguma coisa para você, tipo fez, não fez, eles morreram, não morreram?”. Daniel se encostou na parede e pensou por alguns momentos. Respondeu: “Ela perguntou alguma coisa referente a isso, eu quero só saber como ela perguntou. . Como ela perguntou?”. Jane completou: “Foi na biblioteca, foi na sala, foi no carro?”.

Ele disse que sabia que havia sido dentro da casa, mas não lembrava onde.

Salada continuou: “Ela perguntou de que forma, se vocês tinham conseguido, se eles estavam mortos, e aí, tudo bem, fez o serviço, deu certo, deu errado?”. Jane emendou: “Já acabou?”. Daniel levantou a cabeça imediatamente ao ouvir a frase e disse: “Isso, já acabou, já acabou, foi isso o que ela falou. Já acabou ou alguma coisa muito semelhante a isso.

Eu falei que sim”.

Todos então desceram as escadas para que a reconstituição continuasse no andar de baixo.

Daniel e “Suzane” foram para a biblioteca, desarrumar tudo. “Cristian” entrou e ele saiu para buscar as facas na cozinha. Na versão dele, Suzane falou que era preciso cortar a pasta, que ela não havia conseguido. Ele então respondeu: “Pode deixar que eu faço”.

Os três se encontraram na sala de estar, onde Daniel e Cristian trocaram de roupa. Daniel então percebeu que esquecera as armas do crime no quarto do casal e voltou para pegá-las.

Foram para a área da piscina, guardaram tudo num saco, simularam as pegadas na janela e saíram pela garagem.

*

A última parte dos trabalhos aconteceu no quarto do casal. Estavam presentes Jane, Salada, André Morrone (o médico-legista), o promotor Virgílio e eu. Ali, reproduzimos a ação que acabara de ser descrita por Cristian e Daniel, para ver se era possível que o crime tivesse acontecido daquela maneira. Jane fez o papel de Marísia; Salada, o de Manfred, os dois de lado, virados para a janela. As manchas de sangue no teto nos guiaram para posicionar os assassinos.

Sim, tecnicamente era possível que tudo tivesse ocorrido daquela maneira, inclusive as pernas

cruzadas da vítima.

Marísia provavelmente acabou morrendo mais para o meio da cama porque podia ter sofrido convulsões, o que também explicaria as dobras em sua calça. Daniel teve mais eficiência em seus golpes, que foram mais reduzidos, porque é destro e estava posicionado de forma que seus movimentos estivessem “na mão certa”. Cristian teve mais dificuldade, bateu mais, porque também é destro e estava na “contramão”. A proximidade entre a parede e a janela também atrapalhou seus golpes.

A toalha dentro da boca de Marísia tinha de ter sido colocada ali por Cristian, que fora o único a se aproximar do corpo dela. Isso não aconteceria ao acaso, teria de ser proposital. As toalhas em cima dos rostos pareciam ser mais uma tentativa de asfixia, para cessar o barulho que as vítimas faziam, do que um ato de pudor. O saco de lixo colocado na cabeça de Marísia, sim, era para encobrir a grande quantidade de sangue e ferimentos, uma vez que seu crânio se esfacelou, enquanto o de Manfred permaneceu inteiro. A pressão interna no crânio de Manfred fez com que ele morresse mais rápido e com menos agonia. Marísia não teve tanta sorte.

Faltava uma definição melhor do instrumento do crime.

André Morrone explicou que o ferimento na têmpora de Manfred só podia ser explicado se tivesse sido causado por uma superfície plana e perfurada, causando a pressão que faria com que a pele “entrasse” pelo buraco, deixando sua dimensão marcada. Segundo o Dr. André, aquele tipo de equimose não poderia ter sido causado pelo cano de uma arma.

Jane e eu descemos as escadas e nos dirigimos para o quarto das empregadas, onde estava Cristian. Explicamos nossas dúvidas e ele logo esclareceu que o bastão era perfurado, porque tinha sido feito por Daniel com algo parecido com um “pé de prateleira”, dessas furadinhas. Disse que se pedíssemos a Daniel ele, habilidoso que era, desenharia para nós. Daniel realmente colaborou, desenhando a arma numa folha do caderno de Jane. Ela foi entregue por mim ao promotor Roberto Tardelli.

Finalmente os trabalhos daquele dia estavam encerrados.

Ainda me reuni com Jane e Cíntia, perguntando a elas se algo do que ali se passara não poderia ser revelado. As duas, em uníssono, disseram-me que nenhuma informação era sigilosa, tudo estaria no inquérito. Existiam algumas diferenças entre as versões, mas nenhuma delas era muito importante para o processo.

Sáímos. Enquanto as duas enfrentaram a turba de repórteres, fui para casa tentar descansar. Tarefa difícil para quem havia passado um dia como esse!

*

No dia seguinte, ao chegar ao meu escritório, procurei por toda a internet móveis que tivessem perfurações com aproximadamente 16 milímetros de diâmetro. Todos têm menos do que isso. A única coisa que encontrei com a medida aproximada do ferimento na cabeça de Manfred von Richthofen foi um perfilado de ferro usado em obras, à venda em casas de material de construção.

*

Muita coisa aconteceu de lá para cá, assunto de um próximo livro, contando a vida de Suzane, Cristian e Daniel na prisão, os *habeas corpus* que os libertaram, por que perderam novamente a liberdade, o julgamento, enfim, como funciona a Justiça no Brasil.

Estarei presente no julgamento para poder escrever o final de *O Quinto Mandamento: Justiça Seja*

Feita. Em plenário, o promotor Roberto Tardelli e o advogado Alberto Zacharias Toron como assistente da acusação pedirão a condenação. Em defesa dos irmãos Cravinhos, o advogado A. Geraldo Jabur.

Em defesa de Suzane Louise von Richthofen, os advogados Mário de Oliveira Filho e Mário Sérgio de Oliveira. Veremos então como a justiça será feita.

Escolhi terminar este livro com a transcrição, na íntegra, da carta de Suzane Louise von Richthofen para os pais de Daniel Cravinhos de Paula e Silva, Nadja e Astrogildo, em 22 de novembro de 2002. Essa é a única pista que temos de como Suzane se sentia após o crime, dúvida que paira em todas as mentes do Brasil.

22/11/2002

Nadja / Cravinhos,

eu não sei se o meu primeiro bilhelinho chegou até vocês, mas de qualquer jeito eu gostaria de pedir novamente (e mais um milhão de vezes) perdão! Eu gostaria de coração que vocês pudessem me perdoar, porque eu amo muito vocês.

Eu sei que a barra não deve estar nenhum pouquinho fácil para vocês - para mim também não está, mas eu gostaria muito que vocês me mandassem notícias de vocês. Como vocês estão de saúde, como está a dona Inês, enfim alguma palavrinha. Se vocês não quiserem me escrever, mandem alguma notícia pela advogada. Eu me preocupo muito com vocês e, se de alguma forma eu puder ajudar, não hesitem em pedir.

Mesmo que vocês nunca mais queiram nem ouvir falar do meu nome eu quero que vocês saibam que vocês moram e vão sempre morar no meu coração.

Eu lhes desejo toda a sorte do mundo e, acima de tudo, muita força.

Mandem um beijão para a dona Inês e um especialmente enorme e cheio de carinho para vocês. Nunca se esqueçam que eu amo muito vocês dois.

Com carinho

Su

PS: Mandem um super beijo pro Dandan e outro pro Cris.
E por favor entreguem essa outra cartinha a ele. Obrigada
Beijos Su

Fotos da Reconstituição



A Versão de Cristian

Entrevista inicial com Cristian.

Cristian pegando os bastões.



Cristian entregando o bastão para “Daniel”.

Cristian recebendo as luvas.

Cristian na porta do
quarto do casal.

162



Cristian e “Daniel” indo ao ataque.

Cristian – Os golpes A.

Cristian – Os golpes B.

163



Cristian – Toalha no rosto de “Marísia”.

Cristian revirando a cômoda.



“Daniel” e Cristian molhando as toalhas.

Cristian pegando o saco de lixo.





Cristian “ensacando” a

Cristian pegando o
cabeça de “Marísia”.

revólver do chão.

Cristian colocando o revólver

Cristian e “Suzane”

ao lado de “Manfred”.

bagunçando a biblioteca.

166





“Suzane” tirando o dinheiro do bolso.
Cristian recebendo o dinheiro de “Suzane”.
Cristian guardando o dinheiro na mochila.

167





“Daniel” lavando os bastões na piscina.

Cristian pulando a janela.

Os três indo embora.

168





A Versão de Suzane

Entrevista inicial – Jane e Suzane.

Suzane dirigindo seu carro.

169





Suzane cruzando a
Suzane entrando na casa.

área da piscina.

Suzane subindo as escadas.

Suzane acendendo a luz.

170





Suzane olhando os pais A.

Suzane olhando os pais B.

Suzane fazendo sinal.

171





Suzane tirando a luva do bolso.

Suzane colocando a luva.

Suzane pegando

Suzane deixa os sacos

os sacos de lixo.

no pé da escada.

172





Suzane no sofá da biblioteca.

Suzane tapando os ouvidos.

Suzane pegando a pasta.

Suzane deixando a caixa
branca na prateleira.



Suzane com “Cristian” e “Daniel” revirando a biblioteca.

Suzane na sala de estar.



Suzane e Daniel bagunçando a biblioteca.

“Cristian” chegando com as jóias.



“Cristian” guardando as jóias na mochila.

“Cristian” pegando o dinheiro.

“Daniel” e “Cristian” trocam de roupa.



“Daniel” e “Cristian” guardam roupas e bastões no saco.

Saindo de carro.



A Versão de Daniel
Daniel saindo do carro.

Daniel, “Suzane” e “Cristian”
entrando na casa.

“Suzane” chama os dois irmãos.

178



“Suzane” acende a luz do hall.

Daniel e “Cristian” entrando no quarto do casal.

179



Daniel golpeando “Manfred” A.

Daniel golpeando “Manfred” B.

Daniel golpeando “Manfred” D.

180





Daniel pega a toalha.

Daniel cobre o rosto de “Manfred”.

Daniel sacode “Manfred”.

181





Daniel joga água no rosto de “Manfred”.

Daniel de mão dada com Jane.

182





Jane questionando Daniel.
Daniel abrindo o fundo falso.

183





Daniel colocando a arma em cima da cama.

Daniel e “Suzane” simulando bagunça.

184





Daniel pegando as facas na cozinha.

Daniel cortando a pasta.

185





Daniel recolhendo os bastões.

Daniel e “Cristian” guardando os bastões.

186



Daniel, “Cristian” e “Suzane” guardando as roupas.

Daniel pulando a janela.

187



Fotos Especiais

“Aqui mora gente feliz.”

188



Reconstituição na rua Forte Alcântara.

Aeromodelo no quarto de Andreas.

189



Suzane em conversa com peritos.

Ilana Casoy na reconstituição.





Imprensa na porta da garagem entrevistando Jane.

Imprensa na porta da casa.

A mídia.

Table of Contents

Sobrecapa	
Índice	
Rosto	
Créditos	
Dedicatória	
Agradecimentos	
Prefácio	
Prólogo	
O Crime	
Caso de Polícia	
A Perícia	
O Exame de Manfred	
O Exame de Marísia	
O Exame da Arma	
31 de outubro de 2002	
1º de novembro de 2002	
2 de novembro de 2002	
3 de novembro de 2002	
4 de novembro de 2002	
5 de novembro de 2002	
6 de novembro de 2002	
7 de novembro de 2002	
8 de novembro de 2002	
Fotos da Reconstituição	
Fotos Especiais	